



Viviane Vomeiro Luiz Sobrinho

# Pontuação na internet

Usos não convencionais de  
vírgulas em bate-papos virtuais

# PONTUAÇÃO NA INTERNET

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

*Presidente do Conselho Curador*  
Herman Jacobus Cornelis Voorwald

*Diretor-Presidente*  
José Castilho Marques Neto

*Editor Executivo*  
Jézio Hernani Bomfim Gutierre

*Conselho Editorial Acadêmico*

Alberto Tsuyoshi Ikeda

Áureo Busetto

Célia Aparecida Ferreira Tolentino

Eda Maria Góes

Elisabete Maniglia

Elisabeth Criscuolo Urbinati

Ildeberto Muniz de Almeida

Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan

Nilson Ghirardello

Vicente Pleitez

*Editores Assistentes*

Anderson Nobara

Fabiana Miotto

Jorge Pereira Filho

VIVIANE VOMEIRO LUIZ  
SOBRINHO

**PONTUAÇÃO NA  
INTERNET**

USOS NÃO CONVENCIONAIS DE  
VÍRGULAS EM BATE-PAPOS VIRTUAIS



© 2012 Editora UNESP

Direitos de publicação reservados à:  
Fundação Editora da UNESP (FEU)

Praça da Sé, 108  
01001-900 – São Paulo – SP  
Tel.: (0xx11) 3242-7171  
Fax: (0xx11) 3242-7172  
www.editoraunesp.com.br  
feu@editora.unesp.br

CIP – Brasil. Catalogação na fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

L979p

Luiz Sobrinho, Viviane Vomeiro

Pontuação na internet : usos não convencionais de vírgulas  
em bate-papos virtuais / Viviane Vomeiro Luiz Sobrinho. São Paulo:  
Editora Unesp, 2012.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-393-0381-6

1. Aquisição de linguagem. 2. Psicolinguística. 3. Comunicação escrita. 4. Análise prosódica (Linguística). 5. Comunicação na tecnologia. 6. Comunicação e tecnologia. I. Título.

12-9347

CDD: 401.9

CDU: 81'42

---

Este livro é publicado pelo projeto Edição de Textos de Docentes e  
Pós-Graduados da UNESP – Pró-Reitoria de Pós-Graduação  
da UNESP (PROPG) / Fundação Editora da UNESP (FEU)

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias  
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de  
Editoras Universitárias

# SUMÁRIO

Apresentação	7
Notas introdutórias	9
1 Escrita e pontuação	23
2 O bate-papo virtual	63
3 Análise linguística da ausência de vírgulas	103
Considerações finais	145
Referências bibliográficas	151



# APRESENTAÇÃO

Pensar sobre internet, língua e linguagem nas ciências humanas já não é mais algo novo. Atualmente, vários trabalhos têm abordado a temática. A pontuação, por outro lado, não tem sido destacada como objeto de estudo nos inúmeros trabalhos sobre letramento e tecnologias digitais. É o ineditismo do tema que motiva meu desejo de publicar este livro, para, por meio dele, ter a possibilidade de dialogar com diferentes vozes e sujeitos e de expor ideias que possibilitem o surgimento de outros estudos sobre pontuação e internet.

Neste trabalho, há a preocupação em distanciar-se da concepção de escrita e pontuação na internet como “fonetizada” e “oralizada”, como uma forma de “evolução” da língua, ou como uma deturpação do idioma. A partir de uma concepção heterogênea de escrita, língua e linguagem, as produções na internet são entendidas, nesta obra, como um trabalho do sujeito com a escrita, o qual possibilita que o sentido e o diálogo se estabeleçam em novos gêneros discursivos, como o bate-papo virtual.

Com enfoque na pontuação e, principalmente, na ausência de vírgulas (em lugares em que vírgulas poderiam ser utilizadas pelos escreventes), observam-se, ao longo do trabalho, os usos não convencionais de vírgulas, nos enunciados digitais, como “pegadas”/“pistas” que evidenciam o trânsito do escrevente de bate-papo virtual entre



*práticas orais/faladas e práticas letradas/escritas*. A análise linguística de dados do bate-papo virtual pesquisado possibilitou observar que há regularidades nos usos não convencionais de vírgulas, os quais parecem ocorrer ora como “marcas” da relação entre oralidade/fala e letramento/escrita, empreendida pelo escrevente, e ora como tentativas de “apagamento” de uma possível relação (intersemiótica) que poderia ser estabelecida entre as práticas linguísticas faladas e escritas.

Nas próximas páginas, o leitor terá contato com o resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do programa da pós-graduação de Estudos Linguísticos da Unesp de São José do Rio Preto, concluído em 2010. Trata-se do projeto de mestrado intitulado *Ausência de vírgulas em bate-papos virtuais produzidos por crianças: um enfoque prosódico-discursivo*, financiado pela Fapesp e orientado pela professora Fabiana Komesu.

Além de Fabiana Komesu, outros pesquisadores também constituem a complexidade enunciativa desta obra, em especial Luciani Tenani, Júlio César Araújo, Lourenço Chacon e Manoel Corrêa. Esses acadêmicos ensinaram-me, nos últimos anos, que fazer pesquisa é mais do que conhecer teorias e mostrar resultados; é compartilhar saberes e conhecimentos.

# 1

## NOTAS INTRODUTÓRIAS

Nosso objetivo é estudar o uso não convencional de vírgulas em enunciados escritos por crianças que frequentam bate-papos virtuais (ou *chats*, em inglês) em aberto na internet. O *corpus* é composto por seis “conversas” coletadas em salas virtuais destinadas a um público infanto-juvenil entre 8 e 12 anos de idade, nas quais até quarenta pessoas podiam interagir simultaneamente. Objetivamos descrever e problematizar aspectos linguísticos desse conjunto de dados no que tange à ausência de vírgulas, os quais contribuam para a reflexão sobre a emergência de um novo *gênero do discurso* (Bakhtin, 1997) – ou seja, para a reflexão sobre uma forma enunciativa ligada a um contexto de comunicação e a determinada cultura. Além desse objetivo geral, propomo-nos a:

(i) estudar a constituição de um *ritmo da escrita* (Chacon, 1998), que parece ser empreendido por meio de ausência de vírgulas nos enunciados digitais;

(ii) estudar os contextos pragmáticos, enunciativos e discursivos que possibilitam ao escrevente *não utilizar* vírgulas no exercício desse gênero de discurso;

(iii) refletir sobre como se constitui a relação fala/escrita nesse suporte tecnológico;

(iv) refletir sobre aspectos linguístico-discursivos relacionados ao surgimento de um novo *gênero do discurso*.

## Sobre os pressupostos teóricos da pesquisa

Os pressupostos teórico-metodológicos desta pesquisa estão relacionados a uma concepção enunciativa de língua e de discurso, conforme proposto por Bakhtin (1979, 1997). É certo que o autor russo desenvolveu reflexões sobre linguagem anteriores ao advento da internet; entretanto, suas proposições são atuais e relevantes na definição de (novos) enunciados com características divergentes daquelas dos textos tradicionais – como o uso de desenhos e “caretinhas” (*emoticons*), emprego de expressões onomatopeicas, ortografia e pontuação não convencionais etc., que se propagam na chamada *Era Digital*.

Para Bakhtin (1997), o enunciado é a unidade real de comunicação verbal, à qual o(s) discurso(s) se molda(m). Os gêneros do discurso, do ponto de vista do autor, são o modo concreto de existência da língua, compostos por enunciados semelhantes, com traços comuns (*conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional*). Tais traços conferem um estatuto relativamente estável tanto à “forma” de um dizer quanto ao gênero a essa forma relacionado. Essa “forma” linguística relativamente estável liga-se às esferas de comunicação humana e poderá ter inúmeros sentidos (não *quaisquer uns*), sendo ressignificada cada vez que for proferida e/ou lida – já que envolverá pessoas diferentes e/ou uma situação comunicativa diferente, em certa sociedade e cultura, em certo tempo histórico.

Em uma concepção enunciativa de língua, o sentido não se concentra no eu/locutor, nem no outro/interlocutor; ele é estabelecido em uma *relação radicalmente dialógica*. Dito de outro modo, o sentido está na interação dinâmica entre os sujeitos, em uma atividade de *réplica*, no sentido bakhtiniano. O gênero discursivo, na perspectiva de Bakhtin, não é apenas uma forma linguística, mas uma forma enunciativa que depende muito mais do contexto comunicativo e da cultura do que da própria palavra. O pesquisador pode apreender os traços dos gêneros, principalmente, por meio desse viés dinâmico (do processo) de produção.

Ao assumir uma concepção bakhtiniana, as noções de gêneros do discurso, de enunciado e de dialogismo tornam-se fundamentais. Com

o respaldo teórico de outros autores que seguem de maneira mais ou menos próxima as reflexões de Bakhtin (pensamos, por exemplo, em Araújo, 2004, 2005, 2006a; Chacon, 1998; Corrêa, 2004; Esrael, 2005, entre outros), buscamos, ao longo de nosso estudo, marcas linguísticas que reflitam as formas dos enunciados que compõem o bate-papo virtual em aberto no que se refere à ausência de vírgulas.

A noção de heterogeneidade da linguagem, da língua e, em especial, da escrita – conforme proposto por Corrêa (2004) – é fundamental nesta pesquisa e está articulada ao estudo dos gêneros do discurso. A heterogeneidade própria da linguagem pode ser apreendida, na escrita, por “rastros” que os escreventes deixam, nos enunciados, da relação que estabelecem com práticas da oralidade/fala. Distanciamos-nos, assim, de uma concepção segundo a qual na *web* a escrita seria “atravessada” pela fala; partimos de um conceito segundo o qual a atividade de escrita está – tanto na internet quanto fora dela – em constante diálogo com aspectos provindos das práticas orais/faladas (e letradas/escritas) dos escreventes, o que nos leva a compartilhar, portanto, o conceito de *heterogeneidade da escrita* (ibidem) e a rejeitar a noção de “erro” para as ocorrências não convencionais na escrita na internet.

## Sobre as motivações para a realização da pesquisa

Ao focar a escrita na internet e questionar se haveria “certo” e “errado” em linguagem, refletimos, no presente trabalho, sobre a imagem da língua portuguesa como *semióforo* (Conceição, 2008); em outras palavras, buscamos desnaturalizar a ideia de pureza de um dos símbolos de unidade da nação.

[...] aprendemos na escola que todos falamos a mesma, a única e homogênea língua portuguesa em todo o país. No caso da língua, a força persuasiva dessa representação transparece quando é colocada em ação, isto é, quando se resolve imaginariamente uma tensão real produtora de contradições que passam despercebidas na sociedade como um todo, inclusive no âmbito escolar. (ibidem, p.101)

Vários profissionais envolvidos com o ensino e/ou a pesquisa da língua portuguesa consideram que a escrita na internet (popularmente conhecida como *internetês*) denigre a língua nacional – conforme ilustrado a seguir em comentário de um leitor sobre matéria publicada na revista *Galileu* (abril de 2009) a propósito da prática de escrita de crianças e adolescentes na *web*:<sup>1</sup>

Sinto saudades das canetas que escreviam com penas... o português formal, correto, as crianças já na pré-escola, aprendiam as sílabas, era invejável...hj, sinto náuseas ouvir os bate-papos da juventude, ainda bem que meus filhos cresceram longe desta juventude atual, sou pedagoga e defendo a educação antiga, sou contra a psicologia moderna...estão denigrando o idioma brasileiro...acordem educadores...incentivem a pronúncia correta dos brasileirinhos desta pátria amada, abraços.<sup>2</sup>

Não apenas profissionais envolvidos direta ou indiretamente com o ensino de língua portuguesa, mas também pessoas da sociedade em geral, incluindo adolescentes e jovens que acessam a internet, compartilham da concepção de que a escrita “errada” na internet corrompe “a” língua portuguesa. No Orkut – conhecido *site* de relacionamentos – são várias as comunidades em que os participantes, em sua maioria jovens, exaltam a defesa do uso da língua portuguesa segundo manuais normativos. Em uma dessas comunidades, por exemplo, o moderador assim descreve os objetivos do grupo:

[...] para quem está de saco cheio desse pessoal que escreve errado, insiste em escrever errado, e não usa pontuação na internet.

---

1 A matéria em questão intitula-se “Vc Tb gosta d escreve axim??!?!”. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDR86845-8489,00.html>>. Acesso em: 19 abr. 2009.

2 A transcrição deste e de outros comentários sobre o chamado “internetês” mantém a grafia do texto original. Este e outros comentários de leitores da revista *Galileu* a propósito da escrita na internet estão disponíveis em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG86845-8489-213,00-VC+TB+GOSTA+D+ESCREVE+ASSIM.html>>. Acesso em: 19 abr. 2009.

Chega de trucidar a língua portuguesa, “última flor do Lácio”, com estapafúrdios como “naum”, “kd”, “pakas”, “moleks” etc! Chega de frases sem vírgula, sem ponto, sem capitalização devida, e que nunca terminam! [...]

Não é necessário que se escreva certo, seja literato, nem membro da ABL -- basta tentar escrever certo, porra! Atenda você também o nosso chamado! Pegue o seu Super-Aurélio, levante-o ao alto, peça inspiração aos Deuses ultrajados da língua portuguesa e, <pa!>, dê na cabeça de qualquer um que escreva essas barbaridades! Povo que foi a escola, uní-vos!<sup>3</sup>

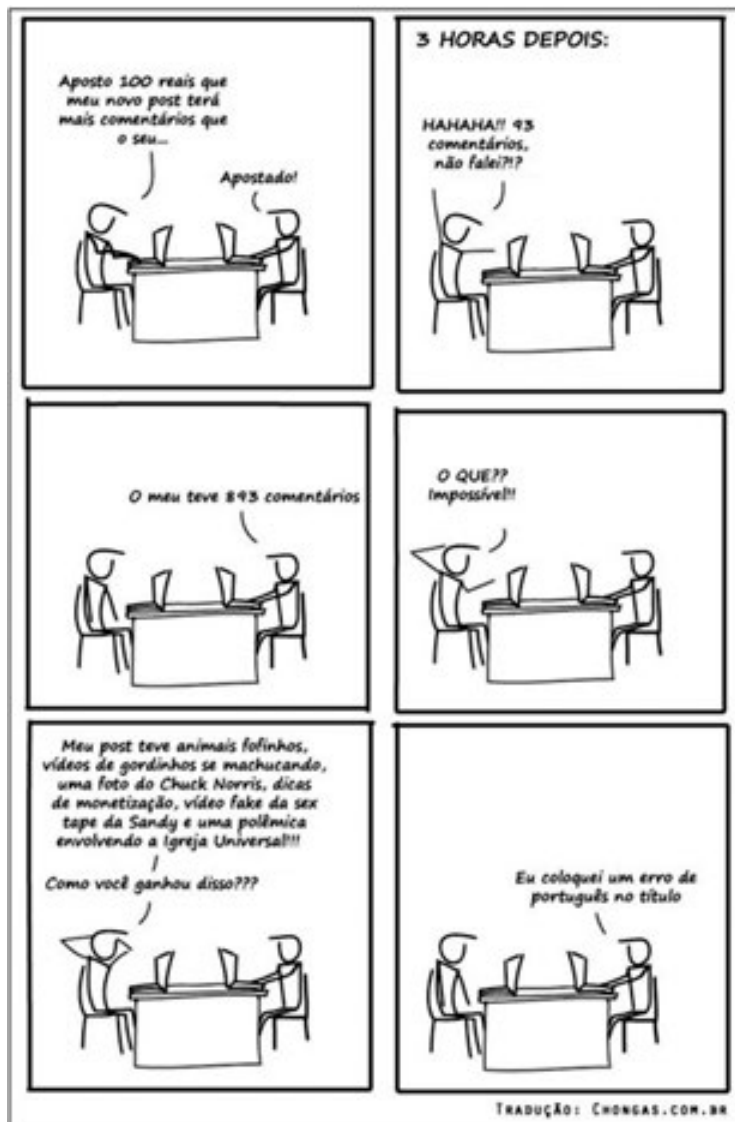
Nesse comentário, a passagem “chega de frases sem vírgulas, sem ponto” indica um “erro” de escrita e parece evidenciar que a ausência de vírgulas, e de sinais de pontuação, tem sido percebida por alguns internautas. Os dois comentários expostos reforçam a tese de Conceição (ibidem, p.20), a de que o idioma de um país é “um símbolo de unidade nacional a partir do qual um grupo de pessoas se identifica”. Esse grupo, na defesa de textos por ele considerados *higienizados*, *limpos*, sem *marcas* dos sujeitos, fica estarecido com práticas de escrita, como algumas na internet, que fogem ao que é convencional/normativo em termos ortográficos, gramaticais, de uso de pontuação.

Vejamos, ainda como exemplo, uma tirinha que trata da escrita na internet.

---

3 Descrição da comunidade “Eu Escrevo Certo em Português”. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=102094>>. Acesso em: 15 jan. 2010.

Figura 1 – *Blog do Chongas*<sup>4</sup>



4 Disponível em: <[http://images.orkut.com/orkut/photos/OgAAAJQ\\_WindsSCdUndYbyi8KvJg56dbW4WxVtRgjLQ3-vNhSZSIImOzvUN-828JHbWu67ZPzL0FVnpVsAYvyiNcsw-XYAm1T1UD4SvN-ehWptLn-IHHhzJn5XopE6.jpg](http://images.orkut.com/orkut/photos/OgAAAJQ_WindsSCdUndYbyi8KvJg56dbW4WxVtRgjLQ3-vNhSZSIImOzvUN-828JHbWu67ZPzL0FVnpVsAYvyiNcsw-XYAm1T1UD4SvN-ehWptLn-IHHhzJn5XopE6.jpg)>. Acesso em: 15 jan. 2010.

A tirinha ilustra, de maneira irônica, como na *web* os chamados “erros” de português despertam a atenção e, na maioria das vezes, a crítica de leitores e escreventes, os quais tomam os conceitos de “bom português”, “bom texto” e “boa comunicação” com base em questões normativas – que prescrevem usos “corretos” para a língua. Para além do preconceito, a tirinha aponta para as estratégias discursivas da escrita na internet, pois há, por parte do personagem/escrevente, um planejamento estilístico. Ao elaborar um “erro”, o personagem/escrevente sofisticava suas estratégias de escrita para fins específicos de efeito de sentido a fim de obter um maior número de leitores e de acessos a seu *blog*.

O indivíduo que não sabe escrever de maneira convencional, em muitos casos, passa a ser tachado de ignorante, analfabeto e como dotado de capacidade intelectual subdesenvolvida. A escrita não convencional observada na internet, com excesso ou ausência de pontuação, com emprego de abreviação, é concebida não apenas como “violação” do idioma (e da pátria), mas também como um retrocesso cognitivo ao qual muitas crianças e jovens (já) estão expostos.

Chartier (2002, p.83) observa que a comunicação eletrônica é acusada de ser responsável pela morte do leitor e da leitura. O autor observa que, entre os séculos XV e XVI, com o advento do códex e a difusão da imprensa, considerava-se que esta corromperia a escrita: “Daí a desconfiança diante do livro impresso e a preferência pela publicação manuscrita que permite um maior controle do texto, de sua circulação e de sua interpretação”. Chartier leva-nos a concluir que parece haver, na atualidade, um movimento parecido, em função da internet, a qual, conforme buscamos ilustrar pelos comentários anteriores, corromperia a “boa” e “correta” escrita (presente, por exemplo, em livros impressos) e, conseqüentemente, a capacidade de leitura por parte de crianças e adolescentes expostos às práticas de escrita na internet.

Crystal (2006) vai um pouco além da reflexão proposta por Chartier (2002). Para aquele, apesar de haver necessidade de atenção em relação aos diversos perigos da internet – a exemplo de questões como os direitos autorais, mas também a privacidade, a segurança, o crime –, para os profissionais envolvidos com a *web*, o principal entre esses



males seriam as questões linguísticas. Crystal lembra que, assim como a tipografia e, recentemente, a internet, outras tecnologias também foram censuradas quando inventadas e difundidas: a impressão foi considerada pela Igreja, no século XV, como invenção de Satã – a disseminação de novas ideias, por meio de impressos, colocava inúmeros riscos à dominação da Igreja. Quatrocentos anos depois, algo parecido ocorreu com a invenção do telégrafo, do telefone e da tecnologia *broadcasting* (que possibilitou o surgimento da televisão e do rádio). Essas novas tecnologias eram objeto de preocupação em função das consequências políticas que poderiam ocasionar: “O telégrafo poderia destruir a família e promover o crime. O telefone poderia acabar com a sociedade. *Broadcasting* poderia ser a voz da propaganda. Em cada caso, as consequências se voltavam, especificamente, para controvérsias linguísticas”<sup>5</sup> (Crystal, 2006, p.2, tradução nossa).<sup>6</sup> Com a imprensa, por exemplo, questionava-se a tradução da língua vernácula da Bíblia para as línguas locais. Com a tecnologia *broadcasting*, e a seleção de vozes para serem ouvidas por milhões, questionou-se quais seriam as normas de pronúncia correta.

Como pudemos observar com Chartier (2002) e Crystal (2006), a discussão sobre as consequências da introdução de novas tecnologias na sociedade, em termos de língua, de comportamento humano, não é atual; remonta ao século XV e à invenção da imprensa. No que se refere ao uso do computador por crianças e adolescentes, há certa inquietude de pais, professores e profissionais envolvidos com o ensino de língua materna. Questiona-se se os jovens não teriam déficit na aprendizagem escolar e na aquisição da escrita.

A presente pesquisa propõe que a escrita na internet seja discutida de um ponto de vista distinto do da visão normativa. Com base em estudos científicos, desenvolvemos reflexões que levam em conta estudos linguísticos, para os quais há outros modos de apreensão de

---

5 “*The telegraph would destroy the family and promote crime. The telephone would undermine society. Broadcasting would be the voice of propaganda. In each case, the anxiety generated specifically linguistic controversy.*”

6 A tradução de textos não publicados em língua portuguesa é de nossa responsabilidade.

fenômenos em linguagem. Frente à expansão do acesso à rede e à crescente participação de crianças, adolescentes e adultos nesse ambiente, surge a necessidade de um refinamento de pressupostos teóricos que possam nortear posicionamentos mais críticos, pautados em critérios consistentes, a respeito de atividades de escrita na internet.

De nosso ponto de vista, as características não convencionais da escrita em bate-papos virtuais são traços do gênero discursivo a que pertencem, traços que possibilitam ao pesquisador observar a heterogeneidade própria da escrita (da linguagem). Dito de outro modo, o desenvolvimento deste trabalho se pauta na hipótese de que há determinadas características próprias do bate-papo virtual em aberto, como ausências de vírgulas, as quais tornam os enunciados relativamente semelhantes e apontam para a *não homogeneidade* da escrita. Observa-se, pois, que há certa estabilidade mesmo em enunciados de gêneros como *chats*, considerados “caóticos” e “desregrados” em sua configuração linguística e gráfica.

Ao adotar o conceito de heterogeneidade da escrita para o estudo de enunciados digitais, criticamos a ideia corrente de que, na internet, os textos – com falta e/ou excesso de pontuação, abreviaturas, caretinhas etc. – seriam uma “fala/escrita” e/ou um registro gráfico da oralidade. Ao contrário, acreditamos que as ocorrências não convencionais são evidências da incessante relação entre oralidade e letramento, que permeia todas as manifestações verbais – sejam elas faladas, sejam escritas.

## **Sobre o objeto de pesquisa: a ausência de vírgulas em enunciados de *chats* abertos**

A presente reflexão tem como foco um recurso específico de pontuação: a vírgula. Este estudo trata, de maneira específica, da ausência de vírgulas como recurso de pontuação em locais nos quais seu uso é previsto por gramáticas tradicionais e manuais de pontuação (cf. Luft, 2001; Cunha; Cintra, 2001; Dahlet, 2006). Para tanto, serão observados, ao longo do trabalho, dois contextos relacionados à ausência de vírgulas:

(i) ausência total de vírgulas em lugares em que elas poderiam ser utilizadas, de acordo com orientações de gramáticas, e

(ii) “quebras de linhas”, somadas à ausência de recursos convencionais de pontuação, em locais nos quais vírgulas também poderiam ser utilizadas.

Procuramos exemplificar (i) e (ii) por meio dos enunciados, retirados do *corpus*.

### Enunciado 1



Na mensagem (A), o escrevente não faz uso de vírgula para separar a expressão extraoracional “oi” do restante do enunciado. Seria, pois, um dado de ausência total de vírgula. Já entre as mensagens (B) e (C), a usuária “quebra a linha” e não faz uso da vírgula para pontuar e segmentar as mensagens em uma única, o que resultaria em: “sim, quantos anos vc tem?”. Um aspecto importante para denominar o que é uma “quebra” se refere ao tempo cronometrado pelo sistema do *chat*. Esse tempo precisa ser breve, alguns segundos (entre as mensagens postadas por -fofinh@-, por exemplo, transcorrem oito segundos), e parece apontar para a percepção, por parte do escrevente, de alguma fronteira linguística, marcada graficamente, no processo de digitação, por meio de “quebras”.

Os espaços em branco que constituem as ausências de vírgulas, seja na ausência total (o “branco” que separa palavras morfológicas),

seja em “quebras” (o “branco” que salienta a mudança de linha), serão interpretados como recurso não convencional de pontuação, pois “fogem” ao que é considerado institucionalizado, portanto, convencionalizado, para o sistema de pontuação. A convenção dos usos de vírgulas e dos demais sinais de pontuação se dá, principalmente, mediante prescrição e/ou descrição de usos pertinentes e corretos, por gramáticas normativas e por manuais de pontuação (cf. Luft, 2001; Cunha; Cintra, 2001; Dahlet, 2006). A adoção do termo “usos não convencionais” no que tange à ausência de vírgula prevê um distanciamento, por parte do pesquisador, da noção de “erro gramatical”. Com o termo “uso não convencional” assume-se, pois, que há uso/ausência, realizado/a pelo escrevente, não previsto/a em gramáticas normativas e em manuais de pontuação, mas que sinaliza fronteiras sintáticas, semânticas e fonológicas e delinea significados a um determinado enunciado. Interessa-nos, portanto, problematizar essas práticas de escrita emergentes em um novo suporte, em particular, levando-se em consideração argumentos correntes segundo os quais a escrita na rede seria equivalente ao “caos” e/ou à “não língua portuguesa”.

## **Sobre o desenvolvimento da pesquisa**

Nos capítulos seguintes, em um primeiro momento no Capítulo 2, definimos que a escrita, neste trabalho, é tomada como heterogênea. Há características tidas como da fala que podem ser observadas na escrita, as quais indicam o caráter não homogêneo e não dicotômico dos fatos linguísticos da fala e da escrita (cf. Corrêa, 2004). Tal escolha teórico-metodológica será o alicerce de todo o trabalho para a conceituação e análise do sinal de vírgula. Ainda no Capítulo 2, são abordados estudos sobre a pontuação em geral e sobre a vírgula em específico, com base em um caráter dialógico e enunciativo desse sinal. Ainda com base nesses estudos, observamos que os usos não convencionais de vírgulas também pontuam um enunciado e são um lugar instigante para a observação das hipóteses que os escreventes podem lançar sobre a escrita. Para a observação da prosódia que os escreventes parecem

imprimir à escrita na internet por meio das ausências de vírgulas, adotamos como ferramenta de análise a teoria da fonologia prosódica (Nespor; Vogel, 1986). De nossa perspectiva, a prosódia é irrestrita à oralidade/fala. Sua presença na escrita pode ser retomada por sinais de pontuação – e pela ausência de vírgulas – e parece indicar uma prosódia da língua e um ritmo da escrita que imprimem certo modo de leitura ao material gráfico.

No Capítulo 3, procuramos descrever o conjunto do material e a constituição do *corpus*. Trata-se de um bate-papo virtual em aberto destinado a crianças de 8 a 12 anos de idade, composto por recursos linguísticos em um suporte tecnológico. Buscamos caracterizar o bate-papo virtual em aberto como gênero discursivo pertencente à constelação de gêneros *chat* (Araújo, 2006), formado por diferentes semioses que interagem com o material verbal que constitui aquelas “conversas”.

Também no Capítulo 3 é exposta a metodologia de análise de dados segundo o *paradigma indiciário* (Ginzburg, 1983, 1989) baseado em detalhes que, aparentemente insignificantes, permitem ao analista revelar um fenômeno e/ou fato imperceptível ao não especialista. O método indiciário permite o desenvolvimento de uma análise que “capture” tanto o residual, o particular, quanto o geral das ocorrências de ausências de vírgulas. Nos enunciados escritos, “as pistas linguísticas não se oferecem espontaneamente ao desejo do analista. A exemplo dos caçadores, é preciso, segundo Ginzburg, ‘dar sentido e contexto ao traço sutil’” (Corrêa, 2004, p.27).

Posteriormente, no Capítulo 4, centramo-nos na análise dos dados que compõem o *corpus* do trabalho. À luz da fundamentação teórico-metodológica adotada, procuramos apreender as “pegadas” dos escreventes, as quais propiciam a observação de aspectos quantitativos (gerais) e qualitativos (residuais) de traços relacionados à ausência de vírgulas nos enunciados digitais. Esses traços comuns apontam para a existência de semelhanças, na maneira de pontuar, em diferentes “conversas” e por diferentes usuários do *chat* pesquisado e para a constituição do bate-papo virtual em aberto como gênero do discurso, em acordo com os estudos de Bakhtin (1997).

Os usos não convencionais de vírgulas parecem ser um lugar instigante para a observação do trânsito do escrevente, de *chats*, por práticas orais/faladas e letradas/escritas: há momentos em que o escrevente parece relacionar certas ausências de vírgulas – em lugares em que elas poderiam ser utilizadas, em acordo com gramáticas normativas – ao aspecto fônico da linguagem e à prosódia da língua. Mesmo em um uso não previsto pela norma culta, a ausência de vírgulas em lugares em que elas deveriam ser utilizadas pelo usuário marca um ritmo, uma leitura e um sentido à escrita na internet. A análise do *corpus* também permite que o pesquisador reflita sobre a *heterogeneidade da escrita* e sobre a emergência de um novo gênero do discurso.



# 1

## ESCRITA E PONTUAÇÃO

Ao longo deste capítulo, discutimos a respeito da adoção de uma perspectiva heterogênea de *língua, linguagem e escrita* para o estudo dos usos não convencionais de vírgulas observados em enunciados de bate-papos virtuais. Mas, antes de nos ater à fundamentação teórico-metodológica, julgamos necessário explicitar a existência de, pelo menos, três perspectivas distintas compartilhadas nos estudos acadêmicos a respeito da escrita na internet, a saber: (a) a escrita na internet constituída de maneira híbrida ou mista; (b) a escrita na internet situada no *continuum* das relações entre fala e escrita; (c) a escrita na internet introdutora de novos letramentos. Posteriormente, buscamos discorrer a respeito de um *modo heterogêneo de constituição da escrita* (Corrêa, 2004) e sobre a assunção desse conceito nos estudos sobre a escrita na internet.

Ao abordar a vírgula, tratamos da questão dos sinais de pontuação de uma forma geral, procurando demonstrar que os usos de vírgulas (e mesmo as regras gramaticais e normativas referente a seus usos) flutuam. Não há unanimidade na maneira de empregar a vírgula, seja da perspectiva dos escreventes em fase de escolarização, seja da perspectiva dos estudiosos mais recentes sobre pontuação, seja, ainda, da perspectiva dos teóricos das gramáticas normativas.



Junto a autores que concebem esse sinal de pontuação a partir de um ponto de vista enunciativo (Chacon, 1998; Esvael, 2005; Soncin, 2008; 2009), passamos a concebê-la como elemento gráfico que “organiza” os sentidos na escrita com base em correlações que esse sinal estabelece entre as diferentes dimensões da linguagem: sintática, semântica, fônica e enunciativa. Com enfoque na dimensão fônica, a qual evidencia, nos dados do trabalho, a heterogeneidade da escrita – a relação indissociável entre oralidade/letramento que se dá também pela pontuação –, expomos o modelo teórico da fonologia prosódica, fundamentado em Nespor e Vogel (1986). Com base nos estudos da prosódia, discutiremos dados referentes ao diálogo estabelecido pelo escrevente de *chat* entre ritmo da fala (organizado por domínios prosódicos) e ritmo da escrita (organizado por sinais de pontuação).

O emprego não convencional de vírgulas é entendido, neste trabalho, como uma forma de a heterogeneidade da língua/linguagem “se mostrar” na (e pela) escrita. A evidência de tal heterogeneidade pode ser observada por meio de marcas que os escreventes imprimem nos (seus) enunciados escritos ao deixar de grafar a vírgula em contextos gramaticais em que o uso desse sinal de pontuação é previsível. Em vez de conceber tais ausências de vírgulas como “erro”, buscamos problematizá-las tendo em vista as possíveis motivações (linguísticas, textuais, discursivas) que levam o escrevente a não fazer uso desse sinal na (sua) escrita.

As “transgressões” de regras normativas no uso de vírgula em enunciados de *chats* parecem ser formadas por regularidades que apontam para um constante diálogo entre o ritmo próprio da escrita e o ritmo da fala. Na perspectiva teórica adotada neste trabalho – com base nos estudos de Corrêa (2004) –, escrita e fala compartilham características semióticas mais gerais, pertencentes à linguagem verbal e, entre essas características, encontra-se o ritmo da língua. Escrita e fala, de um ponto de vista heterogêneo, compartilham, pois, um ritmo que é próprio da língua/linguagem e que, portanto, é irrestrito à escrita e/ou à fala.

## A escrita na internet: estudos acadêmicos

Desde o final dos anos 1990, várias pesquisas na área da Linguística dissertam sobre a composição da escrita digital. Ainda não há consenso nesses estudos sobre o modo de constituição da escrita em bate-papos virtuais. As características linguísticas e extralinguísticas observadas em *chats* abertos, *blogs* e *e-mails* fazem que diferentes estudiosos de língua/linguagem adotem diferentes hipóteses para explicar o uso desses recursos expressivos. Ao definirem a constituição da escrita na rede, alguns trabalhos acadêmicos remetem:

- (i) a uma (nova) escrita mista ou híbrida, que coloca em evidência características da oralidade na escrita;
- (ii) a uma (“velha”) escrita em um novo gênero, que se relaciona ao *continuum* das relações entre fala e escrita em um suporte material específico (no caso, o tecnológico);
- (iii) a uma ideia de uma (nova) prática de leitura e escrita, que coexiste com diferentes práticas letradas, anteriores ao surgimento do computador e da internet.

Apresentamos brevemente essas três perspectivas para, em seguida, discutir o conceito de *modo heterogêneo de constituição da escrita*, tese defendida por Corrêa (ibidem), de nosso interesse para o estudo da escrita na internet.

### A perspectiva mista ou híbrida sobre a (nova) escrita na internet

Alguns autores procuram mostrar que a interação em tempo real – que torna a produção e a leitura dos enunciados de *chats* quase simultâneas – e a presença de abreviaturas, expressões coloquiais, interjeições, *emoticons* (“caretinhas”), pontuação não convencional etc. são evidências de que há uma nova escrita na internet, já que esse modo de enunciar na rede seria composto por elementos distintos daqueles tomados como convencionais em escrita. Nessa linha, Braga (1999), Xavier e Santos (2000) e Araújo (2004, 2005, 2006a, 2006b),

por exemplo, versam sobre uma escrita “mista”, a qual seria “capaz de mesclar elementos da oralidade com os da escrita” (Xavier; Santos, 2000, p.54). Para esses autores, há “marcas” de oralidade na escrita dos bate-papos virtuais, ditos mais informais: “O ato de simular a oralidade através de elementos próprios da escrita permitiu que os usuários do gênero *chat* desenvolvessem um estilo híbrido” (Araújo, 2004, p.1285).

Araújo (2006a), em sua tese sobre a constelação discursiva dos *chats*, faz uma pertinente consideração sobre a linguagem minimalista dos *chats* (minimalista, pois foge às regras ortográficas e gramaticais) e afirma que essa é uma estratégia discursiva de “sobrevivência” nesse gênero.<sup>1</sup> Os escreventes de *chats*, ao “falarem” por meio do texto escrito, precisam ser breves e rápidos.

[...] no caso do *chat*, esta prática é rápida porque eles [os escreventes] precisam se comunicar com muitos parceiros ao mesmo tempo, é natural que a escrita padrão deixe rastros gráficos, como as abreviações, as repetições de letras e de sinais de pontuações, os vocábulos onomatopaicos, os alongamentos vocálicos e outros índices. Tais marcas foram analisadas, em um outro trabalho, como marcas da transmutação (Araújo, [2003] 2005), já que elas representam fortes indícios de oralidade inseridos na escrita do *chat*. Assim, ser breve e ser rápido são características desejáveis e cultivadas pelos usuários dos *chats*. (ibidem, p.226)

Araújo (2004, 2005, 2006a, 2006b), assim como os estudiosos supracitados – Braga (1999), Xavier e Santos (2000) – desenvolvem reflexões sobre bate-papos virtuais de uma perspectiva discursiva. Apesar de a escrita propriamente dita não ser objeto de estudo desses autores, podemos inferir, em seus trabalhos, que “marcas” do modo de enunciação falado na escrita na internet comporiam um “estilo híbrido” de enunciação. Haveria, pois, um “novo estilo da escrita” na rede, composto por “indícios” da fala/oralidade, característicos dos gêneros digitais.

---

1 Sobre a concepção de gênero no estudo de *chats*, cf. Capítulo 2, aqui mesmo.

Observamos, porém, que “marcas” da oralidade também podem ser verificadas em gêneros escritos menos formais (como bilhetes, certos anúncios, certas cartas e propagandas etc.). A pressuposição de marcas de oralidade na escrita pode levar à ideia de que haveria algum modo de enunciação em que existiria uma escrita “pura”, destituída de “interferência” da fala. Essa ideia de “pureza da escrita” subsiste em trabalhos de estudiosos que preconizam a teoria da chamada grande divisa, segundo a qual fala e escrita apresentariam propriedades distintas, homogêneas e opostas entre si. A seguir, expomos a Tabela 1, retirada de Koch (2000), que sintetiza as características dessa perspectiva dicotômica entre fala e escrita.

Tabela 1 – Dicotomia entre fala e escrita

Fala	Escrita
Contextualizada	Descontextualizada
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não planejada	Planejada
Predominância do “ <i>modus pragmático</i> ”	Predominância do “ <i>modus sintático</i> ”
Fragmentada	Não fragmentada
Incompleta	Completa
Pouco elaborada	Elaborada
Pouca densidade informacional	Densidade informacional
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	Predominância de frases complexas, com subordinação abundante
Pequena frequência de passivas	Emprego frequente de passivas
Poucas nominalizações	Abundância de nominalizações
Menor densidade lexical	Maior densidade lexical

Fonte: Koch, 2000, p.62.

Não queremos afirmar, contudo, que autores como Braga (1999), Xavier e Santos (2000) ou Araújo (2004, 2005, 2006a, 2006b) compartilham perspectivas teóricas próximas à da dicotomia, principalmente porque, para eles, fala e escrita podem coexistir simultaneamente em textos na internet. Para esses estudiosos, o modo de enunciação verbal em bate-papos na internet implica nova escrita, a qual agrega aspectos anteriormente tidos como pertencentes à fala ou à escrita. Dessa

perspectiva, a enunciação na rede seria, pois, composta pela *interação* de características de ambos os polos expostos na Tabela 1.

Ainda a propósito de uma perspectiva mista ou híbrida sobre a escrita na internet, salientamos, com Crystal (2006), o fato de esse autor também considerar que a escrita dos bate-papos virtuais é permeada por propriedades da fala. Para Crystal (*ibidem*, p.31), porém, essa forma de escrever constitui uma nova “variedade linguística”, por ele intitulada *Netspeak*: “[...] o que torna o *Netspeak* tão interessante, como forma de comunicação, é a maneira como se revezas nas características dos dois lados da divisão fala/escrita”.<sup>2</sup> O termo *Netspeak* remete, assim, a “um tipo de língua(gem) composta por características que são únicas da Internet” (*ibidem*, p.20),<sup>3</sup> recoberto por certo ineditismo que advém das características da internet (dito de outro modo, de meio eletrônico, global e interativo).

Apesar de não compartilhar explicitamente da noção de escrita mista, Crystal (*ibidem*) permite entender em suas reflexões a emergência de um novo modo de enunciar, o *Netspeak*, que se forma com base em características da fala e da escrita, em abordagem que se aproxima da observada em Braga (1999), Xavier e Santos (2000) e Araújo (2004, 2005, 2006a, 2006b). Com base em estudos sobre a relação oralidade/letramento (Marcuschi, 2000; Corrêa, 2004), buscamos discutir as consequências da concepção de escrita mista e/ou híbrida na internet.

## **O continuum dos gêneros textuais no estudo da escrita na internet**

Marcuschi (2000), um dos autores que questiona a dicotomia entre fala e escrita, cita brevemente em seu estudo que os chamados bate-papos virtuais podem ser relacionados, no *continuum* dos gêneros

---

2 “[...] what makes *Netspeak* so interesting, as a form of communication, is the way it relies on characteristics belonging to both sides of the speech/writing divide.”

3 “a type of language displaying features that are unique to the Internet.”

textuais,<sup>4</sup> com os gêneros da conversação e destaca que, apesar de essa forma de comunicação ser uma nova maneira de o usuário da rede trabalhar com a escrita, ela não se caracteriza como uma nova escrita. Em estudo posterior, Marcuschi (2005, p.29), ao se ater de forma específica a gêneros digitais, destaca que a escrita é a forma central de comunicação e “tende a uma certa informalidade, menor monitoração e cobrança pela fluidez do meio e pela rapidez do tempo”.

Tudo indica que está se constituindo um novo formato de escrita numa relação mais íntima com a oralidade do que a existente, embora como se poderá notar na análise de muitos autores, as cartas pessoais em nada ficam a dever aos e-mails e aos bate-papos. Mas há inovações, sobretudo pela apontada razão de a produção ser síncrona. (ibidem, p.65)

Sem remeter à ideia de uma escrita mista e/ou híbrida de *chats*, Marcuschi (ibidem) afirma que há mudanças na forma de utilizar a escrita na internet, sobretudo advindas das condições de produção desses enunciados – com a tecnologia digital como mediadora das interações, possibilitando, por exemplo, uma comunicação *on-line* síncrona. Por outro lado, esse mesmo autor chama atenção para o fato de que essa íntima relação entre fala e escrita, presente nos *e-mails* e nos bate-papos na internet, já podia ser presenciada em cartas pessoais. Ao parafrasear Marcuschi, também podemos nos remeter a gibis, a almanaques, a bilhetes, às anotações pessoais e a outros gêneros discursivos (anteriores ao advento do computador e da internet), que, apesar de apresentarem registro escrito, também apresentam traços de uma “íntima relação” estabelecida entre enunciados escritos e enunciados falados.

Essa perspectiva apresentada por Marcuschi torna-se metodologicamente produtiva ao possibilitar a observação da relação entre

---

4 A teoria do continuum, apresentada por Marcuschi (2000), diferentemente da perspectiva dicotômica, considera que “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos. Em consequência, temos a ver com correlações em vários planos, surgindo daí um conjunto de variações e não uma simples variação linear” (ibidem, p.37, destaques do autor).

a escrita, um fato social anterior à internet, e aspectos do suporte digital, os quais, muitas vezes, inovam a comunicação na *web* – como a sincronicidade de bate-papos virtuais – e a relação dos escreventes com a matéria gráfica da escrita. Porém, em conformidade com os objetivos propostos a esta pesquisa, embasamo-nos em um conceito de *heterogeneidade da escrita*, o que nos faz recusar a perspectiva do *continuum* de Marcuschi para compartilharmos os estudos sobre a escrita desenvolvidos por Corrêa (2004), expostos a seguir.<sup>5</sup> Antes de adentrarmos o conceito de *heterogeneidade de escrita* propriamente dita, apresentamos a seguir uma terceira vertente para a apreensão da escrita na internet, a qual atenta para as novas capacidades adquiridas pelos indivíduos imersos no letramento digital.

## Letramentos e práticas de escrita e leitura na internet

Ao discutir práticas de letramento, é preciso atentar aos estudos de Soares (1998), uma das pioneiras a tratar especificamente das diferenças entre letramento e alfabetização<sup>6</sup> e a introduzir o conceito de letramento nas pesquisas brasileiras sobre aquisição de escrita e áreas afins.

Em estudo recente, Soares (2002) busca fortalecer o conceito de letramento por ela defendido frente a práticas de leitura e escrita na cibercultura. Para a autora (1998, 2002), letramento e/ou (indivíduo) letrado é o estado ou a condição de quem usa a tecnologia da escrita de forma efetiva, “de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação” (ibidem, p.145).

---

5 Corrêa (2004), ao propor “um modo heterogêneo de constituição da escrita”, se opõe à compartimentalização de gêneros em um contínuo. Os extremos do contínuo, para o autor, parecem agrupar textos predominantemente falados, de um lado, e escritos, de outro.

6 De forma resumida, em Soares (1998, p.47), *alfabetização* refere-se à “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever”, e *letramento* refere-se ao “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. Essa autora considera que, em certas circunstâncias, um adulto pode ser analfabeto e ser letrado “porque faz uso, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita” (ibidem, p.24).

De acordo com Soares (ibidem), com o advento do computador, torna-se necessário ao pesquisador refinar o conceito de letramento, já que na era digital surgem novos processos cognitivos, novas maneiras de ler e escrever, o que aponta para um novo letramento, distinto do presenciado com o surgimento do manuscrito e, posteriormente, com o códex. Para ela, o surgimento e a coexistência de diferentes tecnologias de escrita fazem que existam diferentes letramentos (no plural). Cada tecnologia implica uma nova forma de ler e escrever e uma nova relação dos indivíduos com a leitura e a escrita. Dito de outro modo, para Soares, a escrita na internet está relacionada a um diferente mecanismo de produção, reprodução e difusão da escrita e envolve um novo e diferente tipo de letramento, que, na atualidade, existe simultaneamente a outros tipos de letramentos, como, por exemplo, o advindo da tipografia.

Podemos observar, pois, em Soares certo ineditismo na reflexão sobre escrita na internet, prática essa que passaria a relacionar-se a uma nova condição (inclusive cognitiva) dos indivíduos que usam essa tecnologia de forma efetiva. As reflexões dessa autora sobre o(s) letramento(s) centram-se nas capacidades adquiridas pelos indivíduos.

Essa pesquisadora assume que o letramento é composto por duas dimensões, complexas e heterogêneas: a individual e a social. Há, pois,

duas principais dimensões do letramento: a dimensão “individual” e a dimensão “social”. Quando o foco é posto na dimensão individual, o letramento é visto como um atributo pessoal [...]. Quando o foco se desloca para a dimensão social, o letramento é visto como um fenômeno “cultural”, um conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita, e as exigências de uso da língua escrita. (idem, 1998, p.66)

Os trabalhos de Soares podem ser considerados como outra perspectiva sobre o estudo da escrita na internet, diferentemente das tratadas em “A perspectiva mista ou híbrida sobre a (nova) escrita na internet” e “O *continuum* dos gêneros textuais no estudo da escrita na internet”, na medida em que podem fundamentar a observação e o estudo da escrita e do letramento na *web*. Ao focar a questão



sociocultural envolvida nesse fenômeno – com base nos estudos de Corrêa (2004), comentados a seguir – distanciamos-nos da perspectiva teórico-metodológica assumida por Soares, já que, diferentemente dessa pesquisadora, não objetivamos avaliar o (grau de) letramento de indivíduos, por acreditar na impossibilidade dessa tarefa. Centramos-nos, por outro lado, na concepção de que a escrita/letramento é uma prática social e que seu uso vincula-se à dimensão social e cultural, em detrimento da dimensão individual.

A seguir, discutimos a concepção de letramento enquanto fenômeno histórico e social, indissociável da escrita e dos fenômenos da oralidade/fala, conforme proposto por Corrêa (*ibidem*).

## **A heterogeneidade da escrita e o estudo da escrita na internet**

### **O conceito de *modo heterogêneo de constituição da escrita***

Na tese intitulada *O modo heterogêneo de constituição da escrita*, que tem como objeto de estudo textos produzidos em um exame de vestibular, Corrêa (2004) se opõe à concepção, ainda presente em alguns estudos em linguagem, de que fala e escrita são fatos linguísticos homogêneos e distintos. Com base em estudos sobre enunciação e discurso, o conceito de heterogeneidade em linguagem é tomado pelo autor para compreender relações intersemióticas entre fatos linguísticos e sociais falados/escritos e orais/letrados.

Aspectos apresentados por outros autores como pertencentes apenas ao polo da fala ou da escrita (cf. Chafe, 1982, 1985; Tannen, 1982) são considerados por Corrêa como características indissociáveis, e em constante diálogo, nas mais variadas manifestações verbais. Logo, da perspectiva defendida por Corrêa, a escrita é a todo instante “permeada” por aspectos pertencentes à oralidade/fala.

Por acreditar na indissociabilidade entre fatos linguísticos (fala/escrita) e suas respectivas práticas sociais (oralidade/letramento), Corrêa (*ibidem*, p.2) propõe a terminologia *oralidade/fala e letramento/*

*escrita* para expressar a “íntima relação entre um fato linguístico e uma prática social”. As expressões “oralidade/fala” e “letramento/escrita” não visam defender uma dicotomia entre fala e escrita; são utilizadas na tentativa de ressaltar a proximidade aceita, nessa teoria, entre os fatos linguísticos e sociais.

[...] todo fato linguístico vincula-se a uma prática social. [...] os fatos linguísticos do falado/escrito são práticas sociais e estão ligados, portanto, às práticas orais/letradas. [...] tal assunção é fundamental para que se possa questionar a delimitação do campo da escrita apenas pela constatação óbvia de um material específico – o gráfico – que lhe serve como base semiótica. (ibidem, p.2)

Para Corrêa, a ideia de homogeneidade (*pureza*) da escrita em relação à fala vincula-se ao *império da escrita* sobre outras formas de registro. Há três razões, segundo o autor, que justificariam esse império e essa onipresença da escrita na sociedade atual:

- (i) sua matéria gráfica, ou concretude;
- (ii) seu caráter simbólico próprio, ou flexibilidade;
- (iii) seu produto invariante no tempo, ou permanência temporal.

Essas três propriedades, em Corrêa (ibidem), são consideradas fundamentais para caracterizar a escrita quando ela é entendida unicamente como tecnologia. Ao questionar que a escrita não se reduz a uma mera tecnologia,<sup>7</sup> Corrêa (ibidem) propõe pensar um *imaginário* compartilhado socialmente sobre o que é a escrita. Tal imaginário se constitui pelas *representações sociais* formadas e difundidas nas mais diversas práticas sociais e também no trabalho (sempre inacabado) do sujeito com o texto escrito.

---

7 Para Corrêa (2004), a escrita não se reduz a uma tecnologia. Como lembra o autor, um dos mitos que mantêm esse império se refere à suposta permanência do sentido registrado na escrita. O sentido, no entanto, não está na escrita ou no texto por ela registrado; constitui-se e varia junto a “sujeitos que se definem pela relação que mantêm entre si, com os outros modos de inserção na linguagem e com o mundo” (ibidem, p.13).

Pode-se dizer, com esse autor, que o escrevente “imprime” em seus enunciados as imagens que compartilha (socialmente) sobre a escrita. Essas “impressões” fornecem diversas evidências (gráficas, semânticas, discursivas etc.) da relação do sujeito com a linguagem no interior das práticas sociais de que ele participa – como o vestibular, em Corrêa (ibidem); e o bate-papo virtual, neste trabalho.

A imagem sobre a escrita não é individual: trata-se de uma “representação adquirida do grupo de que [o escrevente] faz parte, da escola que frequenta, do vestibular que presta” (ibidem, p.24). A “imagem que o escrevente faz da (sua) escrita” refere-se, pois, ao jogo de representações entre escrevente, interlocutor e escrita.

Para observar o trabalho executado pelo escrevente no processo de construção do texto, Corrêa (ibidem) propõe uma metodologia que apreenda as pistas mais gerais da circulação do escrevente pelo imaginário da escrita, a partir de três eixos de representação da escrita, a saber:

- (a) a representação da gênese da escrita;
- (b) a representação do código escrito institucionalizado;
- (c) a dialogia com o já falado/escrito.

Esses três eixos agrupam as pistas em regularidades linguísticas mais gerais: “essas ‘regularidades’ são projetadas – em um plano ainda maior de generalidade – em ‘propriedades’ que possibilitem a busca de características comuns aos escreventes” (ibidem, p.47).

O primeiro eixo de circulação do escrevente, a *representação da gênese da escrita*, coloca em evidência o trânsito do escrevente por práticas sociais *orais/faladas* e *letradas/escritas*. Nesse eixo, o escrevente tende a identificar as duas modalidades ao tomar as práticas orais/faladas como *gênese* (ou *recomeço*)<sup>8</sup> das práticas letradas/escritas. Corrêa não trata, em seu trabalho, do estudo da gênese da escrita em si mesma, mas da representação que o escrevente dela faz.

---

<sup>8</sup> Corrêa (2004) recusa a noção de gênese como *origem* para entendê-la como *recomeço*.

O autor defende que a presença do “oral” no gráfico se dá nas mais variadas práticas linguísticas compartilhadas entre os sujeitos, sendo, portanto, irrestrita à alfabetização. Destaca-se da reflexão empreendida pelo autor que

[...] os fragmentos que indiciam a circulação do escrevente por esse [primeiro] eixo de representação são tradicionalmente considerados como marcas da interferência do oral/falado no escrito. Embora essa afirmação manifeste a intuição sobre a heterogeneidade da escrita, nega-a, ao mesmo tempo, pela pressuposição de pureza dos dois modos de enunciação, contida na ideia de “interferência”. [...]

Considerar a heterogeneidade da escrita no que se refere à relação entre o falado e o escrito é assumir o seu caráter de prática social, ou seja, é defini-la pela conveniência com outras práticas e não pela proposição (suposição) de fronteiras precisas [...]. (ibidem, p.160)

O segundo eixo de circulação do escrevente, *a representação do código escrito institucionalizado*, toma como referencial o sistema de escrita convencional. Nesse eixo, o pesquisador/analista busca pistas da “tentativa de alçamento do escrevente à escrita formal culta” (ibidem, p.187) em momentos nos quais o escrevente toma a escrita como modo autônomo de expressão, composta por características que supõe exclusivas das práticas letradas/escritas. Nesses momentos, o escrevente busca uma adequação formal que não é concretizada do ponto de vista da norma na qual acredita se fundamentar – como, por exemplo, em casos de hipercorreções e em casos de regras de concordâncias empregadas inadequadamente ou em excesso.

O terceiro eixo proposto por Corrêa (ibidem), *a dialogia com o já falado/escrito*, define-se pela característica dialógica que o texto do escrevente mantém com outros textos já lidos/ouvidos ou já falados/escritos. Nesse eixo, pode-se observar a negociação com outros textos e discursos por meio de “pegadas” peculiares deixadas pelo escrevente nos enunciados. O terceiro eixo é, ele mesmo, um polo que permite a observação da circulação do escrevente por todos os eixos metodológicos:

Trata-se [...] não da comprovação óbvia de que o escrevente lida, em seu texto, com a *heterogeneidade mostrada*, mas da busca de como a dialogia com o já falado/escrito aparece representada nos vários textos, tendo em vista a circulação imaginária que constitui o modo heterogêneo de constituição da escrita.

Mediante esses *pontos de heterogeneidade*, tomados como pistas locais específicas do terceiro eixo de circulação e – a exemplo dos outros eixos – como réplicas presentes em pontos de *individuação* do escrevente, [...] [pretende-se] mostrar não só a circulação do escrevente na direção dos dois primeiros eixos, mas também na representação que ele faz do falado/escrito. (ibidem, p.253, destaques no original)

Por meio do recurso metodológico dos três eixos, Corrêa (ibidem) busca nos enunciados escritos pistas da relação dinâmica estabelecida entre linguagem e práticas sociais, ou ainda entre linguagem, sujeito e história. Ao propor uma reflexão sobre as relações entre fala e escrita de um lugar diferente do da visão dicotômica – a qual assume a escrita como produto (pronto e acabado) –, Corrêa leva os estudiosos a observar a oralidade/fala e o letramento/escrita como *processos* constitutivos das mais variadas manifestações verbais (incluídas as emergentes em contexto digital).

### **A heterogeneidade da escrita na internet**

A tese a respeito do *modo heterogêneo de constituição da escrita* (ibidem) não se ocupa da escrita digital, como já dissemos. Mas ela pode ser adotada para a compreensão de como se dão as relações entre oralidade/fala e letramento/escrita na internet. Corrêa já infere a respeito da vinculação que poderia vir a ser estabelecida entre escrita nos novos meios tecnológicos, junto a diferentes semioses, e o conceito de heterogeneidade da escrita.

Se, de uma perspectiva autonomista, pode-se discutir o declínio da escrita em favor de outros modos de comunicação, seria o caso de perguntar se – encarada como um tipo particular de enunciação (portanto como constitutivamente heterogênea) – o seu modo heterogêneo de constituição não

estaria apto a compor, com esses recursos tecnológicos, novos e inusitados encontros. As mensagens que circulam pela internet não deixam dúvidas quanto à composição entre a fala que há naquela escrita e essas novas tecnologias, exemplo, portanto, de novos modos também heterogêneos de constituição da escrita. (ibidem, p.299-300)

Ao incorporar as reflexões de Corrêa (ibidem) ao estudo da escrita na internet, deve-se levar em conta que há mais convergência semiótica do que concorrência entre as semioses que constituem a *web*. Em função da natureza hipermodal da internet, as práticas de linguagem nesse ambiente, ao invés de evidenciarem um suposto declínio da escrita em relação a outras semioses, ressaltam que há uma constante relação entre elas. Essa convergência semiótica proporciona, por um lado, novos encontros entre escrita, cores, imagens e sons e, por outro, um novo modo de o sujeito relacionar-se com a escrita. Ou seja, a multimodalidade na *web* proporciona outros “modos também heterogêneos de constituição da escrita”.

Alguns estudos sobre as práticas letradas/escritas na internet já incorporam a perspectiva teórico-metodológica de *heterogeneidade da escrita* proposta por Corrêa (2004),<sup>9</sup> como os trabalhos desenvolvidos por Komesu (2002, 2006, 2007) e por Komesu e Tenani (2009). No artigo intitulado “Considerações sobre o conceito de ‘internetês’ nos estudos da linguagem”, Komesu e Tenani (ibidem) opõem-se a concepções que tratam o “internetês” (como é popularmente conhecida a escrita praticada na rede) como uma escrita fonetizada ou caótica. Nesse estudo, as autoras concebem a escrita na internet como prática discursiva, sócio-historicamente constituída, e argumentam a favor da heterogeneidade da linguagem, da língua e da escrita. Ao analisarem dados do “internetês”, Komesu e Tenani (ibidem) mostram que a escrita na internet é complexa, implica práticas letradas/escritas irrestritas à internet e não se baseia somente em fatores fonéticos ou exclusivos da fala.

---

9 A tese de Corrêa data de 1997 e foi publicada como livro em 2004.

Neste trabalho, aproximamo-nos das reflexões de Komesu e Tenani (ibidem) na medida em que também compartilhamos da concepção de heterogeneidade para o estudo da escrita digital. A partir dessas autoras, gostaríamos de destacar:

[...] que a assunção da tese da heterogeneidade da escrita implica uma noção de escrita, de língua e de linguagem constituídas dialogicamente, mediante as relações entre os sujeitos e os suportes multimodais. Cremos que as práticas de escrita na rede nos levam a afirmar que, no internetês, tem-se um lócus privilegiado de observação da escrita como um modo de enunciação fundado no encontro entre práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, conforme propôs Corrêa (2004). (ibidem, p.639)

Diferentemente de Komesu e Tenani, que exploram a ortografia não convencional em dados de “internetês”, centramo-nos no estudo do uso não convencional da vírgula como sinal de pontuação. A ausência de vírgulas e o uso de espaços em branco – em locais em que vírgulas poderiam ser utilizadas de acordo com as gramáticas normativas – são tomados, neste estudo, como recursos por meio dos quais o escrevente imprime “pegadas” da relação que ele estabelece entre as (suas) práticas orais/faladas e letradas/escritas.

Partimos da hipótese de que a heterogeneidade da escrita pode ser vista também em momentos nos quais a ausência de vírgulas (e a presença de “quebras” de linhas) pode estar relacionada a possíveis contornos entoacionais (característicos da prosódia da língua). Esses instantes de “mixagem” entre elementos supostamente pertencentes à oralidade e ao letramento, em dados de “internetês”, evidenciam mais fortemente a circulação dialógica do escrevente pelo primeiro eixo do imaginário da escrita. Dito de outro modo, de nosso ponto de vista, acreditamos que a “quebra” de linha pode ser apreendida pelo pesquisador como a *representação da gênese da escrita* pelo escrevente de *chat*.

A seguir, o uso do sinal de vírgula será focado com base em alguns estudos na área da linguagem. Posteriormente, buscar-se-á definir a teoria prosódica e delimitar os constituintes prosódicos que parecem pertinentes à reflexão que será empreendida no Capítulo 3 deste trabalho, a da análise do material.

## A vírgula como sinal de pontuação

Alguns estudos na área da linguagem tratam os sinais de pontuação de maneira distinta da apreendida pela gramática normativa. Em vez de defenderem regras de bom uso da língua e, conseqüentemente, da pontuação, esses autores buscam descrever os usos dos sinais de pontuação e refletir sobre os possíveis efeitos de sentido deles decorrentes em um texto (cf. Chacon, 1998; Dahlet, 2006; Esvael, 2005; Grantham, 2009; Soncin, 2008; 2009).

Dentre esses autores, Chacon (1998) considera que a pontuação – seja ela convencional ou não convencional – é uma maneira pela qual o escrevente “sinaliza” uma leitura a seu interlocutor, demarcando pausas, entoações, rupturas etc. A pontuação é também uma maneira de o escrevente marcar o outro em sua escrita.

[...] na atividade de pontuar, o sujeito demarca-se em relação aos Outros em função dos quais ele organiza a sua produção gráfica, de tal modo que, seguindo-se as pistas deixadas pelos sinais, pode-se acompanhar a constituição da subjetividade que enuncia via escrita. (ibidem, p.146)

Chacon é um dos autores centrais de nossa fundamentação teórica, e adiante, ainda neste tópico (em “A prosódia da/na escrita: evidências da *heterogeneidade da escrita*”), será discutido de modo mais consistente. Por enquanto, procuramos abordar o que os estudos de Dahlet (2006), Esvael (2005), Grantham (2009) e Soncin (2008, 2009) discutem a respeito da pontuação e do sinal de vírgula.

Dahlet (2006), em crítica a gramáticas normativas e descritivas, diz que essas, ao limitarem-se a oferecer um modelo a ser seguido, não dão uma noção global e coerente de como empregar os sinais de pontuação. Essa autora considera que os sinais de pontuação têm estatuto linguístico diferente e dependente do material alfabético, constituindo-se como sistema não alfabético, que pode ser estudado abstratamente, sem o “suporte” alfabético.

A pontuação ocorre, de acordo com Dahlet (ibidem), em três níveis distintos: há a pontuação da palavra, a da frase e a do texto. O sinal da



vírgula atua nos dois últimos níveis (frase e texto) e tem como principal função a segmentação/separação do texto em partes. Outras funções também são observadas por Dahlet no que se refere ao uso da vírgula, como a de adicionar, subtrair e inverter sequências interoracionais e intraoracionais. A vírgula é considerada pela autora como o sinal de pontuação mais complexo porque ele pode hierarquizar diferentes níveis em uma mesma frase. Dahlet observa a vírgula como operador sintático e semântico, o qual “é também o mais sintático dos sinais de pontuação porque é o sinal relacional por excelência e, singularmente, tensivo” (ibidem, p.148).

Uma aparente unanimidade entre (recentes) estudos acadêmicos, compartilhada por Dahlet, é a de que há grande flutuação na maneira de pontuar. Deve-se concordar com ela que “em muitos casos, existe mais do que uma possibilidade de pontuar [...] a maioria [dos empregos de sinais] decorre da intenção de comunicação ou da intenção estabelecida entre quem escreve e quem lê” (ibidem, p.24).

A flutuação no emprego de sinais de pontuação (entre eles a vírgula) pode ser observada tanto nas descrições em gramáticas normativas (cf. Cunha; Cintra, 2001; Luft, 2001) quanto na redação de textos escolares (cf. Chacon, 1998; Esvael, 2005, 2009; Soncin, 2008). A flutuação ocorre até mesmo em locais considerados obrigatórios do ponto de vista da norma. Soncin (2009, p.43) atenta que a flutuação nas normas de uso da vírgula entre os diferentes gramáticos<sup>10</sup> deve-se a concepções diferentes sobre linguagem, pontuação e relação oralidade/letramento:

[...] os autores discordam em vários aspectos; alguns tomam como ponto de partida uma visão estritamente sintática, outros uma aproximação entre elementos sintáticos e prosódicos; alguns apresentam uma norma que não é apresentada por outros autores e, quando é apresentada, existe algum tipo de divergência; em outros casos, as normas que, para um autor, eram facultativas, para outro eram obrigatórias e, para outro ainda, eram em alguns contextos obrigatórias e em alguns contextos facultativas.

---

10 Soncin (2009) analisa as seguintes gramáticas: Bechara (1999), Cunha; Cintra (2001), Luft (1998), Rocha Lima (1986).

Ao analisar textos escolares, essa autora encontra diferentes percentuais de erros/acertos quanto ao emprego da vírgula, a depender do autor em que se embasa. Ou seja, em um mesmo *corpus*, o número de erros/acertos quanto ao emprego da vírgula dependerá da gramática adotada para análise (Soncin, 2009). Em trabalho anterior, sobre o uso da vírgula em textos escolares,<sup>11</sup> Soncin (2008) observa que outro fator que influencia a flutuação nos usos da vírgula deve-se ao gênero textual em que são empregados. Soncin estudou, em gêneros textuais diversos, como os escreventes empregam a vírgula de maneira distinta. Para a autora, isso ocorre porque

[...] os erros/acertos do emprego de vírgulas estão vinculados a determinadas estruturas que, a depender do gênero textual, são mais empregadas. Portanto, uma pesquisa que se destina a investigar o desempenho dos escreventes em relação à utilização dos sinais de pontuação, especificamente a vírgula, não pode ignorar o gênero textual, uma vez que ele condiciona a escolha de certas estruturas e a organização dessas de modo a configurar um dado gênero textual. (ibidem, p.14)

Com base no estudo de Soncin (ibidem) e na afirmação de que o emprego de vírgulas associa-se às características do enunciado que as emprega, pode-se considerar que, no presente estudo, composto por enunciados de bate-papos virtuais (em aberto), observar-se-ão ocorrências (convencionais e não convencionais) distintas das observadas em outros gêneros discursivos.

Esvael (2005), ao dissertar sobre a flutuação no emprego da vírgula, conclui que o uso e a definição de pontuação não são consenso entre estudiosos no geral, sejam eles gramáticos, sejam linguistas – apesar de existirem algumas relações entre as definições. Em sua dissertação sobre o emprego/não emprego da vírgula em uma questão dissertativa do Exame Nacional de Cursos (antigo Provão – Letras) aplicado em 2001, Esvael considera que a função primordial da vírgula é a enunciativa. Para a autora, há, no uso desse sinal de pontuação, “uma

---

11 Trata-se de textos narrativos e dissertativos redigidos por alunos de uma 8ª série.

correspondência duplamente dialógica que mostra o sujeito escrevente na sua relação com o outro e com o seu enunciador” (ibidem, p.6).

A função enunciativa da vírgula soma-se, em Esvael, às funções fonético-fonológicas, sintáticas e semânticas. A vírgula é, para a autora, um dos sinais que mais geram controvérsias, o que faz que cresçam a importância e o estímulo em estudá-la. Assim como Chacon (1998) e Soncin (2008, 2009), para Esvael (2005) a constituição do sentido em um enunciado escrito também ocorre por meio da pontuação empregada. Logo, a vírgula pode ser tomada pelo pesquisador como pista da tentativa de construção de sentidos pelo escrevente, na (sua) escrita, para a interação com o (seu) leitor.

Ao analisar os efeitos de sentido e o uso de sinais de pontuação (especialmente reticências e ponto de interrogação) em textos de universitários, Grantham (2009) considera que o sentido não é do texto e nem do sujeito escrevente. Para a autora, o sentido decorre da relação do texto com outros textos, da relação com o contexto histórico, social e político. Como cada sujeito leitor tem sua própria história, “podem ser também várias as leituras possíveis para um ‘mesmo’ texto sinalizado” (ibidem, p.16). Dito em outras palavras, apesar de poder haver uma leitura privilegiada para um texto – ligada às práticas sociais com que o texto se relaciona –, o sentido não está nele, no gráfico, mas é construído a partir das relações dos sujeitos na e com a história, na e pela língua/linguagem.

As reflexões de Grantham (ibidem) complementam as introduzidas por Esvael (2005) a respeito da relação entre sentido e pontuação, na medida em que Grantham esclarece que o texto não é “fechado” em si, mas se constitui pelos sentidos constituídos sócio-historicamente junto a outros dizeres. Esvael (ibidem) contribui para esta pesquisa ao compartilhar a noção de que a vírgula pode ser tomada pelo pesquisador como um “local” de observação tanto da tentativa de construção de sentidos pelos escreventes quanto da constituição da heterogeneidade na linguagem e na escrita (em nosso caso, na internet).

Alguns dos autores supracitados – como Esvael, 2005; Grantham, 2009 e Soncin, 2009 – retomam de forma breve, em suas pesquisas, a história dos sinais de pontuação. Frente aos objetivos deste trabalho,

não iremos nos deter às mudanças históricas que introduziram os sinais de pontuação na escrita ocidental. Contudo, trazemos desses trabalhos que a história dos sinais de pontuação ilustra a existência de vinculação entre o uso desses sinais e as práticas sociais letradas/escritas: conforme a produção e a difusão do texto escrito se modificam, novos usos, e também novos sinais de pontuação, surgem.

Chartier (2002), ao tratar da história do livro, diz que a pontuação nos textos clássicos (séculos XV e XIX), por exemplo, era definida pelo tipógrafo e, em poucos casos, pelo autor do texto. Eram os corretores (escrivães, graduados das universidades, professores primários etc.) que fixavam as convenções no que se referia à pontuação. É possível deduzir, com Chartier, que durante o advento do códex e da tipografia a maneira de pontuar um texto a ser divulgado era distinta da concebida na atualidade.

Hoje, a pontuação é considerada como vinculada aos sentidos que o autor pretende “imprimir” em seu texto e, também, como “marca” (de estilo) do autor (ou do gênero). Muitos escritores pontuam de maneira que, a partir de uma perspectiva normativa de uso dos sinais de pontuação, pode ser considerada como não convencional. Exemplos desses autores são o brasileiro Guimarães Rosa e o português José Saramago, os quais, por meio do uso não convencional de sinais de pontuação, constroem recursos estilísticos e literários que caracterizam a maneira de cada um deles escrever.<sup>12</sup>

---

12 Vejamos, por exemplo, um trecho de diálogo entre médico e paciente, retirado da obra *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, em que o uso de ponto final, paragrafação, travessão e ponto de interrogação é “substituído” pelo emprego da vírgula: “Nesses últimos dias tinha sentido alguma diferença na vista, Não, senhor doutor, Há, ou houve algum caso de cegueira na sua família, Nos parentes que conheci ou de quem ouvi falar, nenhum, Sofre de diabetes, Não, senhor doutor, De sífilis, Não, senhor doutor [...] o cego perguntou, Já posso tirar o queixo, senhor doutor, Claro que sim, desculpe, [...]” (Saramago, 1995, p.22-3).

## Estudos sobre a pontuação na internet

É impossível estarmos a par de todos os trabalhos consagrados aos estudos do texto na internet, em diferentes línguas e em diferentes países. Sujeitando-nos a cometer injustiça, fazemos menção a um único estudo específico encontrado a propósito da pontuação em textos virtuais. Trata-se do artigo intitulado “Pontuação no MSN: razões para sua omissão” (Pinheiro; Pinheiro, 2008). Dados os objetivos da investigação, as autoras propõem uma situação artificial para a coleta de dados; no sistema do orkut, enviam a usuários questionário sobre o uso de pontuação no MSN Messenger.<sup>13</sup> Pinheiro e Pinheiro adotam a noção de *escrita oralizada* na internet e não definem um sinal de pontuação específico para o estudo; assim, as autoras acabam por generalizar os resultados obtidos para todo o sistema de pontuação.

A pesquisa de Pinheiro e Pinheiro (ibidem) dialoga com esta reflexão ao investigar que há certa inconstância – diríamos, flutuação – na maneira de pontuar – ora a pontuação é empregada, ora é suprimida, inclusive na escrita de um mesmo escrevente. As autoras também concluem que idade e sexo não influenciam a maneira de pontuar, fato que atesta que o emprego de sinais de pontuação mais próximo aos usos convencionais não evidencia, necessariamente, a participação de pessoas com maior idade e escolarização no *chat* pesquisado.

A presente reflexão tem como foco um sinal específico de pontuação: a vírgula. Este estudo trata, de maneira específica, da ausência de vírgulas como recurso de pontuação em locais nos quais seu uso é previsível – em gramáticas tradicionais e/ou em manuais de pontuação. Procuramos refinar e delimitar nossas reflexões a respeito desse sinal de pontuação, visto que sua função, sua finalidade e seu uso se distinguem dos demais sinais que compõem o sistema de pontuação.

---

13 O MSN Messenger implica um tipo de bate-papo virtual em que duas pessoas podem “papear” de forma reservada e com recursos mais sofisticados do que os disponibilizados em *chats* abertos, com a possibilidade de conversar por voz – por meio de microfones – e/ou por videoconferência – por meio de *webcams* (câmeras digitais).

## Oralidade e letramento no estudo da vírgula

Seja em gramáticas normativas, seja em estudos na área da Linguística, a maioria dos autores, ao tratar dos sinais de pontuação, conclui, implícita ou explicitamente, que o uso da vírgula relaciona-se a “pausas” da fala e/ou a certa influência de aspectos orais. Discussões a respeito da relação estabelecida entre a pontuação, uma prática letrada, e a fala, uma prática oral, continuam em aberto nos estudos atuais.

Dahlet (2006, p.280-81) explicita que existem três correntes – (i) fonocentrista, (ii) fonográfica e (iii) autonomista – que tratam de maneira distinta a relação estabelecida entre pontuação e oralidade:

A primeira, fonocentrista, leva a totalidade de sua reflexão sobre língua para o oral, que, por sua vez, serve como referência quase exclusiva para analisar o escrito. A segunda corrente, fonográfica, coloca o escrito na subordinação ao oral, admitindo, todavia, propriedades específicas da escrita. Enfim, a última corrente, autonomista, aborda o escrito numa relação de independência em relação com o oral.

A autora defende a corrente autonomista. Para ela, a pontuação não restitui marcas do oral no gráfico, portanto, a vírgula não se relaciona a aspectos orais/falados como pausas e entoação. Tanto os sinais de pontuação (como a vírgula) quanto a entoação, em Dahlet, desempenham um papel sintático-semântico e pragmático e endossam uma função sintática similar. Em segmentos de curta extensão, pode haver “uma equivalência entre a realização oral e a realização escrita” (ibidem, p.283), e não uma relação de representação da fala pela escrita.

Em Pacheco (2003), os sinais de pontuação são marcas sintático-prosódico-discursivas que contribuem para a compreensão do texto. Em posição distinta da assumida por Dahlet (2006), Pacheco acredita que os sinais de pontuação delimitam Grupos Tonais (GT) na escrita e, portanto, relacionam-se com a dimensão fônica da linguagem. Pacheco verifica a realização oral dos sinais de pontuação por meio de experimentos fonético-acústicos que privilegiam a perspectiva do leitor durante a leitura em voz alta.

As evidências experimentais desse trabalho suportam a hipótese de que os sinais de pontuação [dois pontos, exclamação, interrogação, ponto-final, ponto e vírgula, reticências e vírgula], além de funcionarem como organizadores textuais, em termos sintático-discursivos, podem ser entendidos como marcadores prosódicos, como sugerido por Cagliari (1989). (Pacheco, 2003, p.3)

Com base na concepção teórico-metodológica adotada nesta pesquisa, as marcas de prosódia materializadas em sinais de pontuação na escrita apontam para a heterogeneidade da escrita. Pacheco (ibidem) não compartilha dessa perspectiva teórico-metodológica, mas a tese dessa autora permite pensar que não há escrita “pura”, pois um texto escrito é sempre composto por marcas – ou gestos, na assunção de Corrêa (2004) – da oralidade.

Em estudo recente sobre o uso de vírgulas em textos de alunos de ensino fundamental, Tenani e Soncin (2009) discutem que tanto a presença quanto a *ausência* de uso de vírgulas como sinal de pontuação (em lugares, na sentença, em que vírgulas poderiam ser utilizadas pelos escreventes) se relacionam a informações prosódicas.

A princípio, poderia se supor que apenas a presença de vírgulas faria remissão às características dos enunciados falados, mas verificou-se, neste estudo, que também a ausência das vírgulas se relaciona a característica da dimensão fônica da linguagem. Nesse sentido, os dados relativos ao emprego de vírgula parecem confirmar a tese defendida por Corrêa (2004) de que a escrita é heterogeneamente constituída, uma vez que as vírgulas, mesmo quando não empregadas, indiciam características dos enunciados falados em lugares que supostamente são vistos como característicos de uma escrita homogênea. (ibidem, p.17)

O trabalho de Tenani e Soncin é pertinente a esta pesquisa, pois salienta que há relação entre a ausência de sinais de vírgulas e o trânsito de escrevente por práticas orais/faladas e letradas/escritas. Algo semelhante já havia sido observado por Corrêa (2004, p.123), quando afirma que “na escrita, não só a presença, mas também a ausência (a falta) de pontuação pode marcar blocos prosódicos que reproduzem o percurso representado como genético pelo escrevente”.

A ausência de um sinal de pontuação, como a vírgula, da perspectiva compartilhada por Corrêa (ibidem) e por Tenani e Soncin (2009) – a respeito de um modo heterogêneo de constituição da escrita –, não é meramente um “esquecimento” ou um “erro” do escrevente, como poder-se-ia supor. Se atestássemos que o uso não convencional de pontuação, como a ausência de vírgulas, ocorre em função da falta de competência ou de conhecimento de regras normativas de pontuação por parte do escrevente, estaríamos contrariando a ideia de que, ao traçar ou omitir um segmento gráfico-linguístico, o escrevente pensa a respeito do sistema de escrita, trabalha com o texto e *joga* com as imagens compartilhadas socialmente a respeito da escrita.

### **A prosódia da/na escrita: evidências da heterogeneidade da escrita**

Corrêa (2004), Tenani e Soncin (2009) e Chacon (1998) são autores que compartilham da perspectiva de que a prosódia é irrestrita a enunciados orais/falados. Para eles, as práticas letradas/escritas também são compostas por uma prosódia própria, a qual, distinta daquela primeira, relaciona-se com essa segunda por meio da articulação que a escrita mantém com outros planos da linguagem.

Corrêa (2004) acredita que, pelo léxico e pela pontuação, o escrevente tenta *plasmear* em seu texto uma prosódia do oral – apesar de, algumas vezes, essa correlação prejudicar a intencionalidade do autor do texto. Chacon (1998), ao se deter de forma específica no estudo de sinais de pontuação em redações de vestibulandos, defende a tese de que há um *ritmo* (próprio) *da escrita*, sendo a pontuação um índice gráfico-visual desse ritmo. Para esse último autor, a prosódia é reconstituída, na escrita, por meio do uso de sinais de pontuação, os quais estão diretamente relacionados ao processo de coerência textual e ao processamento de informação do enunciado.

Ligada à espacialização da linguagem, a pontuação ocorre, segundo Chacon, simultaneamente nas várias dimensões da linguagem (fônica, sintática, textual e enunciativa), o que aponta para seu aspecto *multidimensional*. A pontuação não se restringe ao aspecto fônico ou



sintático da língua – como defendem alguns gramáticos (Lima, 1963; Bechara, 1999; Cunha; Cintra, 2001; Luft, 2001) –, pois engloba aspectos enunciativos e discursivos – conforme é salientado em vários outros estudos desenvolvidos na área da Linguística (Dahlet, 2006; Esvael, 2005; Soncin, 2008, 2009; Tenaci; Soncin, 2009). De maneira resumida, pode-se dizer que, em Chacon (1998), todas as dimensões da linguagem relacionam-se à pontuação e ao ritmo da escrita.

Concordamos com Chacon que os sinais de pontuação, em especial o sinal de vírgula, conferem ao enunciado escrito uma dupla dialogia.

A primeira dessas duas dialogias poderia ser caracterizada como aquela que se dá entre a esfera da produção e a esfera da recepção do texto escrito. Nessa primeira dialogia, o produtor [...] antecipa seu receptor indicando-lhe uma leitura preferencial do objeto produzido. A segunda dialogia poderia ser caracterizada como aquela que se dá entre a escrita e a oralidade. Essa segunda forma dialógica justifica-se na medida em que os sinais de pontuação trazem para a escrita (embora nem sempre de forma direta e automática) aspectos da dimensão oral da linguagem, tais como a delimitação de contornos entoacionais ou a demarcação de pausas. (ibidem, p.134-5)

A dialogia entre escrevente e leitor e entre oralidade e letramento constitui a escrita (na internet ou fora dela) e materializa-se sob a forma de sinais de pontuação. Esses sinais, por sua vez, “sinalizam” leituras, sentidos e discursos ao delimitarem, na escrita, unidades (advindas das várias dimensões da linguagem) organizadas ritmicamente e ao fornecerem ao leitor determinada(s) direção(ões) argumentativa(s) do enunciado. Os sinais de pontuação podem ser entendidos como marca de interlocução (não direta, mas já prevista) e de subjetividade (do escrevente, pela escrita).

A pontuação, para Chacon, está intimamente relacionada com a interação e com o “fazer-se entender” do escrevente para com o (seu) interlocutor: travessões, aspas, parênteses e vírgulas podem indicar, em determinadas situações, “quebras na continuidade da escrita – provocadas, segundo o que pensamos, pela sensação da presença do Outro na atividade do sujeito escrevente” (ibidem, p.142).

Deve-se concordar com o autor que as dificuldades em descrever os sinais de pontuação “advêm do próprio caráter de enunciação [caráter enunciativo da pontuação], que consiste de atos verbais a cada vez novos e a cada vez únicos produzidos pelo sujeito que enuncia” (ibidem, p.148).

Pode-se observar, com base nas pesquisas expostas sobre pontuação (Chacon, 1998; Dahlet, 2006; Esvael, 2005; Grantham, 2009; Soncin, 2008; 2009; Tenani; Soncin, 2009), que a vírgula, assim como os demais recursos de pontuação, é de complexa definição: relacionada a diversos aspectos da escrita, da língua e da linguagem, não se resume a delimitar pausas da fala na escrita, conforme defendido por alguns gramáticos (Bechara, 1999; Lima, 1963), e/ou a delimitar aspectos sintáticos (Cunha; Cintra, 2001; Luft, 2001). Conforme os estudos na área da linguagem têm demonstrado, o sinal da vírgula – e os sinais de pontuação em geral – é (são) de funcionamento complexo e de difícil conceituação.

O uso de vírgulas, seja por escreventes de *chats*, seja por escreventes em geral, relaciona-se a características enunciativas, a escolhas semânticas, ao(s) outro(s) com quem os sujeitos interagem na atividade de escrita (outro(s) discurso(s), outro(s) sujeito(s)), a efeitos de sentidos possíveis e a aspectos sintáticos e fônicos. O que é tomado como previsível e convencional em pontuação também deve ser considerado pelo pesquisador que se atém ao estudo dos sinais de pontuação.

Uma previsibilidade assim estabelecida explica, portanto, a ocorrência das concordâncias. Nada há de contraditório, porém, com relação à existência de discordâncias [...] são os modos enunciativos particulares (e sempre novos) que determinam as variações no seu emprego. (Chacon, 1998, p.132)

O presente trabalho, ao investigar o uso não convencional de vírgulas em enunciados de bate-papos virtuais, tem como foco a reflexão a respeito das diferentes dimensões da linguagem envolvidas na ausência da vírgula como sinal de pontuação – em lugares nos quais seu uso é previsto, seja por gramáticas normativas, seja por estudos

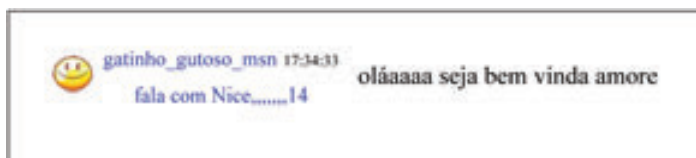
de pontuação desenvolvidos no âmbito da Linguística (cf. Chacon, 1998; Dahlet, 2006). A partir da adoção da tese de Corrêa (2004) – a propósito de um *modo heterogêneo de constituição da escrita* – e da de Chacon – a respeito de um *ritmo da escrita* – priorizaremos, na execução do trabalho, os aspectos da dimensão fônica e enunciativa da linguagem que podem estar relacionados às ausências de vírgulas. Ao buscar evidências empíricas da heterogeneidade mostrada por meio da ausência de vírgulas em enunciados de *chats*, faremos um recorte metodológico que tenderá a privilegiar aspectos relativos à prosódia e ao discurso (pelo viés dos gêneros discursivos).

Esperamos que tenha ficado claro, frente ao desenvolvido ao longo deste capítulo, que há flutuação na maneira de utilizar a vírgula como sinal de pontuação; até mesmo as gramáticas normativas divergem sobre o que pode ser considerado como o emprego “correto” de vírgulas (cf. Soncin, 2009). Em vez de essas controvérsias se tornarem um empecilho para a reflexão sobre a vírgula, iremos concebê-las como dado que explicita a complexidade envolvida no uso desse sinal de pontuação.

Nas análises preliminares do conjunto do material, observávamos o quanto era notória a ausência de pontuação, em especial de vírgulas, nos enunciados digitais. Chamava-nos atenção o fato de que as ausências de vírgulas sempre ocorriam em dois contextos mais gerais:

(i) na “parte interna” da mensagem (levando-se em consideração tanto questões de gramáticas normativas quanto de estudos linguísticos), como observado no Enunciado 2, em que *gatinho\_gutoso\_msn* poderia utilizar uma vírgula na mensagem endereçada a *Nice,,,,,,14* (“Olá<sub>1</sub> seja bem-vinda<sub>2</sub> *amore*.”).

#### Enunciado 2



(ii) entre mensagens diferentes de um mesmo escrevente, remetidas a um mesmo interlocutor. Essas mensagens poderiam ser reunidas em um único enunciado, se organizadas pelo sinal de vírgula, conforme observado a seguir.

### Enunciado 3



No Enunciado 3, é como se *Nice, , , , , 14* dividisse o fluxo de um enunciado em duas porções menores, em um curto espaço de tempo cronometrado pelo sistema de bate-papo (apenas dez segundos). Essas duas mensagens talvez pudessem ser grafadas em uma única (“Oi, obrigadinha.”), se a escrevente utilizasse sinais convencionais de pontuação, como o sinal de vírgula.

Outros aspectos parecem ser pertinentes na interação entre esses dois escreventes, mas como o objetivo é apenas ilustrar as hipóteses que orientam nosso trabalho, neles não nos deteremos.<sup>14</sup>

Observamos no *corpus* dois contextos de espaços em branco que se relacionam à ausência de vírgulas. Um desses contextos diz respeito a uma *ausência total* de vírgulas ou de outro sinal de pontuação qualquer. Esse “vazio” com relação à pontuação refere-se à delimitação de palavra

14 As repetições de vogais presentes em enunciados de ambos os escreventes, por exemplo, parecem assinalar uma entoação própria a cada segmento das mensagens – e podem ser relacionadas à pontuação dos enunciados, além de imprimir à interação entre os usuários um caráter mais informal.

morfológica. Um segundo contexto de espaço em branco relacionado à vírgula refere-se à segmentação de um enunciado em duas ou mais mensagens diferentes – em um breve espaço de tempo. O espaço em branco que compõe a(s) primeira(s) mensagens(s) é entendido neste trabalho como um recurso não convencional de que os usuários de *chat* lançam mão para pontuar os (seus) enunciados digitais. O aspecto gráfico-visual das “quebras de linhas” parece estar ligado, por sua vez, às funções e ao funcionamento da pontuação e pode marcar limites e/ou fronteiras de frases, orações, sintagmas etc.

Para definir os espaços em branco que constituem essas ausências, seja na ausência total (o “branco” que separa palavras morfológicas), seja em “quebras” (o “branco” que salienta a mudança de linha), recorremos ao estudo de Capristano (2003, p.23), que, em pesquisa sobre segmentação em textos infantis, considera que

o “branco” constitui um signo e/ou sinal gráfico cujo funcionamento relaciona-se com a marcação dos limites e/ou fronteiras de palavras, frases, orações, sintagmas. Sendo assim, as referências aos espaços em branco, em nosso trabalho, deverão ser tomadas como referências a um recurso ligado ao aspecto gráfico-visual do enunciado escrito que possibilita, de diferentes maneiras, a divisão do fluxo textual em porções menores.

As realizações gráficas envolvidas com a ausência de vírgulas (ausência total de vírgulas e “quebras de linhas”) em enunciados de bate-papos virtuais parecem compor um estilo próprio de um gênero discursivo em emergência. Essa hipótese, que será desenvolvida com base em estudos enunciativos e discursivos, soma-se a outras que, em diálogo com a reflexão sobre gênero, situam-se mais próximas aos estudos sobre a dimensão fônica de linguagem. Parece que há uma relação entre os usos não convencionais de vírgulas e as fronteiras de constituintes prosódicos, e:

– em alguns momentos, a ausência de vírgulas, em enunciados de bate-papos virtuais, pode estar relacionada com a marcação de uma prosódia da língua pelo sujeito escrevente;

– em outros momentos, a ausência de vírgulas pode se distanciar da marcação de aspectos da dimensão fônica, talvez na tentativa de o escrevente apagar supostas “marcas” da relação empreendida entre oralidade e letramento em textos virtuais.

Nosso trabalho trata da ausência de vírgulas, da prosódia e dos gêneros do discurso. Em perspectiva próxima a esta, Tenani e Soncin (2009, p.1), ao investigarem a relação entre uso e ausência de vírgulas em textos escolares e a dimensão fônica da linguagem, salientam que “os sinais de pontuação funcionam, na escrita, como marcadores prosódicos”, além, é claro, de se relacionarem à sintaxe, à coesão e ao discurso. A análise de usos/ausências de vírgulas permite, segundo essas autoras, a observação dos entrecruzamentos entre enunciados escritos e enunciados falados.

Tanto os estudos de Tenani e Soncin (ibidem) quanto os de Chacon (1998) e Corrêa (2004), supracitados, ajudam-nos a problematizar a existência de uma prosódia da escrita em íntimo diálogo com uma prosódia da fala. Ambas, prosódia da fala e da escrita, na perspectiva desses autores, evidenciam que elas são inerentes à língua e ocorrem em todas as manifestações verbais. Logo, não há uma “interferência” da prosódia da fala, ou dos enunciados falados, na escrita. Há, ao contrário, uma *prosódia da língua* que se faz presente nos mais diversos enunciados – sejam eles falados ou escritos. Nos enunciados escritos, a pontuação é um lugar privilegiado para observar o trabalho do sujeito com a prosódia, o ritmo e os efeitos de sentido na língua/linguagem verbal.

Quanto à teoria prosódica, há estudos – desenvolvidos com base nas práticas orais/faladas (Selkirk, 1984; Nespor; Vogel, 1986; Tenani, 2002) – que procuram explicar a organização de suprassegmentos que compõem a realização da língua, como, por exemplo, a entoação, o ritmo e o acento. Esses trabalhos, desenvolvidos no âmbito da fonologia, englobam conhecimentos da sintaxe, da morfologia e da semântica para apreender a organização da prosódia em constituintes hierárquicos. Discutiremos, na sequência, aspectos da teoria da fonologia prosódica.

## A fonologia prosódica

Os estudos da prosódia concentram-se em enunciados falados. Com base na reflexão que promovemos acerca de um modo heterogêneo de constituição de escrita (Corrêa, 2004) de enunciados digitais, a relação entre a prosódia da fala e a prosódia da escrita é tema constante, por causa do entrecruzamento de enunciados falados e enunciados escritos – fato que caracteriza não só a heterogeneidade da escrita como também a da fala e a da língua.

A fonologia prosódica procura formalizar a representação da fala em blocos organizados hierarquicamente – em uma hierarquia prosódica. Em outras palavras, os modelos teóricos da fonologia prosódica procuram desenvolver uma representação científica de como a língua se processa mentalmente, com base em enunciados falados. Uma hierarquia prosódica é composta por diferentes domínios (que são os “blocos” organizados em uma estrutura), nos quais é possível observar a regularidade com que diferentes componentes linguísticos (como acento, entoação e pausa) atuam no ritmo da fala e constituem a prosódia da língua.

Trabalhos recentes nessa área (cf. Tenani, 2002; Fernandes, 2007) apontam, ainda hoje, para a pertinência de considerar as teorias gerativistas formuladas em torno da década de 1980: Selkirk (1978, 1984) e Nespor e Vogel (1982, 1986) são referências na definição e conceituação da fonologia prosódica. Para Tenani (2002, p.2),

O trabalho de Selkirk (1978) pode ser considerado a semente da Fonologia Prosódica. Também Nespor & Vogel (1982) contribuem para o estabelecimento da noção de que a fala é organizada hierarquicamente em constituintes prosódicos os quais são construídos a partir de informações de outros componentes da gramática. É em Selkirk (1984) e em Nespor & Vogel (1986) que se encontram desenvolvidos os modelos de análise da relação entre fonologia e os demais módulos da gramática.

Nos modelos teóricos propostos por Selkirk (1984) e por Nespor e Vogel (1986), há várias divergências. No que refere aos diferentes

aspectos sintáticos envolvidos na interface sintaxe-fonologia, por exemplo, Selkirk se embasa na ordem frasal, enquanto Nespore e Vogel consideram como importante “a cabeça”, em uma relação (sintática) complementar. No que se refere às propriedades da estrutura sintática projetadas em uma estrutura prosódica, e quais delas são excluídas, Selkirk considera a relação entre fronteiras sintáticas (*end-based mapping*); já Nespore e Vogel levam em conta a relação sintática de sentenças (*relation-based mapping*) (cf. Inkelas; Zec, 1995).

No que tange aos constituintes prosódicos, em Selkirk (1984) a sílaba é tomada como ponto de referência para as demais unidades hierárquicas da teoria. Com uma estrutura interna, essa unidade é o eixo central em torno do qual outras camadas de autosegmentos são associadas; os demais constituintes prosódicos são considerados pela autora como sendo suprassilábicos. Do constituinte maior para o menor (nível  $n-1$ ), a estrutura prosódica em Selkirk é organizada em cinco unidades: frase entoacional (*IP*), frase fonológica ( $\phi$ ), palavra fonológica ( $\omega$ ), pé ( $\Sigma$ ) e sílaba ( $\sigma$ ).

No modelo teórico de Nespore e Vogel (1986), a hierarquia prosódica é composta por sete unidades: enunciado fonológico (*U*), frase entoacional (*I*), frase fonológica ( $\phi$ ), grupo clítico (*C*), palavra fonológica ( $\omega$ ), pé ( $\Sigma$ ) e sílaba ( $\sigma$ ). Para Nespore e Vogel, não há uma razão *a priori* para que uma dada língua inclua todas as sete unidades, no entanto, os dois primeiros constituintes (os maiores) são categorias mais universais. A constituição e a organização desses constituintes, nos dois modelos teóricos, partem da Strict Layer Hypothesis (SLH), postulada por Selkirk (1984), a qual prevê que um constituinte de camada  $n$  deve conter os constituintes da(s) camada(s) abaixo,  $n-1$ , de forma exaustiva.

Ao propor uma hierarquia composta por cinco elementos, Selkirk não postula a existência do grupo clítico e do enunciado fonológico, conforme o fazem Nespore e Vogel. Na presente reflexão, os dados provindos de bate-papo virtual parecem apontar para a pertinência de *U* como constituinte, fato que, somado à abordagem assumida para a entoação, justifica nossa opção teórica por Nespore e Vogel.

Em Nespore e Vogel (1986) – assim como em Selkirk (1984) – a estrutura hierárquica é desenvolvida a partir de domínios de aplicação



de regras universais presentes no processamento linguístico de nativos de diferentes línguas naturais. As autoras enfatizam que os fenômenos relevantes para a configuração de domínios prosódicos são estritamente fonológicos, embora Nespor e Vogel (1986) salientem que, para a constituição de vários domínios, existe uma interface entre a fonologia prosódica e os outros componentes da gramática (morfologia, sintaxe e semântica). Essa interface influencia diretamente na constituição do domínio de aplicação de regras e, assim, na formação dos constituintes prosódicos.

As autoras frisam que a fonologia não é um sistema homogêneo e se caracteriza como um conjunto de subsistemas. Nessa perspectiva, a prosódia é entendida como um subsistema fonológico que interage com os demais subsistemas, entre eles a grade métrica, a fonologia lexical e a fonologia autosegmental.

Com base em Nespor e Vogel (ibidem), autores como Tenani (2002) e Fernandes (2007) investigam a organização prosódica do Português Brasileiro (PB). Tenani (2002), em especial, caracteriza os domínios de  $\phi$ ,  $I$  e  $U$  como relevantes em PB. A adoção desses estudos mostra-se pertinente à reflexão sobre vírgulas, visto que “os usos [e as ausências] da vírgula são considerados recursos acionados pelo escrevente a partir de uma relação com possíveis fronteiras de constituintes prosódicos para focalizar certas relações sintático-semânticas, além de diferentes posições enunciativas” (Tenani; Soncin, 2009, p.04).

Neste trabalho, partimos da hipótese de que a ocorrência de algumas ausências de vírgula em bate-papos virtuais pode estar relacionada às fronteiras dos dois maiores constituintes da hierarquia de Nespor e Vogel:  $U$  e  $I$ , que também são categorias mais universais. Procuramos definir a seguir, de maneira breve, esses dois constituintes.

## O enunciado fonológico (U)

O *enunciado fonológico (U)* é o maior e mais largo constituinte da hierarquia proposta por Nespor e Vogel (1986) e tende a coincidir com o início e o fim de constituintes sintáticos, como em:

(a) [Está tarde.]U [Estou indo.]U

Em (a), exemplo adaptado de Nespor e Vogel, a formação de *U* é igual a dos sintagmas, como o sintagma verbal (SV):

(a') [Está tarde.]SV [Estou indo.]SV

Apesar de a formação do domínio de *U* fazer uso de informações sintáticas, nem sempre há isomorfismo entre sintaxe e fonologia no que se refere aos domínios mais altos da hierarquia. Há regras que se aplicam entre fronteiras sintáticas e servem como evidências da não isomorfia entre sintaxe e fonologia. Nespor e Vogel (1986), entre diversos exemplos, expõem o *Linking-r* e o *Intrusive-r*, regras da língua inglesa que se aplicam às fronteiras sintáticas e não se aplicam às fronteiras de *U*, pois são sensíveis a esse constituinte:

(b) It's late. I'm leaving. → ...la[r] I'm...<sup>15</sup>

Um enunciado fonológico pode ser reestruturado, mas o tipo de sentença envolvida não é critério suficiente para a reestruturação desse constituinte; torna-se importante, no entanto, considerar a natureza da relação entre as sentenças – não serão quaisquer duas sentenças que podem ser agrupadas em um *U*. A seguir são expostos dados extraídos de Tenani (2002, p.72), que ilustram a reestruturação de *U*:

(c) [O Pedro comprou arroz.]U [Alcançou bons resultados.]U

(c') [[O Pedro comprou arroz.]I [Alcançou bons resultados.]I ]U

(d) [O Pedro comprou arroz.]U [Alegaram falta de provas.]U

Em (c') houve a reestruturação de dois *Us*, de (c), em um único *U*. Essa reestruturação é possível e poderá ser determinada por fatores semânticos e pragmáticos: uma fala mais rápida, menos formal, poderá

---

15 Exemplo retirado de Nespor e Vogel (1986, p.237).

determinar a ocorrência de (c'), enquanto uma fala mais formal, que propicie o aparecimento de "pausas" entre os constituintes prosódicos, ou mesmo de determinada focalização e/ou ênfase pelo locutor, irá determinar a realização de (c), em vez de (c'). Já em (d), a reestruturação não é possível. Fatores sintáticos e semânticos inviabilizam o aparecimento de dois *Us* em (d): há sujeitos gramaticais diferentes nas duas sentenças que formam o *U*, e essas sentenças não têm relação de sentido.

Por meio de (c), (c') e (d) é possível observar que condições fonológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas facultam a composição e a possibilidade de reestruturação de *U*. Assim como em *I*, a constituição e a reestruturação de *U* dependem de fatores adicionais, como estilo e velocidade de fala, ou seja, a formação de um enunciado fonológico relaciona-se a informações não sintáticas – algumas das quais são externas ao componente formal da gramática.

### A frase entoacional (I)

Em Nespor e Vogel (1986), *I* é o domínio de um contorno entoacional, e seu fim coincide com a posição em que pausas podem ser inseridas, como no exemplo a seguir, retirado de Tenani (2002, p.56):

(e) [[Em Campinas,]I [o presidente inaugurou uma escola;]I ]U  
[[em Santos,]I [anunciou novas verbas para a saúde.]I ]U

Esse domínio faz uso de noções sintáticas mais gerais e é influenciado por fatores semânticos relacionados à proeminência e à *performance*. Uma frase entoacional pode ser reestruturada, a depender da extensão da sentença, da velocidade da fala, do estilo e da proeminência relativa. Em um estilo de fala mais formal, por exemplo, a tendência é haver mais *Is*; já em um estilo informal, a tendência é ter um único *I*, logo:

⇒ quanto mais rápida a fala for, há a tendência de *Is* maiores em termos de sua extensão; quanto mais lenta a fala for, há a tendência de *Is* menores em sua extensão;

⇒ quanto mais formal for o estilo da fala, mais facilmente haverá *Is* pequenos; quanto maior a informalidade da fala, maior será a tendência de ter um único contorno entoacional.

Logo, se o exemplo (e) fosse pronunciado em um estilo mais informal e em uma fala mais rápida, poderíamos ter a formação de apenas dois *Is* e um *U*, em vez de quatro *Is* e dois *Us*.

(e') [[Em Campinas, o presidente inaugurou uma escola;]I [em Santos, anunciou novas verbas para a saúde.]I ]U

Além do estilo e da velocidade, a proeminência, ao ser atribuída a um segmento sem proeminência, favorece a “quebra” de um *I* em *Is* menores e a criação de um novo contorno entoacional. A relação de proeminência relativa em *I*, de acordo com Nespor e Vogel (1986), é dada com base na proeminência semântica, o que imprime certa flexibilidade na reestruturação desse constituinte. Com base na proeminência, assim como nos outros fatores, poderíamos ter, em (e), outras reestruturações de *Is* que resultariam em seis – em vez dos quatro – *Is* da sentença.

(e'') [[Em Campinas,]I [o presidente]I [inaugurou uma escola;]I ]U  
[[em Santos,]I [anunciou novas verbas]I [para a saúde.]I ]U

Tenani (2002) afirma que, em PB, um *I* longo pode ser “quebrado” em *Is* menores,<sup>16</sup> mas não é qualquer divisão que é aceitável. Para Nespor e Vogel (1986), parece haver uma tendência em evitar reestruturar *I* em posição que não seja o fim de sintagmas nominais (SN), mas essa tendência pode não ocorrer, a depender da estrutura do argumento envolvido. Enumerações e construções complexas embutidas são exemplos de orações compostas por uma estrutura entoacional particular, as quais violam a restrição em SN, conforme exposto por Nespor e Vogel (ibidem, p.200-1) com dados da língua inglesa.

---

16 Para exemplificar a quebra de um *I* longo em *Is* menores, propomos uma análise inversa entre (e) e (e'): os dois longos *Is* de (e') podem ser reestruturados nos quatro *Is*, menores, de (e) – ou ainda nos de (e'').

(f) [The big fat ugly beast scared away children]I

(f') [The big]I [fat]I [ugly]I [beast scared]I [away children]I

(g) [Let's invite]I [Arnold]I [Arthur]I [Archibald]I [and Zachary]I

De acordo com Nespore e Vogel (ibidem), em (f') há uma reestruturação opcional do *I* de (f), a qual viola o princípio de SN. Já em (g) – sentença matriz composta por uma extensão de elementos enumerados –, há a repetição de *X*,<sup>17</sup> um segmento que sempre forma um novo *I*.

Certas construções formam domínios de *I* por si próprias, como, por exemplo, as expressões parentéticas, orações relativas não restritivas, *tag questions*, vocativos, completivos e certos elementos móveis – todos externos à sentença principal. Porém, a sentença principal nem sempre forma um único *I*, como é observado, a seguir, em (h) e (h'), a partir da sentença principal “Isabela é uma artista”.

(h) [Isabela]I [como você sabe]I [é uma artista]I

(h') [Isabela é]I [como você sabe]I [uma artista]I

Em (h) e (h'), pode-se observar que a expressão parentética “como você sabe” forma um *I* interno à sentença principal. A sentença principal, por sua vez, forma dois *Is* periféricos que não precisam ser – para Nespore e Vogel (1986) – isomórficos a constituintes da estrutura sintática.

Apesar de a sintaxe ser relevante para a constituição da frase entoacional, a formação e a reestruturação de *I* dependem de fatores não sintáticos, já que são influenciadas e reguladas pela estrutura da sequência envolvida. Nespore e Vogel (ibidem) atestam que há certa flexibilidade na formação desse constituinte, em função da influência de fatores que não se restringem à gramática formal, como o estilo e a velocidade da enunciação falada.

---

17 *X* é o segmento que se relaciona a *I*. Sua repetição faz que *Is* sejam recorrentes em (g). O uso da incógnita *X* é uma maneira de formalizar a análise da língua.

## Algumas considerações sobre *I* e *U*

Apesar de nos distanciarmos do modelo teórico de Selkirk (1984), não ignoramos que essa autora, ao dissertar sobre ritmo, entoação e sentido, considera que os contornos entoacionais estão envolvidos com a expressividade da sentença, e que tal expressividade se relaciona à atitude, à personalidade e ao humor do falante. Para Selkirk, a estrutura entoacional parece se relacionar com a estrutura focal; o foco é a informação nova, o que não é enfocado é dado pelo falante como informação pressuposta. Nespor e Vogel (1986) defendem, ainda, que o foco é garantido pela condição pragmática.

De maneira geral, tanto em Selkirk (1984) quanto em Nespor e Vogel (1986) há destaque para o fato de que uma dada sentença, com uma estrutura sintática, pode ter várias realizações linguísticas. Em outras palavras, a sintaxe não determina *I* ou *U*; uma mesma sentença, por exemplo, pode ser dividida em diferentes *Is*. Frente ao exposto, podemos afirmar que os constituintes mais altos da hierarquia prosódica – seja *I* em Selkirk, ou *I* e *U* em Nespor e Vogel – não se restringem à sintaxe e estão vinculados a aspectos semânticos, pragmáticos e enunciativos.

Em estudo sobre o PB – com base na oralidade/fala –, Tenani (2002) aponta que, em PB, os domínios de *I* e de *U* não são contextos para a aplicação de regras segmentais. Contudo, essa autora encontra evidências da relevância desses domínios para a compreensão da organização do contorno entoacional. Este estudo, em diálogo com a tese de Tenani (ibidem) e com o estudo de Tenani e Soncin (2009) – já citado –,<sup>18</sup> busca evidências, no conjunto do material, de que os domínios de *I* e *U* se relacionam com o ritmo da escrita, com as ausências de vírgulas e com os efeitos de sentidos em enunciados de *chats*.

---

18 Tenani e Soncin (2009) identificam que os erros/acertos nos usos de vírgulas em textos escolares se relacionam, principalmente, aos domínios prosódicos *I* e *U* do Português.

\* \* \*

A adoção de um modelo teórico como o de Nespor e Vogel (1986), desenvolvido no âmbito do Gerativismo, é um desafio a esta reflexão, a qual, fundada na perspectiva de heterogeneidade e nos estudos discursivos, considera a língua/linguagem como social e histórica. A fonologia prosódica, de maneira inversa, busca formalizar um padrão linguístico universal. Enquanto a abordagem sócio-histórica é tomada como fundamento neste trabalho, a fonologia prosódica é utilizada como uma ferramenta de análise que propicia a observação de semelhanças entre enunciados falados e enunciados escritos no estudo da ausência de vírgulas em enunciados de bate-papos virtuais. Para Tenani (2004, p.234):

A predominância de aspectos prosódicos como sendo relevantes para interpretar o modo pelo qual os espaços em branco ocorrem nos textos infantis pode ser tomada como um indício de que as fronteiras (e possivelmente também a proeminência) de constituintes prosódicos maiores do que a palavra têm alguma realidade psicológica para os falantes.

Consideramos, com a autora, que as segmentações não convencionais não são motivadas apenas por características fonéticas e podem ser interpretadas, pelo pesquisador, como pistas das características prosódicas da língua.

Ao refletir sobre segmentações em dados de aquisição de escrita, Tenani (ibidem, p.242) também observa que “a análise em domínios prosódicos dos dados selecionados torna evidente a natureza não homogênea constitutiva da língua, quer na modalidade oral, quer na modalidade escrita”. Com base na reflexão dessa autora, pode-se considerar que parece existir uma correlação entre os dados do internetês, no que tange ao uso não convencional de vírgulas, e os domínios mais altos da fonologia prosódica (*I* e *U*). Esse constante diálogo entre ritmo da escrita/do letramento (demarcado pelos sinais de pontuação) e ritmo da fala/oralidade (constituído por entoação, duração, velocidade etc.), presente na escrita na internet (e fora dela), afirma o caráter heterogêneo da escrita.

## 2

### ○ BATE-PAPO VIRTUAL

Algumas pesquisas no âmbito da Linguística definem o bate-papo virtual como gênero discursivo (conforme preconiza a teoria bakhtiniana), buscando, para tanto, conceituar a relação que se estabelece entre linguagem e tecnologia nesse ambiente digital (cf. Marcuschi, 2005; Xavier; Santos, 2000; Araújo, 2004; 2005; 2006a; 2006b). Tais pesquisas caracterizam o bate-papo virtual como gênero plural (com diferentes tipos de *chat*), distinto dos gêneros que se materializam fora da internet (como a conversação face a face ou a roda de conversa) e formado por uma intersemiose (conjunção entre som, representação pictórica e representação gráfica, por meio da escrita), entre outros aspectos que iremos abordar com mais precisão neste capítulo.

Após descrever a composição do material de estudo, apresentamos a metodologia utilizada para a apreensão da relação entre sujeito, linguagem e história e a análise dos dados. A metodologia refere-se ao *Paradigma Indiciário*, concebido no âmbito dos estudos históricos (cf. Ginzburg, 1983; 1989) e englobado em pesquisas na área dos estudos linguísticos (cf. Abaurre et al., 1995; Abaurre et al., 1997; Corrêa, 1997; 2004; Capristano, 2003; De Paula, 2007; Tenani; Soncin, 2009).

O *Paradigma Indiciário* – calcado em “indícios”, “pistas”, “rastros” e/ou “sintomas” – pode ser utilizado pelo pesquisador na busca por evidências das práticas sociais dos sujeitos. Com base nessa meto-



dologia, objetivamos, no *corpus*, “investigar” potenciais “pegadas” deixadas nos enunciados de *chats* (por meio do uso não convencional de vírgulas) da relação que o escrevente parece empreender entre práticas linguísticas e sociais da fala/oralidade e da escrita/do letramento.

A seguir, procuramos descrever as principais características do *corpus*, composto por enunciados coletados em um bate-papo virtual destinado a crianças entre 8 e 12 anos de idade. Na busca da definição do que vem a ser um bate-papo virtual, procuramos, em diálogo com alguns trabalhos na área da Ciência da Linguagem, categorizar e descrever o material de estudos – o bate-papo virtual em aberto, ou *chat* aberto.

## O bate-papo virtual (em aberto)

### O bate-papo (*chat*) em estudos na área da linguagem: um conjunto de gêneros

O termo “bate-papo virtual” se refere a um conjunto diverso de enunciados, ou interações. Há diferentes tipos de bate-papo virtual, cada um com diferentes propósitos comunicativos. Em nosso estudo, centramo-nos em um tipo de bate-papo virtual específico: o bate-papo virtual em aberto, que é de domínio público e no qual a interação ocorre sob anonimato, devido, principalmente, à adoção de *nicknames* (apelidos) pelos usuários. Antes de adentrar a categorização do *chat* aberto, convém situarmos o material frente à *constelação de gêneros chats* (Araújo, 2006a).

De acordo com Araújo (*ibidem*), o termo *chat* (ou bate-papo virtual) não designa um gênero, mas uma “constelação” de gêneros na rede. Esse autor defende que “o termo *constelação de gêneros*, em analogia com a Astronomia, denota um conjunto de gêneros discursivos que formam um todo coerente, ligados por características comuns, porém com funções sociais distintas” (*ibidem*, p.38). Sem hierarquizar os *chats*, mas com o intuito de demonstrar que eles compartilham um objetivo comum – o “papear” na rede –, Araújo propõe o esquema seguinte:

Figura 2 – Constelação do gênero *chat*

Fonte: Araújo (2006a, p.73).

Por meio da Figura 2, fica evidente que o termo *chat*, em Araújo, não denota o gênero em si, mas uma “situação comunicativa” comum (bater-papo na rede), com propósitos comunicativos diferentes; logo, o usuário da internet teria diferentes tipos de bate-papo virtual (aberto, personalizado – MSN e ICQ –, com convidado, privado, reservado, educacional) no processo de interação *on-line*. Para o autor, em vez de apenas buscar tipologias para defini-los, devemos entender como os bate-papos virtuais se formam; “estudar os *chats* é [pois] conhecer as várias funções sociais que eles cumprem” (ibidem, p.29).

Compartilhamos com Araújo a ideia de que os *chats* são “novos gêneros” que mantêm a relação intergenérica com a conversação face a face. Esse pressuposto implica uma mudança de posicionamento em relação ao senso comum que apregoa que os bate-papos virtuais seriam simplesmente uma conversação face a face que se dá em meio eletrônico. Araújo (ibidem) propõe que a mudança de suporte implica uma transformação no ato de “conversar”; a conversação face a face seria transmutada para a rede e passaria a constituir novos gêneros discursivos, que carregariam traços da esfera de comunicação eletrô-

nica e da hipertextualidade<sup>1</sup> que a compõem: “além de reunirem em sua textura linguagens, como a imagem, o som e a escrita, é inegável o fato de eles [os diferentes tipos de *chat*] estarem imersos em um modo digital de enunciação” (ibidem, p.93).

A internet não é concebida, em Araújo (ibidem), como simples artefato eletrônico, ou simples suporte em que a linguagem e as interações ocorreriam. A internet e o computador passam a significar as relações humanas, o que imprime novos sentidos à “conversa” *on-line*, novas formas de interação e, portanto, novos gêneros do discurso. Dessa perspectiva, o *chat aberto* se distinguiria da conversa cotidiana, para transmutar-se em conversas coletivas, coloquiais e públicas na rede.

Araújo diz que o *chat aberto* parece consistir na variedade mais usada entre os diversos tipos de bate-papo virtual, por causa da facilidade em acessar o sistema desse *chat* a qualquer hora e de qualquer computador, desde que o equipamento possua os requisitos mínimos para a navegação na *web* – como conexão à internet e *browser*. O bate-papo virtual em aberto é um espaço público de “conversação” na rede: qualquer um pode acessá-lo, todos podem se comunicar e tentar estabelecer parceiros. Araújo (ibidem, p.247) caracteriza-o como um “momento de ‘passagem’ onde vale tudo no jogo da conquista para conduzir os parceiros para os *chats* duais”.

Diferentemente dos *chats* coletivos, como o aberto, em que diversas pessoas interagem ao mesmo tempo, de maneira síncrona e simultânea, nos *chats* duais “as relações se dão entre pares que se isolam em ambientes digitais, permitindo conversas mais íntimas” (ibidem, p.140) – como, por exemplo, no MSN Messenger, *chat* personalizado em que, após cadastrar contatos (de *e-mail*) em um lista, o usuário pode comunicar-se por escrita, som e imagem (em tempo real) com outros usuários cadastrados quando estes acessam o sistema.

---

1 A noção de hipertexto, em Araújo (2006), envolve não linearidade (que, de acordo com o autor, é irrestrita a textos na *web*), *links* (endereços virtuais) e heterogeneidade intersemiótica (associação entre diferentes semioses, como imagem, som e escrita).

Conforme Araújo (ibidem) comenta, no *chat* aberto a “conversa”, geralmente, não é extensa. Na busca por conhecer novos parceiros virtuais, o conteúdo do “papo” concentra-se, principalmente, em torno de perguntas a respeito da idade do parceiro, de sua localidade e de seu endereço de MSN Messenger. Após trocarem endereço de MSN, há uma tendência de a “conversa” *on-line* passar para esse outro *chat* (mais íntimo). Outro assunto constantemente abordado no *chat* aberto é o erotismo e a sexualidade, tema presente mesmo em *chats* destinados a um público infante-juvenil, como observado no material da presente pesquisa. Em sua tese, Araújo (ibidem) observou que os usuários têm percepção das diferenças de propósitos comunicativos dos *chats*. Um de seus entrevistados, por exemplo, diz: “*num vo kerer trepar c a professora num chat educativo*” (ibidem, p.300, destaque no original). O usuário tem, portanto, clareza de que não é esperado, em um *chat* educacional, que os alunos abordem temas eróticos sem que este esteja em discussão. Já em uma sala em aberto, fazer apologia ao sexo não seria uma “gafe”, e, se fosse, o usuário poderia se valer do uso de apelido e do anonimato na rede para “se proteger” de possíveis implicações penais.

Além do propósito comunicativo de conhecer novos amigos, Araújo (ibidem) observa que o *chat* aberto ganha característica distinta da conversação coloquial face a face, pois as condições de produção são diferentes desta, ao mesmo tempo em que a disputa por parceiros e por turnos também se situa em uma nova condição de produção, ligada, conforme já citado, à esfera de comunicação eletrônica e à hipertextualidade. Acreditamos, pois, que a necessidade de utilizar teclado e *mouse* para interagir, de realizar a leitura na tela do computador, de estar conectado a um servidor etc., ressignifica o “bater papo” na internet. A tentativa de papear na rede é atravessada pelo suporte eletrônico e é a ele subordinada, na medida em que o escrevente precisa fazer uso dos recursos disponibilizados pelo sistema para a construção de sentidos em seu dizer e para a interação com outros usuários que têm a internet como prática social, os quais dominam a forma de enunciar própria de bate-papos em aberto – como o uso de *emoticons* (“caretinhas”) e de ortografia e pontuação não convencionais. Ou seja, “bater papo”,

com base nessas condições de produção (eletrônica), ultrapassa a mera aquisição de computador e acesso à *web*.

Como síntese das considerações de Araújo sobre o *chat* aberto, destacamos, nas palavras do autor, que “os usuários buscam o *chat* aberto para falar sobre erotismo e sobre sexo, realizar pequenas paqueras e, principalmente, conquistar parceiros para os *chats* duais da constelação; sendo estas as razões que o diferenciam dos outros” (ibidem, p.275). A temática sobre sexualidade indica que esse gênero discursivo atende ao propósito comunicativo de discutir assuntos que, nem sempre, podem ser sugeridos, com a mesma liberdade, em conversas face a face.

Em estudo anterior, Araújo (2005) atenta para o fato de que há certa flutuação na nomenclatura utilizada para caracterizar os diferentes tipos de *chat* que compõem essa constelação. Assim como esse autor,

[...] consideramos normal [...] que, na literatura, não exista um consenso de conceitos e terminologia para este objeto. Primeiro porque se trata de um gênero emergente que ainda está se estabelecendo; em segundo lugar, porque os estudos sobre eles ainda são pouquíssimos e estão acontecendo [...]. (ibidem, p.98)

Crystal (2006), no âmbito dos estudos da língua inglesa, defende que, por causa dos diferentes tipos de *chat* existentes na internet (mais globais ou locais, restritos, particulares ou não), há uma diversidade linguística compartilhada por eles em função das diferentes situações de uso da linguagem que cada tipo de *chat* implica. Crystal emprega o termo *chatgroup* para se referir de forma genérica a todos os bate-papos virtuais. Classifica os *chats* em duas categorias mais gerais: *chats* síncronos e *chats* assíncronos. Os primeiros referem-se a “conversações” simultâneas, nas quais escrevente e interlocutor interagem em tempo real. Já os segundos se referem a “conversações” não simultâneas, que podem ser acessadas pelos usuários a qualquer momento.

Marcuschi (2005), no Brasil, também se vale da distinção entre sincronicidade e assincronicidade para categorizar alguns gêneros digitais. Os ambientes assíncronos, em Marcuschi (2005, p.27), referem-se a

*foros de discussão* caracterizados pela “discussão de temas específicos, listas de grupos [...] É um ambiente que envolve vários gêneros”. Já a sincronicidade se refere mais propriamente ao ambiente dos bate-papos virtuais, ou *chat síncrono*, como nomeia o autor: “trata-se dos ambientes em salas de bate-papos entre várias pessoas simultaneamente ou em ambiente reservado. Tem vários formatos no estilo de uma conversação em tempo real. Também vem sendo usado para aulas chat” (ibidem, p.27). Além de *foros de discussão assíncronos* e de *ambiente chat síncrono*, Marcuschi elenca outros quatro ambientes de domínios de produção e processamento de gêneros na internet, nos quais não discute a questão da sincronicidade/assincronicidade, a saber: *ambiente web [world wide web]*, *ambiente e-mail*, *ambiente mud* e *ambientes de áudio e vídeo [videoconferências]*.

Entre os gêneros virtuais mais conhecidos do ambiente *chat síncrono*, Marcuschi (ibidem) cita o *chat* aberto, o *chat* reservado, o *chat* agendado (MSN Messenger e ICQ), entre outros.

Para Marcuschi (ibidem), a internet criou uma imensa rede social (virtual), na qual os *chats* são um dos gêneros mais praticados. Os *chats*, segundo esse autor, são uma nova forma de textualização que surge com os demais gêneros digitais. Ao expor os comandos e algumas características da escrita e da interação *on-line* dos bate-papos em salas abertas, Marcuschi menciona que o surgimento dos *chats* ocorreu na Finlândia no final da década de 1980, com o programa IRC (Internet Relay Chat), passando, no início dos anos 1990, a domínio público – antes, apenas pessoas autorizadas, com senha e identificação, poderiam acessar o programa.

Uma característica dos *chats*, que destacamos da reflexão de Marcuschi (ibidem), diz respeito ao uso de *nicknames* (apelidos) pelos participantes de *chat aberto*. O *nickname* recobre a identidade física do usuário e garante o anonimato da interação; funcionando como

[...] verdadeiras “máscaras” [que] podem variar com enorme rapidez [...] o mesmo indivíduo pode entrar, em curto lapso de tempo, com nomes diversos e até personalidades diversas, o que dá uma volatilidade às identidades sociais. Esses nomes assumem diversos formatos e merecem

um estudo à parte. Basta entrar numa sala qualquer para de imediato constatar a variedade e a imaginação (ou a sua falta) que grassa nessas salas em relação aos participantes e às escolhas de seus nomes com forte apelo sexual em muitos casos. (ibidem, p.43-4)

Em Marcuschi (ibidem) e em Araújo (2005; 2006a), observamos que os bate-papos virtuais são considerados gêneros bastante utilizados na internet e que, por isso, têm merecido algum destaque nas pesquisas acadêmicas. Ambos os autores estabelecem uma relação entre a conversação face a face e o *chat*: este aparece como uma “conversa” que acontece em uma nova condição de produção; uma maneira de comunicar que passou a existir a partir do desenvolvimento das ferramentas virtuais e da difusão da tecnologia digital.<sup>2</sup>

O termo “bate-papo” (ou *chat*) designa, nessas pesquisas, o “pa-pear” na rede, que pode assumir variadas formas: em duplas ou em grupos; restrito a pessoas autorizadas ou de acesso público. Marcuschi (2005) e Araújo (2005; 2006a) citam e definem, em suas pesquisas, diferentes tipos de *chat*. O primeiro autor menciona a existência de seis diferentes tipos de bate-papo virtual, a saber:

- bate-papo virtual em aberto, ou *chat* em aberto;
- bate-papo virtual reservado, ou *chat* reservado;
- bate-papo agendado, ou *chat* agendado;
- bate-papo virtual em salas privadas, ou *chat* privado;
- entrevista com convidado;
- aula *chat*, ou *chat* educacional.

Além desses, Araújo (2006) engloba em sua pesquisa um sétimo tipo, o *chat* de atendimento ao assinante. Cada um dos sete *chats* é composto por diferentes características tecnofuncionais, que remetiam a diferentes tipos de texto digital. A seguir, buscamos sumarizar

---

2 Pensemos, por exemplo, nos *notebooks*, na internet móvel, no acesso *wireless* em celulares. A comunicação pela rede deixou de se dar exclusivamente pela posse de um *desktop* (computador convencional) em casa com conexão à internet via cabo, ou pela linha telefônica. Agora o usuário conta com diversos dispositivos superportáteis que garantem uma comunicação por *chat*, *e-mail* etc. nos mais diversos ambientes: no shopping, no ônibus, no aeroporto, em inúmeros lugares.

e indicar as principais características dos bate-papos virtuais citados por Marcuschi e Araújo:

- *chat* aberto: é composto por inúmeras pessoas que interagem, no mesmo ambiente, de maneira simultânea e em relação síncrona;

- *chat* reservado: ocorre durante o bate-papo em aberto. Nele as mensagens pessoais são “acessíveis apenas aos dois interlocutores mutuamente selecionados, embora [eles] possam continuar vendo todos os demais em aberto” (Marcuschi, 2005, p.28);

- *chat* agendado: recebe essa denominação porque as “conversas” têm a característica de ser agendadas por programas que possuem um mecanismo pelo qual duas ou mais pessoas se comunicam mutuamente, como no MSN Messenger<sup>3</sup> e no ICQ<sup>4</sup> (*I Seek You*). Esse tipo de *chat* permite que os cadastrados no sistema saibam quando outro “entra” na internet e acessa o programa;

- *chat* privado: são “salas” virtuais restritas à interação de apenas duas pessoas;

- *chat* com convidado: constitui-se por perguntas e respostas dirigidas a um ou mais convidados especiais – como artistas e personalidades públicas. Geralmente, um moderador “filtra” as mensagens que serão expostas ao(s) convidado(s) e aos demais participantes da “conversa”, o que confere ao diálogo um teor diferente do encontrado nos bate-papos anteriores;

---

3 O MSN Messenger é um programa de comunicação em tempo real em que duas ou mais pessoas, após obterem *e-mail* individual de acesso, são cadastradas e autorizadas a aparecer em listas de contato de outros usuários, podendo se comunicar pela rede por meio da escrita e/ou de som e imagens em tempo real, com uso de microfones e *webcams*. Além de a comunicação não se restringir ao gráfico, o MSN diferencia-se dos demais tipos de bate-papo por disponibilizar um mecanismo que torna possível aos usuários visualizar todos os cadastrados de sua lista de contatos, informando o usuário quando alguém acessa o programa e permanece *on-line* para “conversar”.

4 O ICQ é um programa de comunicação em tempo real com um funcionamento próximo ao do MSN; disponibiliza aos usuários a visualização de seus contatos, quando conectados *on-line* no programa para “conversas” em duplas ou entre mais pessoas, simultaneamente. Atualmente, perdeu espaço para o MSN e quase não é usado na rede.



- *chat* educacional: difere-se dos demais por ter uma finalidade didática e/ou educacional, como tirar dúvidas e/ou expor temas específicos;

- *chat* de atendimento ao assinante: exposto em Araújo (2006), refere-se a um mecanismo que prestadoras de serviço disponibilizam a seus clientes; pauta-se pela restrição e privacidade de visualização da “conversa” estabelecida entre cliente e atendente.

Após essa exposição sobre como se constituem os *chats*, de uma forma mais genérica, procuraremos caracterizar melhor o bate-papo em aberto, que constitui o material de pesquisa deste livro. Também iremos expor características da coleta e do armazenamento dos dados e da delimitação do *corpus*.

## O chat aberto do Portal Terra

Esta pesquisa versa, de forma específica, sobre um bate-papo virtual aberto. Trata-se de uma sala destinada a crianças entre 8 e 12 anos de idade no Portal Terra,<sup>5</sup> site na internet que oferece serviços relacionados a notícias, horóscopo, beleza, economia, carros etc. Antes de nos restringirmos à caracterização do *chat* Terra e da coleta de dados, expomos as características que compõem o bate-papo virtual aberto enquanto gênero discursivo.

Como buscamos conceituar no item anterior (o bate-papo (*chat*) em estudos na área da linguagem: um conjunto de gêneros) deste capítulo, um bate-papo aberto é uma “sala” virtual que reúne algumas dezenas de pessoas com interesse em “conversar” assuntos diversos e coloquiais. Nele os usuários buscam parceiros para *chats* privados ou duais, como o MSN Messenger, bate-papo agendado em que é possível conversar “a sós”, por escrita, áudio e/ou videoconferência, com outra pessoa. Nas “salas” de *chats* abertos os usuários se identificam por meio de apelidos. Nelas qualquer pessoa de posse de um computador com acesso à internet pode acompanhar e participar, de maneira anônima, de uma dessas “conversas abertas”, de domínio público.

---

5 Disponível em: <<http://www.terra.com.br>>. Acesso em: fev. 2007.

Vários portais no Brasil disponibilizam bate-papos virtuais em aberto, como, por exemplo, Terra, BOL, UOL, iG e globo.com. Araújo (2006b), em trabalho sobre mecanismos hipertextuais de *chats* abertos de quatro *sites* (BOL, UOL, iG e globo.com), considera que nesses *chats* há outros recursos semióticos que interagem com a escrita – como o som e a imagem – que podem ser considerados pelo pesquisador como características constitutivas desse gênero.

Os mecanismos hipertextuais do *chat* são recursos operacionais que, quando ativados pelos usuários, imprimem uma certa regularidade nesse gênero. Marcas são projetadas na tela transmutando o som, a imagem e a escrita para uma outra esfera de comunicação de modo que os elementos escritos, sonoros e visuais não competem entre si, mas representam marcas de um novo gênero que absorveu características de outros. (ibidem, p. 162)

Além da possibilidade de som (de beijo, interjeição, assobio etc.) e imagem (*emoticons* preestabelecidos pelo provedor), os bate-papos abertos também possibilitam a escolha de parceiros para a interação, escolha que, para Araújo (2006b), se caracteriza como um mecanismo hipertextual, pois permite que o usuário se “isole” na sala virtual com alguém escolhido. Para isso, o escrevente precisa acionar uma pequena “janela”, que contém os apelidos de todos os “presentes” na “sala” de *chat*, e selecionar um apelido. Caso a mensagem a ser enviada seja endereçada a todos, basta o escrevente selecionar a expressão “todos”, disponível nessa mesma “janela”.

O internauta, no *chat* aberto, ainda pode nomear uma ação mediante a escolha em uma lista de comentários; essa nomeação tem função descritiva do conteúdo da mensagem. Esse outro mecanismo hipertextual

[...] ajuda a melhorar a compreensão entre os interlocutores. Para ativá-lo, basta clicar com o *mouse* no começo da “*barra de rolagem*”. Após o clique, imediatamente, se abre uma janela, contendo uma lista de comentários como: “*fala para, responde para, concorda com, discorda de, desculpa-se com, surpreende-se com, murmura para, sorri para*”, entre muitos outros comentários. (ibidem, p.162-3, destaques no original)

Todos os mecanismos hipertextuais citados também são verificados no *chat* Terra, serviço disponibilizado pelo Portal Terra<sup>6</sup> – domínio virtual em que foi coletado o material desta pesquisa –, e serão retomados adiante, no item “Características do *chat* aberto: a multimodalidade e o *chat* Terra”, com ênfase no *chat* em estudo. No presente item, com o intuito de delimitar o *corpus*, procuramos delinear, em linhas gerais, como se constituem os *chats* abertos e a “sala” – do *chat* Terra.

O *chat* Terra é um serviço que aglomera pelo menos quatro tipos de bate-papo virtual citados por Marcuschi (2005) e Araújo (2006a): entrevistas com convidados, bate-papos privados, reservados e abertos. Destes, escolhemos como material de pesquisa o *chat* aberto, pois nele as interações entre os participantes das “conversas” são públicas, o que facultou a coleta de dados pela pesquisadora. Dentre os temas (*namoro, cidades, esoterismo e filmes*), optamos por *idades* (subdivido em variadas faixas etárias: 8 a 12 anos, 15 a 20 anos, 20 a 30 anos, 30 a 40 anos etc.).

Como tencionávamos investigar a participação de sujeitos autotitulados crianças nesse ambiente virtual, para questionar e/ou fundamentar críticas a respeito do contato e do uso do computador e da internet por crianças em fase inicial de escolarização (e de aquisição da escrita), centramos-nos na coleta e, posteriormente, no estudo de uma das salas destinadas à faixa etária mais jovem, a saber, a destinada a crianças entre 8 e 12 anos de idade.<sup>7</sup> O *chat* Terra, na época da coleta de dados, era o provedor que compreendia a menor faixa etária; em todos os outros (BOL, UOL, iG, globo.com), a idade mínima discriminada

---

6 Outros portais também disponibilizam bate-papos virtuais como o pesquisado.

O leitor pode obter mais informações em Araújo (2006b), que, ao analisar os mecanismos hipertextuais que compõem os *chats* abertos – como som, imagem e escrita –, apresenta ao leitor os bate-papos virtuais oferecidos pelo BOL, UOL, iG, além de um panorama geral sobre o funcionamento desse gênero.

7 A faixa etária de 8 a 12 anos engloba sujeitos em fase de escolarização e, portanto, crianças que estão aprendendo o uso de vírgulas. Se tivéssemos parâmetros para controlar a aquisição dos sinais de pontuação, teríamos uma variável a ser observada nos dados que compõem o trabalho. No entanto, essa variável inexistente, seja por não sabermos a idade real dos sujeitos, seja por compartilharmos a perspectiva de que a aquisição da linguagem e da escrita é irrestrita à escolarização e à alfabetização.

nas salas era de 15 anos – este foi o motivo pelo qual escolhemos o Portal Terra dentre os demais *sites* que disponibilizavam o serviço de bate-papo virtual.

Os dados foram colhidos entre 2006 e 2007, momento em que a pesquisadora desenvolvia projeto de iniciação científica, que compreendia outros objetivos, mas também se detinha na escrita de crianças em *chats* da internet.<sup>8</sup> A pesquisadora, durante a coleta de dados, adentrava a sala com o *nickname* “Vivi” e nela permanecia, em média, por uma hora, observando a interação entre os escreventes. Raramente se comunicava com os internautas. Acreditava que, se se identificasse e dissesse que colhia dados para fins de pesquisa em análise linguística, qualquer intervenção poderia influenciar a escrita dos usuários – poderiam, por exemplo, querer escrever de forma mais próxima ao que é tido como convencional em escrita –, ou mesmo a permanência destes na sala em observação – eles poderiam abandonar a interação. Com o intuito de colher dados que retratassem uma situação mais “real” da comunicação em *chats*, a pesquisadora não dizia seus objetivos em permanecer (sem interagir) na sala “virtual”.<sup>9</sup>

Após a observação, toda “conversa” era copiada e colada em documento do Word (extensão .doc), visando ao armazenamento dos dados para posterior análise, já que “conversas” de *chat* aberto não são armazenadas pelo provedor que o gera.<sup>10</sup> A leitura dos enunciados dos escreventes, nesse gênero, só é possível no momento de permanência do usuário na “sala” virtual, o qual terá acesso apenas ao conteúdo das “conversas” que ocorrerem simultaneamente à sua “presença” no bate-papo virtual.

---

8 Trata-se do projeto intitulado “A heterogeneidade da escrita no estudo da vírgula em bate-papos virtuais”, desenvolvido em 2007 com o financiamento da Fapesp (processo 2007/01702-8) e que resultou em Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de licenciatura em Pedagogia (cf. Luiz Sobrinho, 2007).

9 A metodologia de coleta de dados adotada neste estudo é a mesma desenvolvida em nosso projeto de iniciação científica, para outros objetivos. Essa metodologia foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Unesp de São José do Rio Preto e recebeu parecer favorável em 10 de maio de 2007 (parecer n° 15/07).

10 Os dados foram transpostos para documento do Word sem edição. A fonte, o espaçamento entre sentenças e toda a formatação das mensagens foram mantidos como no original.

Araújo (2006a), em sua tese de doutoramento, procede de maneira semelhante no que diz respeito à coleta de dados em *chats* abertos. Concordamos com Araújo (ibidem, p.139) que essa é uma “estratégia que, após o momento da interação, permite que o analista faça um exame mais cuidadoso dos dados já que os bate-papos virtuais são voláteis e, ao menor problema técnico, podem sumir da tela, fazendo com que se perca todo o material a ser observado”.

A partir da consideração desse autor, salientamos que o Word, em pesquisas com bate-papos virtuais – e com outros gêneros digitais –, serve como ferramenta de armazenamento de conteúdo que, posteriormente, em outras etapas do estudo, deverá ser recuperado para avaliação.

Desde meado de 2008, a “sala” destinada a crianças entre 8 e 12 anos de idade foi desativada. Especulamos que a extinção dessa “sala” se deva à constante divulgação (pela mídia) de assuntos relacionados à pedofilia na rede e à correlação que, muitas vezes, a mídia estabelece entre abuso/assédio sexual infantil e a exposição de crianças em bate-papos virtuais. Lembremos que, conforme já frisado por Araújo (2006), o *chat* aberto é um local em que constantemente se fala sobre sexo e no qual há busca por parceiros para a prática de “sexo” virtual.

Sem abordar esse assunto de maneira mais consistente, atentamos para a pertinência da reflexão que pretendemos desenvolver com base nesses dados. Apesar de atualmente inexistir *chats abertos* direcionados especificamente à faixa etária de 8 a 12 anos, o uso da internet e, em particular, de bate-papos virtuais por crianças não foi encerrado e, frente à expansão e à popularização das tecnologias digitais, a interação de crianças na *web* tende apenas a aumentar.

Outra questão pertinente diz respeito à veracidade das informações fornecidas pelos escreventes: teriam eles, em sua maioria, entre 8 e 12 anos? Claro que, por se tratar de um bate-papo aberto, e o acesso ser disponibilizado a qualquer pessoa – independentemente de idade, sexo e/ou localidade geográfica –, não temos como garantir que os usuários das “conversas” do *chat* em análise tenham exatamente a idade que dizem ter. Ao mesmo tempo, também não temos como garantir que um usuário que diz ser do sexo feminino o seja, ou que ele realmente more na cidade onde diz morar.

O que pode parecer um obstáculo para o desenvolvimento da pesquisa ganha outros contornos a partir do referencial teórico-metodológico que assumimos, com base nas reflexões provenientes da Análise do Discurso de linha francesa. Em vez de dar importância à veracidade das informações disponibilizadas pelos escreventes (supondo que uma verdade possa existir), interessa-nos investigar, como analistas da língua/linguagem, o(s) efeito(s) de sentido que é(são) gerado(s) na interação entre pessoas que dizem, em sua maioria, ter entre 8 e 12 anos de idade e que assumem uma determinada personalidade na rede.

A fim de caracterizar o gênero *chat* aberto e, de maneira mais circunstanciada, o *chat* Terra, detemo-nos, a seguir – ainda neste capítulo –, no uso de *nicknames* e na questão da multimodalidade. Ambos parecem ser característicos do material em estudo e, junto à pontuação não convencional, atuam na construção de efeitos de sentido nesse gênero do discurso, o bate-papo virtual em aberto.

### **Características do *chat* aberto: o uso de *nicknames***

Apesar de o enfoque deste trabalho ser o uso não convencional de vírgulas em bate-papos virtuais, há outros tipos de ocorrência que caracterizam esses enunciados e que o distinguem de outros. Por exemplo, o uso de *nickname* é um recurso que merece atenção por parte dos estudiosos, já que, ao lado de ausências de vírgulas, auxilia o escrevente a “pontuar” suas mensagens.

De maneira específica, o uso de *nickname* (apelido), ou *nick* (abreviação do termo em inglês), é uma forma de o escrevente, no *chat* aberto, não revelar sua identidade física (real?) em “conversas” que podem ser observadas por qualquer pessoa com acesso à internet. Ao mesmo tempo em que o usuário “se esconde” por trás de um codinome, ele se “mostra” e/ou se “constrói” a partir de uma identidade virtual que começa pela escolha lexical e segue pela escolha da cor da forma gráfica e da descrição de características pessoais (como idade, sexo, escolaridade etc.), as quais podem coincidir, ou não, com a identidade do usuário fora da rede. Esse anonimato nas interações permitiu que a pesquisadora se utilizasse, na íntegra, das “conversas” colhidas

do *chat* Terra, podendo, inclusive, citar a “identidade virtual” dos participantes.<sup>11</sup>

*GOSTOSA, GATINHO DO MSN, gatinho 100 gatinha, carol, pri, bruno gostosão, \*claudinha\*\**, *Procuco\_Namorada* são exemplos de *nicks* encontrados no conjunto do material. Mesmo apelidos que retomam nomes próprios, como *carol, pri* e *\*claudinha\*\**, ou a citação de um nome próprio, como *bruno*, não permitem a identificação pessoal do escrevente, pois, além de não dispormos de mecanismos que atestem a veracidade do nome ou apelido pessoal, existe a possibilidade de acesso, à sala pesquisada, por pessoas localizadas em qualquer parte do globo terrestre – essa possibilidade praticamente impossibilita a identificação de quem seria *carol, pri, \*claudinha\*\** ou *bruno* na vida real.<sup>12</sup>

Em estudo sobre *nicks* – divulgado por meio do artigo “*Kd a roupinha do nick?*”: *Brincando de vestir identidades no chat aberto* –, Araújo (2007) observa que a escolha de certos caracteres para a grafia de apelidos (como *Vãşçãjñã* para *vascaína* e *Ø ©jëntjst@* para *cientista*) funciona como a escolha de uma “roupa”; o escrevente, intencionalmente, “veste” uma identidade discursiva. Para o autor, “grafar as alcunhas com caracteres diferentes dos usuais representa uma ‘roupa’ que veste o *nick* e [que] cria, portanto, uma identidade no grupo” (ibidem, p.08).

Ressaltamos, com Araújo, que o *nick* não recobre a construção de uma identidade virtual apenas do indivíduo que escreve, mas de

---

11 Por uma questão de procedimentos éticos em pesquisa, eventuais *e-mails*, nomes completos e outros dados que possibilitem a identificação do internauta, publicados nas “conversas” que compõem o *corpus*, não são transcritos neste trabalho. Para tanto, utilizamos recursos que impossibilitam a divulgação dessas informações, como o realce de texto em preto, que encobre letras, como em xxxxx –, além da troca dessas informações pela repetição de uma mesma letra, por exemplo, “XXXX”.

12 Ressaltamos que o sistema policial detém mecanismos de rastreamento e identificação de usuários da internet; o autor de ações criminosas na ou pela internet, e em bate-papos virtuais, pode, portanto, ser rastreado – o que vai contra a (falsa) ideia de que a internet é um local “livre” das normas da sociedade (real?). Geralmente, essas investigações ocorrem por meio da identificação do “número de IP” (*Internet Protocol*, protocolo de internet) –, que é diferente para cada computador com acesso à rede.

todo o grupo que frequenta uma sala de bate-papo virtual. Dessa perspectiva, os *nicknames* que constituem determinado material não devem ser interpretados por estudiosos em linguagem como meros codinomes, que “enfeitam” a “conversa” *on-line*. Eles integram uma cultura virtual em franca expansão e servem como vestígios da constituição desse escrevente, pela escrita, e desse gênero discursivo, na internet.

O *nickname* pode ser considerado como uma característica (hiper) textual própria do gênero bate-papo virtual em aberto, observado no *chat* Terra, já que em outros gêneros da constelação de *chats*, como entrevista com convidado e aula *chat*, é pressuposto que, na maioria das vezes, os escreventes se identifiquem por meio de seus nomes pessoais, provindos de suas identidades no mundo “real”. Podemos considerá-los, ainda, como um mecanismo hipertextual que, além de dissimular a identidade física do usuário e de garantir o anonimato da interação – conforme Marcuschi (2005) já havia afirmado em seus estudos –, permeia a construção de sentidos *nas e das* “conversas” de *chats* abertos.

### **Características do chat aberto: a multimodalidade e o chat Terra**

No que tange às características funcionais, a “sala” de bate-papo virtual pesquisada suporta um máximo de quarenta pessoas – as quais podem interagir simultaneamente, em pares ou em conjunto.<sup>13</sup> O número de pessoas é um recurso disponibilizado pelo sistema que dá suporte à sala e que garante a interação entre os

---

13 As “salas” de 8 a 12 anos de idade do *chat* Terra não apresentam o mecanismo “reservadamente”, que restringe o envio de determinada mensagem apenas ao interlocutor, ocultando-a da sala “aberta”. Em Araújo (2006a) e em Marcuschi (2005), o “reservadamente” refere-se ao *chat* reservado, um gênero que ocorre em um espaço reservado “dentro” do espaço público do *chat* aberto. A ausência desse gênero no *corpus* do trabalho ajuda-nos a observar, na íntegra, a interação entre os escreventes, já que todas as mensagens podem ser lidas por todos os presentes no *chat* pesquisado.



escreventes. Além de um número máximo de pessoas por “sala”, o *chat* Terra dispõe de outros recursos que subsidiam a interação, como barra de rolagem, palheta de cores, conjunto de *emoticons* e recursos sonoros. Embasados nos estudos de Marcuschi (ibidem) e de Araújo (2005, 2006a, 2006b), a presença desses recursos no material da pesquisa coloca em evidência a composição multimodal dos bate-papos virtuais, a qual ocorre por meio da intersemiose entre texto, som e imagem.

Araújo (2006a), por exemplo, destaca que o rádio, o sistema de alerta (sonoro), o envio de música, e a presença de figuras (*emoticons*) na mensagem, de figuras que expressam o estado de espírito do usuário, de *hyperlinks* e de barra de rolagem são diferentes interfaces que compõem o *chat* do UOL.<sup>14</sup> Para o autor, esses recursos são mais presenciados no *chat* aberto, mas não são a ele restritos, pois também podem estar presentes em outros gêneros da constelação discursiva dos *chats*. Em Araújo (2006b), além de sons e de figuras, a escolha de parceiros e de expressões que comentam o “dizer” na rede também são apontadas pelo autor como interfaces multimodais – possibilitadas pelo suporte tecnológico – que se relacionam com a escrita.

Com ênfase nas diferentes interfaces semióticas que compõem o conjunto do material, expomos uma ilustração retirada do *chat* destinado a idades de 8 a 12 anos.

---

14 Disponível em: <<http://www.uol.com.br>>.

Figura 3 – Imagem da “sala” do chat Terra, idades: 8 a 12 anos



Na Figura 3, podemos observar a tela que é visualizada pelos escreventes do chat pesquisado. A maior parte desta tela é composta por enunciados escritos pelos usuários “presentes” no chat. Mas a escrita, nesse caso, tem uma “formatação” diferente da escrita tradicional, comumente reconhecida pela presença de parágrafos, pelo emprego de letras maiúsculas em início de frases etc.; nela há a presença de *emo-ticons* antes de cada enunciado, recurso que pode ser desativado pelo escrevente. Na sequência de cada *emoticon*, há o *nickname* do escrevente, seguido pelo horário (de envio da mensagem) e, quando for o caso, do *nickname* do interlocutor da mensagem. Gostaríamos de destacar o colorido que sobressai dos *nicknames*: uma cor pode ser escolhida pelo usuário antes de este entrar na “sala”, na mesma página em que o usuário deve escrever seu *nick* e clicar no botão que dá acesso à “conversa”. Caso escolha uma das cores disponibilizadas pelo sistema, o *nick* do escrevente sempre aparecerá na tela com a cor escolhida; caso não escolha, o sistema colocará uma, de forma aleatória, dentre as disponíveis.

Na parte superior da Figura 3, há diversos *hyperlinks* que podem remeter o leitor tanto à página inicial do portal quanto a outras “salas” de chat, seja à procura de potenciais amigos, seja em busca de serviços como *e-mail*, disponibilizado aos assinantes do Portal Terra. Na parte inferior da Figura 3 temos os “mecanismos” técnicos (e hipertextuais) que permitem a “conversa” na internet. Há, por exemplo, “dispositivos” (compostos por teclas e barras virtuais) para a escolha de parceiros no envio de mensagens, para a inserção de imagens e sons nas mensagens, para a digitação e o envio de mensagens, para a “rolagem” automática da “conversa” e para a saída do escrevente da “sala” virtual.

Todos os recursos tecnológicos descritos anteriormente são, com base em Marcuschi (2005) e Araújo (2005, 2006a, 2006b), diferentes semioses (ou interfaces) que se relacionam com a escrita e constroem significados nesse gênero discursivo. Ao investigar diferentes semioses em uma mensagem, fazemos menção aos estudos da multimodalidade na área da Semiótica Social (cf. Kress e Van Leeuwen, 2001), a qual considera que todas as formas (linguísticas e não linguísticas) produzem sentido(s) em um texto, em múltiplas articulações. Da perspectiva do discurso multimodal, adotada por Kress e Van Leeuwen (2001), todos os textos são construtos multimodais, dos quais a escrita é apenas um dos modos de representação da mensagem – modos esses relacionados ao contexto sociocultural. Discurso,<sup>15</sup> *design*, produção e distribuição são, segundo essa proposta, domínios de práticas sociais nos quais o sentido é diretamente elaborado.

A teoria da multimodalidade no estudo de *chats* ajuda-nos a entender e realçar, com Marcuschi (2005) e Araújo (2006a, 2006b), a importância de outros sistemas de signos que integram as “conversas” de bate-papos virtuais, o que faz que discutamos a escrita na internet, e a ausência de vírgulas, de forma multissistêmica, em interação com outros modos semióticos (como imagens e figuras).

---

15 *Discursos*, para Kress e Van Leeuwen (2001), são conhecimentos construídos socialmente (em contextos sociais ou informais, institucionais ou não) sobre algum aspecto da realidade.

Retornando à Figura 3, e relacionando-a com a teoria da multimodalidade, podemos observar que as cores dos *emoticons* e *nicks*, a presença de imagens, *links* e barra de rolagem, por exemplo, interagem com a linguagem verbal na construção de sentidos. Observemos os seguintes *nicknames*, retirados do *corpus*:

gostoso  
 -\*gatinha 2006  
 André MSN  
 -\*Mary\*\*\_

Se refletirmos sobre os *nicks* com base na teoria da multimodalidade, iremos observar que a cor, em cada um deles, não é um mero acessório da escrita, pois a cor, signo não verbal, dialoga com o verbal: *gostoso* e *André MSN* realçam o aspecto da masculinidade ao fazerem uso da cor azul, com frequência atribuída ao gênero masculino. Já *\_ \*Mary\*\*\_* e *-\*gatinha 2006*, ao optarem pela cor rosa, retomam a feminilidade e outros aspectos (como a sensibilidade, o romantismo e a inocência) vinculados, culturalmente, ao uso dessa cor por mulheres. O uso de asteriscos, de travessão e/ou de *underline* na composição do *nick* coloca em destaque o apelido escolhido.

As cores, como procuramos demonstrar, também podem ser consideradas modo semiótico que materializa discursos e estão relacionadas às práticas sócio-históricas dos sujeitos. Em uma análise das cores, com base em um artigo da revista francesa *Maison Française*, Kress e Van Leeuwen (2001, p.57) afirmam que “As cores [na revista francesa] têm uma função textual. Estabelecem coesão ao longo das oito páginas desse artigo proeminente, provendo coesão (e coerência) em cada pequena parte, de forma tão clara e forte como o dispositivo do léxico na língua”<sup>16</sup>. A relevância das cores no estabelecimento de sentido também pode ser observada nos textos/enunciados de *chats*.

---

16 *Colour here has a textual function. It forms a cohesive device across the eight pages of this feature article, providing cohesion (and coherence) every bit as clearly and as strongly as do the cohesive devices of lexis in language.*

Ao considerar, com a teoria da Semiótica Social, que um texto é o resultado da articulação entre um ou mais modos semióticos de um discurso, ou de certo número de discursos, acabamos por conceber que os textos/enunciados de *chats* não podem ser restritos ao traço da escrita. A presença de figuras, sons, *hiperlinks*, barra de rolagem, escolha de parceiros etc. pode ser interpretada, a partir de Kress e Van Leeuwen (ibidem), como uma articulação entre o sistema de escrita, e o de pontuação, e os diferentes sistemas semióticos. Tal articulação torna-se possível por meio do sistema tecnológico utilizado no *design* e na construção de texto virtuais. Em nossos dados, portanto, a pontuação – que integra o sistema de escrita – e a ausência de vírgulas, em específico, podem ser interpretadas como evento semiótico que interage com os demais sistemas semióticos (som, imagens etc.).

De acordo com Kress e Van Leeuwen (ibidem), nas interações intersemióticas há certas formas possíveis de a relação se estabelecer entre diferentes sistemas semióticos. Com base nesses autores, podemos dizer que a escrita, em geral, e a ausência de vírgulas em bate-papos virtuais, em específico, combinam com outros sistemas semióticos, e nessas combinações os diferentes sistemas envolvidos podem:

- reforçar uns aos outros (dizer as mesmas coisas de formas diferentes);
- complementar uma mensagem;
- ser ordenados hierarquicamente.

Nos enunciados do *chat* Terra, assim como o exposto anteriormente sobre as cores, os *emoticons* também podem ser apreendidos como um sistema semiótico que interage com a escrita – e, claro, com a pontuação – em *chats* abertos. Vejamos um exemplo:

## Enunciado 4



Em (A), do Enunciado 4, o *emoticon* da direita<sup>17</sup> e o da esquerda compõem o sentido do enunciado – ou seja, esse enunciado não se restringe ao material estritamente linguístico apresentado na escrita de GATAO\_na\_parada. O escrevente, ao utilizar uma “cadinha” que sorri e também uma flor, constrói uma imagem de garoto simpático, carinhoso, romântico, galanteador – *afinal, oferece flores às mulheres* – com a interlocutora, marianny. Os *emoticons*, nessa situação, complementam a mensagem de GATAO\_na\_parada. Já em (B), Dany utiliza-se de uma “carinha” triste, que, somada à mensagem “alguem te comigo!!??”, enviada de forma genérica à “sala” virtual, reforça a carência da escrevente, que se mostra sozinha, triste e à procura de alguém para papear *on-line*.

Freire (2008), ao dissertar sobre a interface no bate-papo virtual, diz que, nos gêneros digitais, a interface influencia o processo de intercompreensão.

17 O *emoticon* 😊, utilizado por GATAO\_na\_parada, é a “carinha-padrão” disponibilizada no sistema do chat Terra. Para modificá-la ou suprimi-la dos enunciados, o escrevente deve acionar determinados recursos do mecanismo de envio de mensagens do bate-papo.

Tecla-se e navega-se em um ambiente interativo virtual com certas características e funções que fazem parte das condições de produção do discurso: a velocidade da mudança de turnos, a multiplicidade de interlocutores, a imagem que cada sujeito faz de seus parceiros, os conhecimentos partilhados, o monitoramento do fio condutor da conversação etc. (ibidem, p.66)

Conforme salientado por Freire, não podemos ter a inocência de supor que a junção de diferentes recursos semióticos (como imagem, som e escrita) venha a facilitar ou garantir a eficiência da interação nos *chats* na internet.<sup>18</sup> Para a autora, “em alguns momentos, talvez esses recursos possam ser um fator complicador na conversação, tornando-a linear e artificial” (ibidem, p.77). Acreditamos que esses recursos podem, é claro, causar mal-entendido, afinal, a linguagem (verbal e não verbal) não deve ser pensada em termos de objetividade e exatidão – a linguagem é sempre subjetiva, e o(s) sentido(s) depende(m) da interação entre os sujeitos. Alguém que não seja “proficiente” em *chats* pode ver essa maneira de interagir como “linear” e “artificial”.

Araújo (2006a) considera que a barra de rolagem é um (outro) elemento semiótico presente no *chat*, integrada aos *emoticons*, às cores e formas. Concordamos com esse autor, para quem o movimento vertical que a barra de rolagem propicia significa a interação do *chat* e influencia a produção/recepção dos enunciados nesse gênero: “o movimento vertical é ressignificado pelos *chats* como um elemento semiótico e pode ser considerado, sem dúvida, uma das características do hipertexto produzido nesses gêneros” (ibidem, p.173).

Os enunciados de *chat*, a partir do exposto, não são compostos apenas pela escrita, são também compostos por outros signos (cores, imagens, sons etc.) na produção de sentido na rede. Para Marcuschi (2005), apesar dessa interação existente entre diferentes sistemas semióticos, a escrita ainda é central nas atividades na internet. Com base nessa afirmação, Araújo (2006a) questiona se a escrita realmente

---

18 Contudo, os *softwares* desenvolvidos na chamada Web 2.0 buscam simplificar e facilitar a interação na internet, com o objetivo de torná-la mais eficiente.

seria a principal forma de enunciar. Araújo considera que a escrita, sem ser inferior ou superior aos demais modos semióticos, coexiste com as demais formas de interagir na rede.

Frente à multimodalidade que constitui a comunicação na *web*, Araújo (2006) chama atenção para o fato de que a escrita vem sendo supervalorizada em pesquisas sobre a escrita na internet, em detrimento de outras formas de linguagem. Ao aproximarmos da perspectiva de Araújo, observamos que a presente pesquisa busca realizar uma *análise linguística* da escrita em *chats*, sem, contudo, conceber a linguagem verbal como mais “racional”, importante e/ou superior do que outros modos semióticos presentes na interação *on-line*.

Com base nos estudos recentes sobre linguagem e tecnologia, um estudo que propõe investigar usos de vírgulas deve considerar que os sinais de pontuação se somam a outras semioses e constituem os enunciados de diferentes gêneros discursivos (sejam eles virtuais ou não). A seguir, com ênfase nos usos não convencionais de vírgulas, a relação entre pontuação e outras semioses será explorada como uma característica constitutiva do gênero *chat* aberto.

### **Características do *chat* aberto: a vírgula e o *chat* Terra**

Diversas ocorrências linguísticas observadas em textos digitais (como a abreviação de palavras, as onomatopeias e o excesso de pontuação) podem ser consideradas, de um ponto de vista normativo, não convencionais. A ausência de sinais de pontuação, em lugares em que eles poderiam ser utilizados nas sentenças, também pode ser observada entre essas ocorrências que caracterizam e distinguem a escrita de determinados gêneros digitais da *web*, como bate-papos abertos e privados, determinados *blogs*, redes de relacionamento e comunidades virtuais, entre outros. Junto aos diacríticos (aos sinais propriamente ditos), outros aspectos da pontuação nem sempre são utilizados pelos escreventes na internet, como as letras maiúsculas em começo de frases e a paragrafação.

Nesse cenário, o sinal da vírgula – um dos sinais de pontuação mais empregados em enunciados escritos convencionais – é bastante ausente no bate-papo virtual pesquisado. A ausência de vírgulas, em lugares



em que elas poderiam ser utilizadas pelos escreventes, de acordo com gramáticas, salta aos olhos do analista como uma das propriedades linguísticas do bate-papo virtual em aberto.

Em outros gêneros discursivos, como a dissertação escolar, o sinal de vírgula é um dos sinais de pontuação mais presentes. Corrêa (1994) e Esvael (2005), por exemplo, em estudos sobre o uso de vírgulas em redações de vestibular, observam que o emprego desse sinal de pontuação é o que mais aparece entre os sinais de pontuação no *corpus* de suas respectivas pesquisas. Para Esvael (ibidem, p.13), a forte presença desse sinal é, “em certo sentido, um resultado trivial, tendo em vista ser a vírgula um sinal que se marca internamente ao enunciado, segmentando-o”.<sup>19</sup>

Contudo, nos enunciados de bate-papo virtual em aberto, a vírgula praticamente não é utilizada pelos escreventes, causando estranhamento a escreventes e leitores não habituados com as características composicionais dos enunciados de *chats*. Em trabalhos anteriores (Luiz Sobrinho, 2008; 2009; Luiz Sobrinho; Komesu, 2009), já antecipamos que a ausência desse sinal de pontuação pode ser apreendida, nos estudos em linguagem, como característica de um gênero de discurso em emergência.

Nesses estudos, observamos duas formas de ausências de vírgulas, que buscamos detalhar: (i) ausência total de vírgulas em lugares em que elas poderiam ser utilizadas pelos escreventes e (ii) “quebra” de linha somada à ausência de vírgulas. A “ausência total” refere-se a momentos em que o escrevente supre o sinal de vírgula, sem se utilizar que qualquer outro recurso para sinalizar as relações sintáticas, semânticas e enunciativas que poderiam ser ressaltadas pelo uso de sinal de pontuação. A “quebra” refere-se à ausência de vírgula e de

---

19 Podemos fazer um paralelo entre a segmentação do enunciado por vírgula, em Esvael (2006), e as sequências delimitadas por vírgula, em Dahlet (2006). Para a última autora, a vírgula atua nos dois menores níveis de uma ordem hierárquica entre os sinais de pontuação. Dos cinco níveis, a vírgula atua: nas sequências interoracionais (nível 4) e nas sequências intraoracionais (nível 5) – cf. Dahlet (2006, p.56-7). Talvez por causa da atuação da vírgula tal como descrita por Dahlet é que esse sinal esteja tão presente nos diversos enunciados escritos. Muitas vezes, mais que outros sinais de pontuação.

qualquer outro tipo de sinal de pontuação, em que a mudança de linha – a “quebra” de um enunciado em duas ou mais mensagens – parece constituir um recurso de pontuação no enunciado digital.

A ausência ou a presença da vírgula, como sinal gráfico de nosso sistema de escrita, passa, junto ao alfabeto, a operar na produção e na recepção dos sentidos. Ao compartilharmos com a teoria da Semiótica Social (Kress e Van Leeuwen, 2001) a ideia de que o sentido de um texto não se restringe ao material verbal nele contido, a pontuação e a ausência de vírgulas passam a ser interpretadas como parte de um sistema multimodal, pelo qual significam e são ressignificadas. Vejamos um dado retirado do *corpus* do trabalho:

#### Enunciado 5



O Enunciado 5 ilustra um caso do que chamamos de ausência total de vírgulas: a expressão “oi” da mensagem de gato do msn poderia ser coordenada por meio de uma vírgula na sentença principal “quer teclar comigo”. A vírgula é suprimida e, em seu lugar, nenhum outro sinal de pontuação é utilizado. Fora esse diacrítico, há, ainda, a ausência do sinal de interrogação ao final do enunciado. O leitor “fluyente” em *chat*, familiarizado com esse gênero discursivo, consegue recuperar facilmente que se trata de uma questão por meio da estrutura sintática empregada, característica de sentenças interrogativas, e por fatores pragmáticos e discursivos que permeiam a interação – sabe-se que o escrevente, nesse caso, está convidando gatinha.rj a iniciar um diálogo, e não está, por exemplo, afirmando que a interlocutora quer conversar com ele. Gato do msn, no Enunciado 5, também não faz uso de letras maiúsculas para iniciar a sentença. Se o sistema de pontuação fosse empregado conforme o previsto pela norma, poderíamos ter algo como: “Oi, quer teclar comigo?”

Com a pontuação não convencional no Enunciado 5, há ainda outras semioses que se relacionam com o enunciado de gato do msn: a escolha da cor azul claro para o *nickname*, o uso de um *emoticon* sorridente, a escolha de gatinha.rj como interlocutora da mensagem. Por meio da pontuação – e da ausência de vírgulas – e desses outros recursos, gato do msn se mostra um escrevente familiarizado com *chat*, que busca amizades com garotas mediante abordagem bastante simpática – sorridente, como ilustra o uso de *emoticon* – com gatinha.rj.

Por meio do Enunciado 5, pode-se observar que diferentes elementos semióticos verbais e não verbais compõem o *chat* em aberto e funcionam como um sistema complexo de “pontuação” do enunciado. “Pontuar” pode ser tomado como o uso de certos recursos gráficos e visuais na construção de relações de sentido em um texto. Dahlet (2006, p.23), ao problematizar a pontuação, diz que ela “se situa do lado da escrita e da leitura, isto é, da produção e da recepção do sentido, operando em conjunto para aperfeiçoar a legibilidade e a interpretação”. De nossa perspectiva, levando-se em consideração a multimodalidade para o estudo da escrita na internet, o suporte digital possibilita a articulação entre pontuação e outros modos semióticos, os quais, juntos, implementam e modificam as possibilidades de leituras, de legibilidade e de interpretação dos enunciados de *chats*.

Nosso desafio é procurar “pegadas” que os escreventes deixam em seus textos digitais, as quais possibilitam desenvolver hipóteses sobre as relações entre ausências de vírgulas, diferentes modos semióticos e sentido. Na busca por tais “pegadas”, adotamos o método indiciário descrito a seguir.

## O paradigma indiciário e os estudos linguísticos

A ciência moderna constitui-se por meio da busca de leis universais que demonstrem a universalidade dos fenômenos estudados – conforme preconiza o método galileano. Mas nas Ciências Sociais, nem sempre os dados podem ser repetidos, fato que atesta a inadequação de um método experimental para o estudo dos fatos humanos. No âmbito

das ciências da linguagem, dados como os que compõem o presente trabalho resultam de momentos (únicos) da relação entre o sujeito e a língua, ou seja, não há como repetir, ou induzir a tais momentos ou voltar no tempo para saber, exatamente, as intenções dos escreventes em suas escolhas linguísticas. Frente à singularidade de nosso objeto de estudo, parece que não é pertinente quantificar determinado tipo de regularidade, ou utilizar, para dados particulares, uma teoria que vise a leis universais, com base no paradigma galileano.

Possenti (2002), ao problematizar o dado em análise do discurso, diz que há pesquisadores que escolhem determinados dados apenas para reafirmar uma teoria; já o dado *dado*, ou, em outras palavras, o dado *real*, o dado *verdadeiro*, põe à prova uma teoria: “[...] o dado é um limite para o delírio. Qualquer que seja sua natureza, o dado existe independente do pesquisador. [...] Afirmar que o dado existe independentemente do investigador não significa dizer que ele determine as opções e ações do investigador” (ibidem, p.33). Como, então, optar por uma metodologia que coloque em evidência os dados *cruciais e bons* para esta pesquisa?

Autores como Abaurre et al. (1995), Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997), Corrêa (1997, 2004), Capristano (2003) e De Paula (2007), na área de estudos sobre escrita, discutem a problemática da apreensão do *corpus* na investigação linguística. Visando a uma análise mais qualitativa, esses autores adotam o *método indiciário* proposto pelo historiador Carlo Ginzburg (1983, 1989). Esse método busca *marcas, sinais e/ou indícios* residuais da relação do sujeito com as (suas) práticas sociais e históricas. Eis um paradigma epistemológico que parece favorecer a observação de dados linguísticos, não dos dados “em si”, mas dos *rastros* deixados pelo escrevente na (sua) escrita, por meio dos quais o pesquisador pode desenvolver hipóteses explicativas a respeito da relação empreendida entre sujeito, linguagem e história.

Ginzburg (1983, 1989) discorre, pois, a respeito de um paradigma pautado em *pistas, indícios, sintomas* deixados como *rastros* pelos sujeitos nas (suas) práticas sociais, na individualidade de um determinado momento histórico: um *paradigma indiciário* centrado na realidade particular; naquilo que foge ao que é tido como natural. Nesse método,

o pesquisador, comparado a um detetive, atém-se a *pormenores* que só o especialista é capaz de ver.

Esse paradigma não é algo recente (idem, 1983). Sua origem data do século XIX, na esfera das Ciências Sociais, quando começou a surgir um modelo pautado na semiótica e na historicidade do ser humano.<sup>20</sup> O autor cita que, naquela época, entre os historiadores da arte, é Morelli quem desenvolve um método centrado em observação de detalhes das ilustrações (como dedos e orelhas) para reconhecer a autoria de uma pintura; esse modelo de investigação ainda é referência na área.

Há, para Ginzburg (1983, 1989) um paralelo entre o método Morelli e a técnica de investigação desenvolvida por Sherlock Holmes, personagem das obras ficcionais de Arthur Conan Doyle.

O especialista em arte e o detetive podem muito bem merecer uma comparação, cada qual fazendo descobertas a partir de pistas, despercebidas por outros; o autor, casos relacionados a crimes; o outro, pinturas. Os exemplos de habilidade de Sherlock Holmes de interpretar pegadas, cinzas de cigarros e outros são incontáveis e muito bem conhecidos. (idem, 1983, p.92)

Ginzburg encontra ainda evidências de uma relação entre o método Morelli e a psicanálise de Freud – ambos observam gestos “simples e espontâneos”, que parecem ter um menor empenho pessoal, seja do pintor ou do paciente. Nesses gestos, a personalidade do sujeito observado iria estar mais facilmente à mostra.

Morelli, Holmes e Freud buscavam pistas (mais precisamente *signos* pictóricos, para Morelli; *indícios*, para Holmes; *sintomas*, para Freud, segundo observa Ginzburg) que permitissem interpretar uma

---

20 O método galileano exclui os aspectos individuais da ciência. Nas palavras de Ginzburg (1989, p.156): “A ciência galileana tinha uma natureza totalmente diversa, que poderia adotar o lema [...] do que é individual não se pode falar. O emprego da matemática e do método experimental, de fato, implicavam respectivamente a quantificação e a repetibilidade dos fenômenos, enquanto a perspectiva individualizante excluía por definição a segunda, e admitia a primeira apenas em funções auxiliares. Tudo isso explica por que a história nunca conseguiu se tornar uma ciência galileana”.

realidade mais profunda, inatingível por outros métodos. Ginzburg explica essa “tríplice analogia” por meio da formação acadêmica dos três sujeitos envolvidos:

Freud era médico, Morelli possuía formação em medicina e Conan Doyle havia exercido a profissão médica antes de se estabelecer como escritor. Em todos os três casos, podemos invocar o modelo da semiótica médica, ou sintomologia – a disciplina que permite o diagnóstico, mesmo quando a doença não pode ser diretamente observada, a partir de sintomas ou signos superficiais, quase sempre irrelevantes aos olhos do leigo [...] No final do século XIX (mais precisamente na década 1870-1880), essa abordagem “semiótica”, paradigma ou modelo baseado na interpretação de pistas, conquistou crescente influência no campo das ciências humanas. Suas raízes, no entanto, eram muito mais antigas. (ibidem, p.98)

Nesse ponto, Ginzburg retoma os caçadores, os quais existiram desde a pré-história da humanidade. Eles precisavam estar atentos e dar sentido, durante a caça, aos detalhes mais sutis de suas presas – como as pegadas, a presença de esterco, odores e outros rastros deixados pelos animais –, traços aparentemente insignificantes. Claro que neste trabalho propomos a análise de um material histórico – a escrita, o discurso –, ou seja, um objeto cultural (conforme também observado em Morelli, Holmes e Freud) e não um recurso natural, como o analisado pelos caçadores da Antiguidade.

Conforme citado anteriormente, vários trabalhos em Ciências da Linguagem, com perspectiva teórico-metodológica próxima à adotada neste trabalho, apropriam-se do paradigma indiciário para a análise de textos escritos. Abaurre et al. (1995) e Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997), em trabalho sobre o caráter singular dos dados de aquisição de linguagem, dizem que a adoção de um paradigma indiciário visa a orientar os pesquisadores na análise de dados de escrita. Sendo coerente com a proposta de Ginzburg (1983, 1989), esse paradigma, nos estudos linguísticos, tem como intuito a divulgação de “indícios reveladores do fenômeno que se busca compreender” (Abaurre et al., 1995, p.6).

Em estudos sobre as práticas letradas/escritas dos sujeitos, esse método, por possibilitar ao pesquisador a apreensão do dado, ajuda na formulação de hipóteses a respeito da relação singular do sujeito com a linguagem, de maneira mais geral, e com a aquisição da escrita (inclusive a digital), de maneira particular. No entanto, a escolha de um paradigma metodológico pautado em indícios, rastros e/ou sintomas não implica a exclusão de uma análise mais geral, pautada na totalidade dos dados, para a busca de regularidades e tendências dos fatos pesquisados. Abaurre et al. (ibidem, p.12) consideram, com pertinência, que:

Olhamos com curiosidade e interesse teórico para o singular, o variável, o idiossincrático, o cambiante. No entanto, isso não implica necessariamente falta de interesse teórico pelo regular, pelo sistemático, pelo geral. Não negamos, portanto, a necessidade de buscar também o conhecimento da totalidade. [...] buscamos, na verdade, alguns caminhos metodológicos que nos permitam descobrir elementos fundamentais para a explicação da relação sujeito/linguagem ao longo do processo de aquisição.

Esse seria, pois, na visão dos autores, um caminho metodológico para a explicação da relação sujeito/linguagem na aquisição da escrita – o que, nesse campo de estudos, é tomado, segundo Abaurre et al., como uma constante preocupação (epistemológica). A adoção do paradigma indiciário define uma determinada maneira de “olhar” e apreender os dados, a qual, na análise de textos, busca tornar visível o processo de produção – ou melhor, a formulação de hipóteses sobre esse processo, por meio das “pegadas” (gráficas) e/ou “rastros” (gráficos) que os escreventes deixam na (sua) escrita, os quais podem ser agrupados em rubricas e propriedades mais gerais – conforme propõe Corrêa (2004).

Ao incorporar as reflexões de Abaurre et al., Corrêa (ibidem, p.23) estuda o processo de escrita a partir “de ocorrências locais de marcas linguísticas que denunciam a divisão enunciativa do escrevente”, as quais busca reunir “em rubricas mais gerais (‘regularidades’) até chegar a propriedades mais características desses textos, visando a uma abordagem mais geral do problema [...]”. Dito de outro modo,

Corrêa defende que a análise quantitativa pode ser utilizada nos estudos linguísticos como tentativa de reconstrução da dialogia e das relações que são estabelecidas entre aqueles que enunciam – método que leva em consideração as ocorrências locais e a vinculação dessas ocorrências com as características mais gerais dos textos em avaliação. Assim, em Corrêa, a quantificação deixa de ter como objetivo uma descrição estrutural de textos e se volta, de maneira mais ampla, ao estudo do modo de enunciação.

Pautado em Ginzburg (1989), Corrêa (2004) propõe um método que “capture” pistas particulares e gerais na escrita dos escreventes, sem desprezar o aspecto qualitativo e explicativo da pesquisa em linguagem. Corrêa sugere que o paradigma indiciário, utilizado como metodologia de análise linguística, vá além da apreensão da história do texto para englobar a “apreensão das marcas linguísticas dessa constituição histórica” (ibidem, p.17-8), dessa *individuação*<sup>21</sup> do sujeito na linguagem.

Em trabalho anterior, Corrêa enfatiza que, assim como nos estudos históricos, nos estudos sobre a escrita o pesquisador não tem acesso direto ao “fato em si”:

Do mesmo modo, não há acesso possível ao indivíduo escrevente, mas ao sujeito-escrevente em sua singularidade histórica. No primeiro caso, porque, na escrita (como em outras manifestações da linguagem), tomamos contato com formulações (sobre o mundo e sobre o falado) sempre afetadas pela inserção histórica do sujeito. No segundo caso, porque, na escrita (como em outras manifestações da linguagem), não tomamos contato com o indivíduo físico, mas com a singularidade histórica do sujeito, a partir da qual se constrói e se particulariza, na especificidade de microeventos discursivos, a imagem que faz do (sua) escrita. (idem, 1997, p.181)

---

21 Corrêa (2004) faz referência a Veyne (1998), que, no campo dos estudos históricos, define o conceito de *individuação* como ligado a certo ineditismo de cada evento, ineditismo este ligado à historicidade. Nas palavras de Veyne (ibidem, p.22), o que individualiza os eventos “não é a diferença de detalhes, seu conteúdo, o que são, mas o fato de que acontecem num dado momento; a história nunca se repetiria, mesmo que vivesse a contar a mesma coisa”.



Estudar a escrita é, pois, debruçar-se sobre dados do passado, em eventos já concluídos, mesmo que recentemente. Sem ter acesso direto ao que aconteceu, resta ao estudioso deduzir fatos a partir dos fragmentos – deixados nos textos dos escreventes como “rastros de suas práticas sociais”.

O pesquisador, com atitude “atrevida”, deve se pôr como decifrador de vestígios escritos e, sem ter acesso direto ao “fato em si”, precisa tentar reconstruir, com base em hipóteses, o “jogo de imagens que o escrevente faz sobre a escrita” (ibidem, p.171). No que se refere ao nosso estudo, em específico, tal “jogo de imagens” parece estar relacionado, em certa medida, ao suporte digital que permeia a interação (escrita) na *web*, mas a ele não se restringe.

Capristano (2003) e De Paula (2007), em estudos sobre segmentações não convencionais em textos escolares infantis, também se utilizam do paradigma indiciário em suas pesquisas. Capristano (2003) considera que esse método de investigação proporciona um rigor mais flexível às análises linguísticas – flexibilidade que, em nossa pesquisa, se faz essencial, por causa da própria flutuação do objeto em análise, a vírgula como recurso de pontuação. Assim como Corrêa (2004), Capristano também busca apreender marcas locais, (talvez) únicas, e “os aspectos dessas marcas que possibilitem estabelecer generalizações” (Capristano, 2003, p.82) sobre as segmentações não convencionais. De Paula (2007), assim como Capristano, assume a tese da heterogeneidade da escrita, proposta por Corrêa (2004), como eixo organizador para a análise qualitativa de dados de escrita – a partir dos subsídios teóricos desenvolvidos por Abaurre et al. (1995) e Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997) a respeito do paradigma indiciário.

A adoção de um método indiciário nesta pesquisa ajuda-nos na definição de uma maneira de olhar e analisar os dados de escrita infantil provindos de bate-papos virtuais: “um modelo abduutivo de estudo, que nos permita partir de dados mais ínfimos de escrita [...] e chegar a possibilidades explicativas para o funcionamento mais geral” (De Paula, 2007, p.56).

Consideraremos, pois, como pertinente à análise – conforme já destacado em Abaurre et al. (1995), Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson

(1997) e em Corrêa (2004, 1997) – a recorrência de dados que apontem para a presença de regularidades mais gerais. Com isso visamos ao estabelecimento de regularidades linguísticas que explicitem possíveis características (enunciativas) da ausência de vírgulas na escrita em bate-papos virtuais em aberto – em especial no que se refere às marcas da circulação do escrevente sobre os eixos do *imaginário da escrita*, proposto por Corrêa (2004).

## O paradigma indiciário e o estudo de vírgulas em bate-papos virtuais

A adoção de um paradigma indiciário parece-nos condizente com a fundamentação teórica assumida neste trabalho, pautada em uma perspectiva heterogênea e dialógica de linguagem. Ao considerar os dizeres e os sentidos como constituídos sócio-historicamente, e nos propormos a analisar a linguagem em uso na internet, precisávamos de uma metodologia que permitisse ao analista observar acontecimentos linguísticos e discursivos tanto gerais quanto particulares. Não nos bastava a adoção de métodos descritivos e/ou estatísticos que priorizassem o genérico e a totalidade em um conjunto de material. Tencionávamos, mediante a observação do trabalho de diferentes sujeitos, nos enunciados escritos na internet, observar os aspectos composicionais mais gerais desses enunciados, principalmente no tocante à ausência de vírgulas.

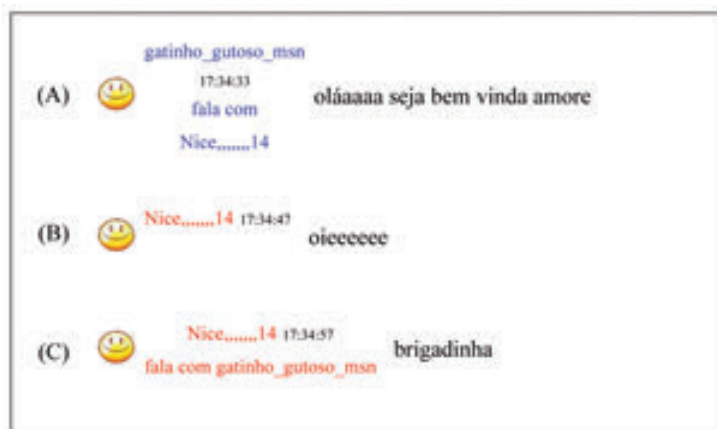
A princípio, a adoção da metodologia proposta por Ginzburg (1983, 1989) parecia impossibilitar uma abordagem mais quantitativa, necessária para uma compreensão mais geral de nossos dados. A partir de outros trabalhos sobre escrita que adotam essa mesma metodologia (Abaurre et al., 1995; Abaurre, Fiad; Mayrink-Sabinson, 1997; Corrêa, 1997, 2004; Capristano, 2003; De Paula, 2007), percebemos que o geral poderia ser englobado na metodologia proposta por Ginzburg. A análise quantitativa de ocorrências de ausência de vírgulas no *corpus* do trabalho é importante para esta pesquisa, pois aponta para a regularidade de ausência de vírgulas nos enunciados em estudo – os quais parecem ser

relativamente estáveis em um uso não convencional (ou convencional, se levar-se em consideração um traço de um gênero em emergência).

O paradigma indiciário permite-nos observar as características mais gerais do *chat* em aberto enquanto gênero do discurso, sem desprezar a individuação do sujeito escrevente, ou, em outros termos, sem desprezar a participação histórica de sujeitos singulares nessa prática de letramento. Tanto a generalização quanto a individuação (o particular), no bate-papo pesquisado, são apreendidos por meio de indícios que os escreventes deixam em seus enunciados ao não se utilizarem da vírgula em contextos em que esse sinal de pontuação poderia ser utilizado.

Na tentativa de deixar mais clara a maneira como o paradigma indiciário é englobado neste trabalho, retomamos os enunciados 2 e 3, já expostos no capítulo 2.

### Enunciados 2 e 3



Em (A), observamos um caso de ausência total de vírgula (que poderia ser usada entre “olá” e a sentença principal “seja bem-vinda amore.”).<sup>22</sup> Em (B) e (C), a escrevente responde ao enunciado (A),

<sup>22</sup> Uma vírgula também deveria ser utilizada antes do vocativo *amore*: “seja bem vinda, amore.”

porém, nice,,,,,,,,,14, ao mudar de linha entre as mensagens (B) e (C), segmenta a expressão extraoracional e a sentença principal por meio de uma “quebra” de linhas. Vale observar que, entre (B) e (C), há um curto espaço de tempo cronometrado pelo sistema, apenas dez segundos, nos quais, além de escrever e enviar “brigadinha” ao sistema do bate-papo, nice,,,,,,,,,14 ainda escolhe o interlocutor, gatinho\_gutoso\_msn, ação que não havia sido realizada na ocasião da primeira mensagem.<sup>23</sup>

As expressões “oi” e “olá”, presentes nesses enunciados, caracterizam o contato fático entre os escreventes e são bastante utilizadas em *chats* abertos. Demarcando certa coloquialidade na interação, são vários os enunciados, no *corpus*, em que os escreventes se interpelam por meio dessas expressões, principalmente pelo uso de “oi”. O uso dessas expressões marca características dessa interação e desses enunciados: a informalidade, o diálogo, a busca por interlocutores.

Em meio aos vários escreventes que interagiram em “conversas” que compõem o *corpus* deste estudo, chama-nos atenção o fato de tanto gatinho\_gutoso\_msn quanto nice,,,,,,,,,14 usarem repetição de vogais ao final das expressões extraoracionais. A repetição de <a> e de <e>, em “oláaaaa” e “oieeeee”, respectivamente, é mais do que mero “enfeite” e/ou “brincadeira” com a escrita; essa repetição expressa simpatia e afinidade entre os interlocutores: em (B), nice,,,,,,,,,14 parece tentar imprimir a sua resposta a mesma entoação e expressividade que gatinho\_gutoso\_msn parece imprimir ao enunciado (A). O uso dos vocábulos “amore” e “brigadinha” nas mensagens (A) e (C) parece reforçar a tentativa de construção de certa afetividade entre os escreventes.

---

23 Fica evidente que, ao enviar a mensagem (B) sem discriminar um interlocutor, há a possibilidade de esta mensagem ser uma saudação de nice,,,,,,,,,14 a todos os presentes na “sala” virtual e de apenas em (C) a escrevente estar se dirigido a gato\_gutoso\_msn. Por outro lado, como a escrevente enviou (B) após (A), acredita-se que em (B) ela tenha respondido à mensagem de gato\_gutoso\_msn; a repetição de letras parece ser uma evidência do diálogo empreendido entre os dois escreventes. Ao segmentar o enunciado “Oieeeee, brigadinha.” em duas mensagens diferentes, nice,,,,,,,,,14 pontua-o de uma maneira não convencional.

As expressões extraoracionais, em enunciados escritos, devem vir seguidas por algum sinal de pontuação. Quando “oi” ou “olá” é sucedido por outra sentença, há a possibilidade de uso do sinal de vírgula entre a expressão e a sentença principal. Mas em textos de *chats* em aberto, o que geralmente ocorre é o observado nos enunciados 2 e 3: ou há ausência total de vírgula, ou “quebras de linhas”, em lugares em que vírgulas poderiam ser utilizadas.

De um contexto mais geral sobre a ausência de vírgulas – que pretendemos quantificar melhor no próximo capítulo –, destaca-se o singular: *gatinho\_gutoso\_msn* e *nice,,,,,,14* parecem utilizar as repetições de letras finais das (ou inseridas nas) expressões extraoracionais para marcar um ritmo da escrita dos enunciados. A repetição de vogais em “oláaaaa” e em “oieeeee” relaciona-se ao ritmo da fala e pode ser tomada pelo pesquisador – com base no paradigma indiciário – como rastro das práticas linguísticas e sociais compartilhadas por *gatinho\_gutoso\_msn* e *nice,,,,,,14* em uma atividade verbal em emergência.

A marcação de uma entoação própria para cada uma dessas expressões parece indicar a existência de uma correlação entre a ausência de vírgulas e a repetição de vogais, já que essa repetição coincide com locais nas sentenças em que vírgulas poderiam ser utilizadas. A repetição de vogais em “oláaaaa” e em “oieeeee” também parece coincidir com contornos entoacionais característicos da frase entoacional. Com base nos constituintes prosódicos (Nespor; Vogel, 1986) e nas mensagens dos enunciados 2 e 3, teríamos:

(A): [[oláaaaa]I [seja bem vinda amore]I ]U

(B) e (C): [[oieeeee]I [brigadinha]I ]U

Esse exemplo elucidada que a formação de *I*s e *U*s pode ser retomada pelo pesquisador a partir das “pegadas” que os escreventes deixam em (seus) enunciados, pegadas que, neste caso, se relacionam à repetição de vogais e à ausência de vírgulas. Em acordo com a metodologia indiciária (Ginzburg, 1983; 1989), o especialista em teorias sobre oralidade/letramento será capaz de olhar para dados falados e escritos e descobrir fragmentos linguísticos que indiciam as hipóteses que os

sujeitos realizam a respeito da relação, constante e infindável, entre enunciados orais/falados e letrados/escritos.

\* \* \*

No que tange à ausência de vírgulas na escrita em bate-papos virtuais, procuraremos, no próximo capítulo, classificar os rastros dos sujeitos em regularidades, o que implica *análise, comparação e generalização* de diferentes *rastros* (ou signos gráficos) deixados pelo sujeito no uso não convencional de vírgulas. Os supostos “desvios” do português-padrão, no que se refere ao uso/não uso de vírgulas, serão tomados no presente estudo como *pontos de individuação* do sujeito e como evidência da heterogeneidade constitutiva tanto do sujeito escrevente quanto do processo de escrita.



### 3

## ANÁLISE LINGUÍSTICA DA AUSÊNCIA DE VÍRGULAS

Neste capítulo, dedicamo-nos à apreciação, descrição e análise de dados referentes à ausência de vírgulas no *corpus* do trabalho. O conjunto de material é composto por seis horas de “conversas” ocorridas em um bate-papo virtual em aberto (de caráter público e anônimo). Cada hora foi coletada em dias diferentes e em uma mesma “sala” virtual destinada à faixa etária de 8 a 12 anos, no Portal Terra. O *corpus* deste trabalho constitui-se, portanto, de um conjunto de seis “conversas” *on-line*.<sup>1</sup>

As “conversas” de bate-papos virtuais são popularmente conhecidas por apresentarem escrita diferente da que se tem como padrão. Nela há a presença de abreviaturas, repetição de letras, uso de “caretinhas”, entre outras ocorrências. No que tange ao sistema de pontuação, os dados, na maioria das vezes, também fogem às regras convencionais de uso de sinais de pontuação: há momentos em que os escreventes repetem sinais de pontuação e/ou os empregam em número maior do que o previsto por gramáticos (cf. Cunha; Cintra, 2001; Luft, 2001; Dahlet, 2006), em outros omitem esses sinais da (sua) escrita. Podemos observar no *corpus* que a vírgula, como sinal de pontuação,

---

1 Como já descrito, cada “sala” suporta o máximo de quarenta pessoas, que interagem simultaneamente.



está, na maioria das vezes, ausente da escrita dos enunciados virtuais. Há lugares nessas sentenças em que o uso de vírgula é previsto por gramáticos; no entanto, o escrevente não utiliza a vírgula nem outro sinal de pontuação.

A ausência de vírgulas é entendida, neste trabalho, como uso não convencional desse sinal, já que vai além do que é previsto por manuais que legitimam o uso e o funcionamento do sistema de pontuação. Esses usos não convencionais de vírgula – que ocorrem pela ausência desse sinal em lugares que poderia ser utilizado pelo escrevente – tornam-se lugar privilegiado para a observação da *heterogeneidade da escrita* e da circulação do escrevente pelos eixos que compõem o imaginário (social) da escrita, a saber: (i) a *representação da gênese da escrita*; (ii) a *representação do código escrito institucionalizado*; (iii) a *dialogia como já falado/escrito*, como proposto por Corrêa (2004). Em nossa hipótese, o primeiro eixo pode ser observado por meio das “quebras de linhas” (em lugares em que vírgulas poderiam ser utilizadas), e o segundo, por meio das ausências totais de vírgulas.

As ausências totais e as relacionadas a “quebras” no uso de vírgulas são entendidas, nesta pesquisa, como “pegadas” impressas nos enunciados digitais que denunciam o trânsito dos escreventes de *chats* entre práticas orais/faladas e letradas/escritas. A recorrência e a regularidade dos usos não convencionais de vírgulas podem ajudar os especialistas em linguagem e internet a conceituarem o bate-papo aberto como gênero do discurso composto por traços gramaticais, enunciativos e discursivos relativamente comuns.

Procuramos, em um primeiro momento, descrever a quantidade de ocorrências que nomeamos como “ausências totais” e “quebras de linhas” nas “conversas” que constituem o *corpus*, em uma abordagem mais geral. Posteriormente, em uma abordagem qualitativa, analisamos os “rastros” que os escreventes deixam em seus enunciados por meio do uso não convencional de vírgulas. Como exposto no capítulo anterior, o paradigma indiciário (Ginzburg, 1983, 1989) é adotado nesta pesquisa como metodologia e permite-nos trabalhar tanto na busca de generalizações (análise descritiva, mais geral) quanto na de particularidades (análise qualitativa). Essa opção metodológica, funda-

mentada em detalhes, ajuda-nos a investigar o trabalho do escrevente de *chat* com a escrita, a língua e a história e a conceituar o objeto de estudo de um ponto de vista que leva em conta um contexto mais amplo (histórico, social, discursivo) e detalhes (únicos e singulares) no estudo da escrita na internet.

Na análise de dados, a teoria da fonologia prosódica (Nespor; Vogel, 1986) é utilizada como ferramenta de análise que proporcionará ao pesquisador estabelecer relações entre o ritmo da escrita, demarcado em *chats* pela ausência de vírgulas, e a prosódia da língua. A teoria desenvolvida por Nespor e Vogel (ibidem) procura estabelecer a constituição de um ritmo da fala/oralidade, o qual pode ser observado, por exemplo, por meio de pausas e contornos entoacionais característicos de determinados domínios prosódicos. A teoria da fonologia prosódica permite-nos observar, nas ausências de vírgulas nos dados, que a prosódia é irrestrita à oralidade e está presente também na escrita. Em outras palavras, os constituintes prosódicos – descritos em Nespor e Vogel – são constitutivos da língua e das diversas manifestações verbais, sejam elas orais/faladas, sejam letradas/escritas.

É importante lembrar também que, embora a prosódia só apareça na escrita por meio da articulação com outros planos, por exemplo, o próprio léxico ou a sintaxe, ela é, em alguma medida, recuperável nos enunciados escritos e não pode ser vista, portanto, como exclusiva dos enunciados falados. Também os sinais de pontuação buscam representar a percepção acústica dos enunciados (percepção mais analógica – icônica – do que digital). (Corrêa, 2004, p.56)

As ausências de vírgulas serão interpretadas neste trabalho como “pegadas” deixadas pelos escreventes, as quais apontam tanto para a articulação da pontuação com diferentes dimensões da linguagem, conforme propôs Chacon (1998),<sup>2</sup> quanto para a heterogeneidade da escrita, em acordo com Corrêa (2004). Com o propósito de apreender

---

2 Conforme exposto, essa articulação entre pontuação e diferentes dimensões da linguagem é o que fundamenta a noção de *ritmo da escrita*, tese de Chacon (1998).

características mais precisas do gênero em estudo, ao fim do capítulo é realizada uma análise que correlaciona as expressões “oi” e “olá” às ausências de vírgulas, já que as vírgulas, nessa posição (antes dessas expressões extraordinárias), parecem indicar o tipo de relação estabelecida entre os escreventes de *chat* aberto: uma comunicação fática. Nesse recorte das ocorrências de ausências de vírgulas, a porcentagem de ausências totais e a de “quebras de linhas” se mantêm estáveis, quando comparadas às demais ocorrências, sem presenças de “oi” e/ou “olá”, o que parece apontar para tipos previsíveis de enunciados em *chats* abertos, no tocante ao uso não convencional de vírgulas.

### Usos e ausências de vírgulas em enunciados de *chats*

As seis horas de “conversas” coletadas no bate-papo virtual em aberto destinado a crianças resultaram em 416 páginas de documento Word.<sup>3</sup> Em todas essas páginas, observou-se um montante de 1.654 ocorrências de uso não convencional de vírgulas.<sup>4</sup> Dito de outra forma, no *corpus* foram encontrados 1.654 “locais” em que vírgulas poderiam ser utilizadas pelos escreventes para segmentar os enunciados – conforme preveem estudos como os de Luft (2001), Cunha e Cintra (2001), Dahlet (2006), entre outros. Conforme explicitado no capítulo anterior, não há consenso no que diz respeito ao uso de vírgulas entre esses autores (cf. Soncin, 2009). Frente a essa questão metodológica – em qual autor ou perspectiva se embasar para a análise –, optamos por procurar no *corpus* as diversas possibilidades de usos de vírgulas descritas por gramáticos (cf. Rocha Lima, 1986; Bechara, 1999; Luft, 2001; Cunha; Cintra, 2001). Com isso, tornamos mais amplo o campo de análise, frente à maior possibilidade de ausências de vírgulas e à dedução de que o escrevente de *chat* participa de diferentes práticas letradas/escritas.

---

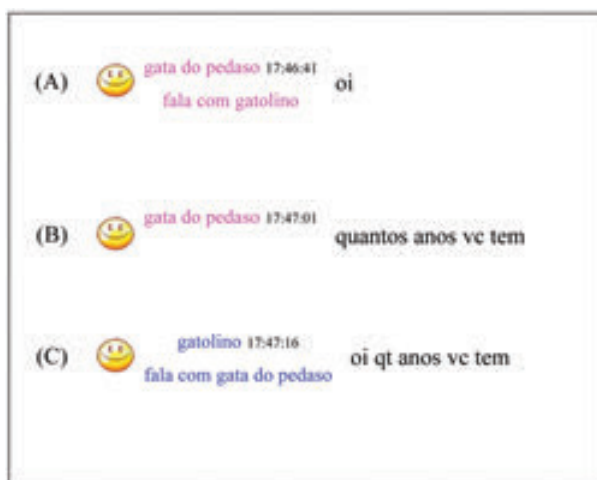
3 Páginas A4, margens *default*, espaçamento simples no corpo das mensagens e duplo entre as mensagens, fonte Times 12.

4 Esse montante foi obtido por meio de análise e contagem manual das ausências de vírgulas nas “conversas” que constituem o *corpus* do trabalho.

Soncin (2009), por exemplo, cita, entre outras regras, que há desacordo sobre o uso de vírgula para marcar a supressão de verbo, ou de outra palavra, entre os quatro autores por ela pesquisados: em Rocha Lima (1986) e em Cunha e Cintra (2001), é obrigatório o uso de vírgulas para indicar tal supressão; em Bechara (1999), o uso de vírgula é facultativo nesse caso; em Luft (2001), esse uso da vírgula também é facultativo, porém, o uso passa a ser obrigatório em caso de ambiguidade. Apesar de haver, de um lado, autores que preveem esse uso para a vírgula e, de outro, pessoas que compartilham desse uso, uma *elipse* que não venha sinalizada com o sinal de vírgula será considerada, em nossa análise, como ausência de vírgulas.

Os “lugares” em que há ausência de vírgula – e de outros sinais de pontuação – são constituídos por espaço em branco, como pode ser observado no Enunciado 6.

### Enunciado 6



Podemos observar que os escreventes não se utilizam de nenhum tipo de sinal de pontuação no Enunciado 6; apenas o branco ocupa os espaços que poderiam ser assinalados por vírgulas, ponto final ou de exclamação – antes da expressão “oi” – e ponto de interrogação

– ao final das sentenças (B) e (C). As mensagens de gata do pedaso e de gatolino poderiam ser pontuadas, de maneira mais próxima à convenção gramatical, das seguintes formas:

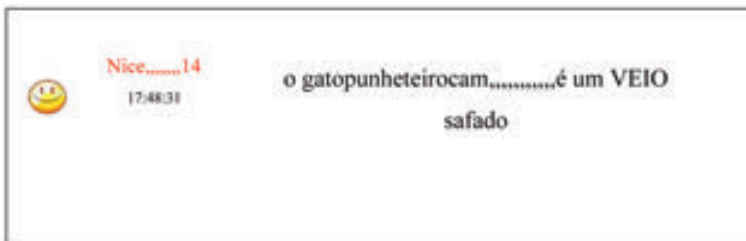
- Oi, quantos anos você tem?
- Oi. Quantos anos você tem?
- Oi! Quantos anos você tem?

Os escreventes, entretanto, não usam sinais de pontuação. Chama-nos atenção o fato de que (A) e (B), se somadas, apresentam o mesmo “conteúdo” informacional da mensagem (C), e, apesar de não serem utilizadas vírgulas, ou outro sinal de pontuação, entre (A) e (B) há uma “quebra de linha” que parece constituir, no *chat* estudado, recurso não convencional de pontuação bastante utilizado pelos escreventes nesse tipo de interação. Dado o pouco espaço de tempo entre as mensagens (A) e (B) – apenas vinte segundos – e as condições pragmáticas que cerceiam a interação – uma mesma escrevente dirige-se a um mesmo interlocutor – podemos considerar que essas duas mensagens se relacionam a um único enunciado e poderiam ser “aglomeradas” em uma única mensagem por meio do uso de sinal de pontuação como vírgula. Consideramos que o Enunciado 6 ilustra, de maneira pertinente, o que tratamos como “quebras de linhas” – entre (A) e (B) – e como ausência total de vírgulas – em (C) – em lugares em que esse sinal poderia ser empregado pelos escreventes.

Nas seis horas de “conversas” *on-line* analisadas, o uso de vírgulas nos enunciados dos escreventes foi observado 209 vezes, e nem sempre a presença desse sinal estava de acordo com o que é considerado convencional para esse tipo de sinal de pontuação. Dos 209 usos de vírgulas, 151, ou seja, 72%, estavam em acordo com as regras prescritivas para esse sinal de pontuação. As outras 58 ocorrências, ou seja, 28%, relacionavam-se a usos “errados”, em desacordo com orientações prescritivas. A contagem de usos de vírgulas englobou frases repetidas e iguais; o critério para estar entre as 209 ocorrências era a presença de vírgulas nas mensagens dos usuários do *chat* pesquisado.

Em algumas mensagens, os usuários repetiam a vírgula de forma seguida, como em:

### Enunciado 7



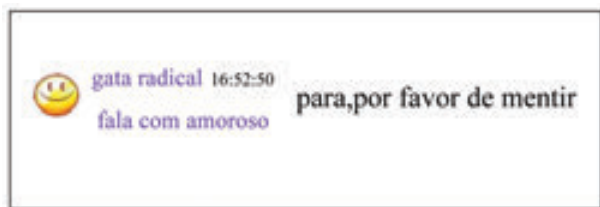
Apesar de no enunciado de Nice,,,,,,14 a vírgula ser utilizada onze vezes pelo escrevente (“O gatopunheteirocam é um velho safado”), esse sinal foi contado como sendo uma ocorrência dentre as 209, pois se refere a apenas um local na sentença em que uma vírgula foi utilizada pelo escrevente.<sup>5</sup> Enunciados com repetições de vírgulas, como no Enunciado 7, mesmo quando empregados em lugares em que o uso de vírgula é previsto por gramáticos,<sup>6</sup> foram considerados usos que fogem às regras prescritivas de pontuação, já que nessas regras não se prevê o emprego seguido e repetido desse sinal de pontuação.

Vejam os outros exemplos de emprego de vírgula, retirados do *corpus*, que fogem ao que é considerado “correto” em pontuação.

5 As vírgulas presentes em apelidos não foram contabilizadas na análise, como, por exemplo, as sete vírgulas que compõem o *nickname* Nice,,,,,,14.

6 No Enunciado 7, a escrevente emprega vírgulas entre o sujeito e o predicado da oração: [O gatopunheteirocam]S [é um velho safado]P, emprego que não é previsto por algumas gramáticas normativas (cf. Luft, 2001; Cunha; Cintra, 2001; Soncin, 2008).

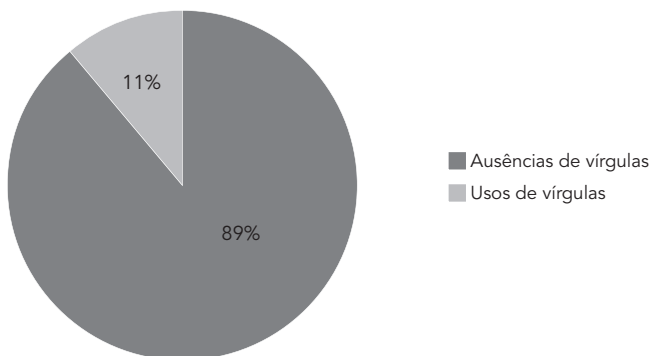
## Enunciado 8



O enunciado de gata radical é composto por uma única vírgula entre as expressões “para” e “por favor”. Esta última expressão, por se tratar de elemento intercalado, deveria, também, vir sucedida por vírgula: “Pare, por favor, de mentir.” (cf. Luft, 2001). Ao utilizar apenas uma vírgula, a escrevente “erra”, se assumida a perspectiva normativa para avaliação do enunciado. Por outro lado, ao “errar”, gata radical coloca em destaque, no enunciado, “Pare”. É, pois, imperativo, para gata radical, que o interlocutor amoroso seja atencioso em relação a seu “pedido”.

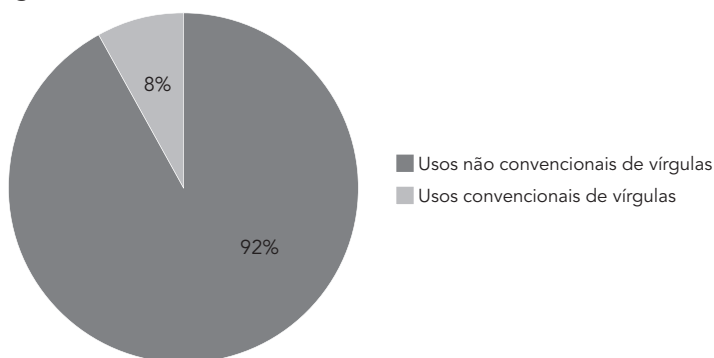
Ao somar os usos e as ausências de vírgulas nas “conversas” analisadas, chegamos a um total de 1.863 ocorrências que podem ser relacionadas a vírgulas, seja no tocante a seu emprego, seja a sua omissão. O gráfico a seguir expõe as porcentagens de usos e de ausências de vírgulas no *corpus*.

Gráfico 1 – Porcentagem geral de usos e ausências de vírgula



Os 209 usos de vírgulas referem-se a 11% do total de dados e podem ser considerados pouco expressivos em termos numéricos, frente às 1.654 possibilidades de uso de vírgula que resultaram em ausência desse recurso, correspondentes a 89% dos dados. Quando somamos os usos “errados” às ausências, temos porcentagem ainda mais expressiva de usos não convencionais de vírgula no *chat* pesquisado: 1.712 casos, ou 92% de todas as ocorrências relacionadas à vírgula.

Gráfico 2 – Relação entre usos convencionais e não convencionais e vírgulas



Os gráficos 1 e 2 colocam em destaque características interessantes dos enunciados em estudo: parece que o sinal de vírgula é pouco usado, e quando o é, nem sempre se trata de uso previsto ou convencional, de um ponto de vista normativo. Imperam, pois, os usos não convencionais de vírgulas no *chat* pesquisado. Os usos não convencionais de vírgulas – que fogem das normas de pontuação expressas em manuais (cf. Cunha; Cintra, 2001; Luft, 2001; Dahlet, 2006) – configuram-se tanto pelas ausências quanto pelo “erro” no emprego de vírgulas por usuários de *chats*. Neste trabalho, o termo “uso não convencional de vírgulas” refere-se, principalmente, às ausências de vírgulas em lugares em que elas poderiam ser utilizadas. Contudo, esse termo não se restringe à ausência e engloba todas as ocorrências que não são previstas em gramáticas.

As ocorrências não convencionais de vírgulas referentes a ausências têm sido sistematizadas em nossos trabalhos em duas regularidades mais gerais, já citadas: (a) ausência total de vírgulas e (b) “quebras



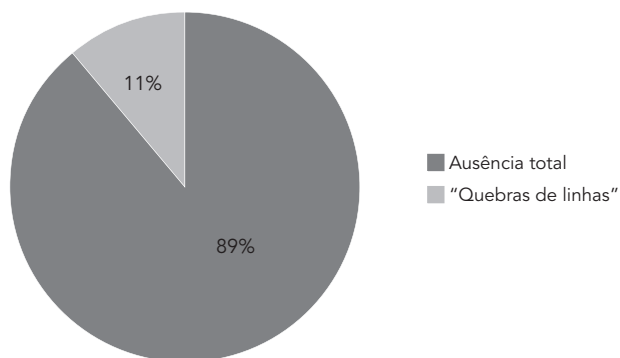
de linhas” (cf. Luiz Sobrinho, 2008, 2009; Luiz Sobrinho; Komesu, 2009). Na busca por uma análise mais geral dessas duas regularidades, expomos as recorrências, nas “conversas”, por meio da Tabela 2.

Tabela 2 – Quantitativo das ocorrências relacionadas à ausência de vírgula como recurso de pontuação, por “conversa”

	<i>Ausência total</i>	<i>“Quebra de linhas”</i>	<i>Total</i>
<i>“Conversa” I</i> (87 páginas)	352 (89%)	42 (11%)	394 (100%)
<i>“Conversa” II</i> (46 páginas)	130 (82%)	29 (18 %)	159 (100%)
<i>“Conversa” III</i> (93 páginas)	359 (92%)	25 (7 %)	384 (100%)
<i>“Conversa” IV</i> (49 páginas)	148 (84%)	29 (16%)	177 (100%)
<i>“Conversa” V</i> (50 páginas)	145 (83%)	30 (17%)	175 (100%)
<i>“Conversa” VI</i> (91 páginas)	337 (92%)	28 (8%)	365 (100%)
<i>Total</i> (416 páginas)	1.471 (89%)	183 (11%)	1.654 (100%)

Pode-se observar na Tabela 2 que o número de ocorrências depende do número de páginas. A quantidade destas, por sua vez, irá variar, a depender do número de mensagens trocadas entre os escreventes, da quantidade de usuários que, efetivamente, interagem na “sala” virtual e da própria agilidade de digitação dos participantes, fator que pode ser associado à competência do escrevente em um determinado gênero de discurso. A quantificação dos dados mostra que quanto mais páginas os escreventes produzem durante as interações na rede, maior será o número do uso não convencional da vírgula como recurso da pontuação. Há, pois, certa estabilidade numérica com relação à ausência de vírgulas como recurso de pontuação. Do levantamento quantitativo, observamos que a porcentagem se mantém próxima entre as “conversas” – as “quebras”, em todas essas conversas, é inferior a 20%, e a ausência total sempre é superior a 80%. Tem-se na Tabela 2 uma média de 89% de ausência total de vírgulas e de 11% de “quebra de linhas”, conforme exemplificado no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Porcentagem geral das regularidades de ausência de vírgula



A relativa estabilidade na repetição do fenômeno linguístico em estudo, em dias da semana, “conversas” e com escreventes distintos, aponta para certa regularidade na prática de escrita em bate-papos na internet. Em outras palavras, independentemente do dia e de quem fala, sempre há algo mais geral no que se refere ao uso não convencional da vírgula como recurso de pontuação. Essa semelhança, ou característica mais geral, na maneira de pontuar indica tipos de enunciado *relativamente* estáveis no que se refere à *construção composicional* e sustenta a hipótese da emergência de um *gênero do discurso* (Bakhtin, 1997). O levantamento numérico realizado por meio da Tabela 2 e do Gráfico 3 também reafirma estudos de autores como Braga (1999), Xavier e Santos (2000), Marcuschi (2005) e Araújo (2004, 2005, 2006a, 2006b), que consideram o bate-papo virtual em aberto como um gênero discursivo.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Para mais informações sobre a vinculação do bate-papo virtual ao conceito de gênero do discurso nos estudos linguísticos, cf. capítulos 2 e 3.

## Caracterização de "quebras de linhas" e de ausências totais de vírgulas nos enunciados de *chats*

A fim de explicitar de maneira mais detida como se constituem as ocorrências que nomeamos, ao longo do trabalho, como “ausência total” e “quebras de linhas”, expomos o exemplo a seguir, extraído do conjunto do material.

### Enunciado 9



Entre as mensagens (A) e (B) há uma “quebra de linhas”. Nelas, Ana Claudia diz “oi” e, em seguida, “q idade vc tem?” (que idade você tem?) a um mesmo interlocutor, g@tinho-msn-cam, em um curto espaço de tempo – treze segundos, se for considerado o cronômetro do serviço de bate-papo virtual. Em uma escrita convencional, Ana Claudia poderia se utilizar de uma única sentença e de um sinal de pontuação, como a vírgula, para segmentar o enunciado, o que resultaria em: “Oi, que idade você tem?”. É sabido, conforme estudiosos da pontuação vêm demonstrando (cf. Dahlet, 2006; Chacon, 1998), que a usuária poderia se utilizar ainda de

outro sinal de pontuação, além da vírgula, como o ponto final ou o ponto de exclamação, por exemplo. Dado o recorte deste trabalho, interessa-nos observar que, entre as mensagens (A) e (B) presentes no Enunciado 9, há a possibilidade de utilizar um sinal de pontuação, como a vírgula: existe um contexto sintático-semântico-enunciativo que possibilita esse uso. Entre (A) e (B) há uma “quebra”, dadas as seguintes características:

- há poucos segundos de diferença entre os enunciados (cronometrado pelo sistema);
- trata-se de um mesmo escrevente;
- trata-se de um mesmo interlocutor;
- não há mensagens do escrevente direcionadas a outro(s) interlocutor(es) entre as “quebras”.

Parece que, entre as sentenças que compõem “quebras”, os escreventes observam alguma fronteira fonológica, sintática e/ou semântica, e as “marcam” na (sua) escrita por meio de “quebras”. Em termos fonológicos, por exemplo, a expressão “oi” e a sentença “que idade você tem?” podem apresentar contornos entoacionais próprios, logo, podem constituir frases entoacionais (*Is*), de acordo com o modelo de fonologia prosódica proposto por Nespor e Vogel (1986):

(A) (B): [[oi]I [q idade vc tem?]I]U

As quebras entre (A) e (B), na sequência do Enunciado 9, podem ser apreendidas, com base na teoria fonológica supracitada, como “pegadas” que os escreventes imprimem nos (seus) enunciados digitais, considerando-se o trânsito entre práticas orais/faladas e letradas/escritas. Parece que entre (A) e (B) temos indícios de que a prosódia (e/ou o ritmo) da língua pode ser apreendida por meio das “quebras de linhas” no *chat* aberto. Ao segmentar um enunciado em duas mensagens diferentes, Ana Claudia pontua o enunciado – por meio do espaço em branco que constitui a “quebra” e a mudança de linhas – de maneira não convencional, já que esse recurso de pontuação não é previsto por manuais e/ou gramáticas normativas.

Em uma interação síncrona, como a do bate-papo virtual em aberto, em linguagem, de maneira geral, é a “representação [do] envolvimento quase físico com o interlocutor que leva o escrevente a optar pela prosódia e não pela ordem integrativa dos elementos do enunciado” (Corrêa, 2004, p.101). Interpretamos que as “quebras”, como as do Enunciado 9, são indícios de momentos nos quais o escrevente circula pelo *eixo de representação da gênese da escrita* (ibidem) e toma a fala como origem da (sua) escrita, em uma tentativa de reconstruir o fluxo da fala na escrita. Essa representação “parece basear-se no que ele [o escrevente] ‘escuta’ – ainda que mentalmente – ao se constituir ouvinte/leitor de si mesmo em seu processo de produção do texto escrito, em que se sobrepõem os papéis de escrevente/falante” (ibidem, p.107-8).

Retomando o Enunciado 9, na mensagem (C), Ana Claudia dirige-se a um segundo interlocutor, louco por sexo, e pergunta-lhe: “oi q idade vc tem?” (Oi, que idade você tem?). Pode-se observar que a mensagem enviada a louco por sexo apresenta o mesmo conteúdo informacional que as mensagens enviadas ao primeiro interlocutor, g@tinho-msn-cam, porém, (C) é pontuada de maneira diferente, sem “quebra” e/ou qualquer sinalização entre “oi” e a sentença principal. Essa última mensagem de Ana Claudia, quando comparada com a anterior, evidencia uma flutuação na maneira (não convencional) de pontuar em *chats* abertos.

A última mensagem que compõe o Enunciado 9 também se constitui pela ausência total de vírgulas; louco por sexo responde a Ana Claudia: “13 e vc” (13 [anos], e você?). Uma vírgula poderia ser utilizada para marcar e/ou ressaltar a coordenação entre as sentenças “13” e “e vc”, mas o sinal de vírgula – ou qualquer outro sinal gráfico – é omitido. Em seu lugar, há apenas o “espaço em branco” delimitador de palavra morfológica.

Tanto na mensagem (C) quanto na (D), a ausência de uso de vírgulas pode ser evidência da correlação que os escreventes estabelecem, a partir de suas práticas orais/faladas, de um dizer rápido – caso o texto fosse falado em voz alta –, sem pausas, com único contorno entoacional, relacionando o enunciado escrito ao enunciado fonológico. Para mostrarmos que características de enunciados falados podem ter sido plas-

madras no enunciado escrito, recorreremos a uma análise prosódica que toma por base o modelo proposto por Nespor e Vogel (1986). A partir do que já foi descrito por Tenani (2002) para o português brasileiro, com base no modelo de Nespor e Vogel, poderíamos traçar relações entre a ausência de pontuação e um ritmo impresso aos enunciados (C) e (D) do Enunciado 9. A ausência de pontuação – seja vírgula, seja “quebra” – parece indicar um possível contorno entoacional às duas mensagens e à demarcação, pelo escrevente, por meio da ausência de vírgulas, de uma frase entoacional em (C) e uma em (D).

(C): [[ oi q idade vc tem?] I ] U

(D): [[13 e vc] I ] U

Por meio da ausência total de pontuação, o escrevente parece projetar uma prosódia ao seu enunciado: um ritmo mais dinâmico, informal e descontraído. De acordo com Nespor e Vogel (1986), um domínio de *I* pode ser reestruturado em *Is* menores. Essa reestruturação depende de aspectos gerais da situação de comunicação (a velocidade, o estilo, a proeminência relativa). Um estilo de fala mais rápido somado a um estilo mais formal tende a aumentar a probabilidade de reestruturação de *I* e a ocasionar, por exemplo, dois *Is* em (C) e em (D), respectivamente.

(C)': [[ oi] I [q idade vc tem?] I ] U

(D)': [[13] I [e vc] I ] U

Frente às características de coloquialidade e de informalidade que constituem o gênero bate-papo virtual em aberto (cf. Araújo, 2006a), parece mais viável interpretar que as ausências no Enunciado 9 são “rastros gráficos”, deixados pelos escreventes, da vinculação que parecem empreender entre a ausência de vírgulas e a presença de um único contorno entoacional e, sucessivamente, de um único enunciado fonológico. É como se, por meio do uso não convencional de vírgulas (tanto de ausências totais quanto de “quebras de linhas”), os escreventes de *chat* relacionassem os contornos entoacionais, constitutivos do domínio de *I*, à (sua) escrita. Na ausência de sinais de pontuação, as

“quebras” são os recursos coesivos e sintático-textuais que projetam um contorno entoacional à escrita, sinalizando a prosódia da língua e o ritmo à escrita do *chat* aberto.

Falta (total) de vírgulas ou “quebras” (em locais em que vírgulas poderiam ser inseridas no enunciado) são pistas linguísticas que os escreventes deixam da relação que estabelecem entre prosódia e escrita – tais pistas evidenciam que a prosódia não é exclusiva dos enunciados orais/falados, pois compõem os enunciados letrados/escritos, conforme Chacon (1998) e Corrêa (2004) demonstram em textos de vestibulandos.

Outra interpretação que é possível realizar a partir das mensagens (C) e (D) do Enunciados 9 – “oi q idade vc tem?” e “13 e vc” –, com base na noção de *modo heterogêneo de constituição da escrita* (ibidem), é a de que os escreventes, na prática de escrita, buscam distanciar-se de aspectos orais/falados para grafarem a escrita na internet como independente de tais aspectos. Caso estejam em circulação pelo eixo da *representação do código escrito institucionalizado*, ao não utilizarem vírgulas em seus enunciados, Ana Cláudia e louco por sexo podem estar tentando apagar supostas “marcas” atribuídas ao oral, para não haver “interferência” de características da fala/oralidade em seus enunciados escritos. É como se, ao suprimirem a vírgula de seus textos, Cláudia e louco por sexo estivessem tentando representar o letrado/escrito, na internet, como modo autônomo de expressão, composto por características supostamente próprias e exclusivas da escrita.

Para Corrêa (ibidem), a *representação sobre o código escrito institucionalizado* deve-se a uma “tentativa de alçamento do escrevente [na redação de vestibular] à escrita culta formal” (ibidem, p.187). Na internet, porém, não observamos a tentativa de aproximação de uma escrita “cult e formal” em *chats*. A adoção desse eixo, por outro lado, permite-nos apreender que a ausência de vírgulas, principalmente a ausência total, pode ser utilizada pelo escrevente como forma de ele marcar distanciamento de (sua) escrita em relação aos aspectos orais/falados, em uma tentativa de “apagar”, de sua escrita, características como “pausas” e contornos entoacionais retomadas pelo uso de sinais de pontuação.

Vejamos outro exemplo de ausência total de vírgulas.

## Enunciado 10



Chama atenção o fato de que, no Enunciado 10, ,,REI,, utiliza-se do sinal de vírgula apenas na grafia de seu *nickname*, de maneira a lhe conferir destaque.<sup>8</sup> O enunciado “OLA GATA MIAL”, para um leigo na atividade verbal de escrita em bate-papos virtuais, pode ser pontuado de diversas maneiras:

- Olá, gata miau!
- Olá. Gata, miau.
- Olá, gata, miau.
- Olá, gata! Miau!
- Olá! Gata! Miau!
- Olá. Gata. Miau.
- Olá. Gata miau.

Todas essas diferentes maneiras de pontuar o Enunciado 10 têm possibilidade de contorno prosódico. A possibilidade de uso de vírgulas, não colocada em prática por ,,REI,, , é uma questão gráfica que permite observar a relação entre práticas orais/faladas (contornos prosódicos) e as letradas/escritas (empregos não convencionais de vírgulas). A aparente falta de convenção no uso/na ausência de vírgulas em enunciados de *chats* parece favorecer o estudo da relação entre oralidade e letramento na *web*.

---

<sup>8</sup> Nesse caso, as vírgulas não foram contadas na análise quantitativa empreendida, pois esses sinais não cumprem a função propriamente dita de pontuar o enunciado.



Mas, no Enunciado 10, “Mial” (ou *miau*) seria substantivo, adjetivo ou onomatopeia? Essa dúvida poderia ser solucionada pelo uso convencional de pontuação – e de vírgulas. Em um bate-papo virtual em aberto, a ausência de vírgulas e de outros diacríticos, na maioria das vezes, não gera empecilhos para a interação entre os usuários. Como a interlocutora de ,,REI,, só se identifica pelo uso no apelido g@t@ (gata), possivelmente o vocábulo “Mial” refere-se a uma onomatopeia – ,,REI,, chama g@t@ por um miado, criando o efeito de sentido de que ele, assim como sua interlocutora, também é um “gato” (alguém muito atraente) e, portanto, merece atenção. A propósito da demanda da atenção do outro na atividade verbal em *chat*, é interessante, ainda, observar que o enunciado é todo grafado em letras maiúsculas. As possibilidades de pontuação propostas anteriormente para o enunciado “OLA GATA MIAL”, frente a essa dedução, seriam reduzidas a duas:

- Olá, gata, miau.
- Olá, gata! Miau!

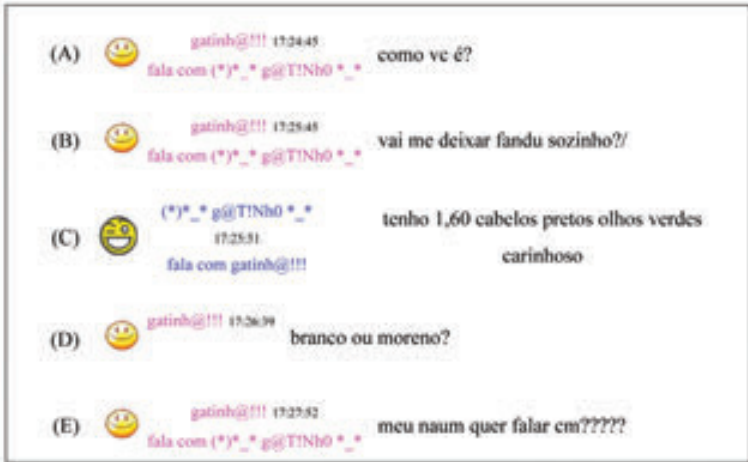
A ausência de uso de vírgulas no Enunciado 10 parece se relacionar ao segundo eixo de circulação do escrevente pelo imaginário da escrita: é como se, ao não se utilizar de nenhum sinal (convencional ou não convencional) de pontuação em lugares em que vírgulas poderiam ser inseridas para demarcar fronteiras linguísticas (fonológicas, sintáticas e semânticas), ,,REI,, tomasse a (sua) escrita como modo autônomo de expressão.<sup>9</sup> Nos bate-papos abertos da internet, na maioria das vezes, não há tentativas de alçamento, por parte dos escreventes, à escrita culta formal. Por outro lado, observam-se – como no Enunciado 9 – padrões de uma escrita projetada pelos usuários como produtiva para aquela interação.

---

9 Ao tomar (sua) escrita como um modo autônomo de expressão, o escrevente a apreende como independente de aspectos orais/letrados. A busca por uma escrita pura “leva o escrevente a exceder-se numa caracterização do texto baseada em características que ele supõe como próprias (e até exclusivas) da escrita. Nessas ocasiões, evidencia-se, de modo privilegiado, sua representação do código institucionalizado, imagem por meio da qual representa a (sua) escrita, seu interlocutor e a si mesmo” (Corrêa, 2004, p.166).

Ainda no que se refere à ausência de vírgulas, expomos o seguinte exemplo:

### Enunciado 11



Antes de discutir as ausências totais de vírgulas propriamente ditas, destacamos certa agilidade que pode ser imprimida aos enunciados que gatinh@!!! (leia-se “gatinha!”) remete a seu interlocutor, (\*)\*\_\* g@T!Nh0 \*\_\* (leia-se “gatinho”) na “conversação”: a escrevente espera uma resposta quase simultânea por parte do interlocutor. Um minuto após perguntar a (\*)\*\_\* g@T!Nh0 \*\_\* “Como você é?”, gatinh@!!! já se exaspera e tecla: “Vai me deixar falando sozinho?”. Na mensagem (E) pode-se observar que gatinh@!!! interpela novamente seu enunciador, “Meu, não quer falar comigo?”, um minuto e treze segundos após ter lhe dirigido a mensagem (D): “Branco ou moreno?”. Sem “sucesso”, já que não conseguiu atrair a atenção do usuário para papear, gatinh@!!! parece se apressar, em velocidade, a conquistar outro parceiro.

Nesse trecho da “conversa” entre os dois interlocutores, é sempre gatinh@!!! que interroga o outro. O ponto de interrogação, presente em todas as mensagens da interlocutora, aponta para esse incessante interesse pelas “palavras” alheias. Mas, ao demorar para responder,

(\*)\*\_\* g@T!Nh0 \*\_\* não se mostra disponível ou muito interessado em papear com gatinh@!!!, o que a fez abandonar a tentativa de estabelecer diálogo com esse escrevente.

A relação entre locutor e interlocutor deve ser observada no estudo dos enunciados: “Quando se subestima a relação do locutor com o outro e com seus enunciados (existentes ou presumidos), não se pode compreender nem o gênero nem o estilo de um discurso.” (Bakhtin, 1997, p.324). Há uma aparente agilidade na busca pelo outro/interlocutor, o que constitui uma temporalidade própria a essa comunicação e caracteriza esse gênero discursivo em surgimento. O outro é elo indispensável para se comunicar, seja no *chat*, seja em outros gêneros. A língua é, em termos bakhtinianos, uma interação verbal social. No bate-papo virtual pesquisado, essa característica parece apresentar contornos mais nítidos. Nele, conforme aponta Araújo (2006a), o escrevente objetiva conquistar parceiros para “conversas” duais. “O *chat* aberto se assemelha a uma grande praça para a qual seus participantes vão todos em busca de conhecer novas pessoas” (ibidem, p.142). Posteriormente, após “teclarem” em *chats* abertos, os escreventes tendem a concentrar-se em *chats* privados, como o MSN Messenger.

Nessa busca pelo outro, a ausência total de vírgulas pode ter como efeito uma escrita mais coloquial, o que implica maior aproximação entre os interlocutores. Mensagens como as (C), (D) e (E), no Enunciado 11, parecem mostrar que os escreventes buscam, por meio da ausência de vírgulas, imprimir aos enunciados ritmo (de leitura, de interpretação) mais descontraído, na constituição de um bate-papo mais “informal”. Em uma escrita convencional, por exemplo, (\*)\*\_\* g@T!Nh0 \*\_\*, ao se descrever, utilizaria sinais de vírgulas para listar cada uma de suas características: “Um metro e sessenta de altura, cabelos pretos, olhos pretos, carinhoso”. No entanto, a vírgula está presente apenas em um contexto que não se relaciona diretamente à coordenação de elementos, mas à demarcação de numeral decimal (“1,60”), imprescindível para a comunicação.

No que diz respeito à prosódia e às enumerações, para Nespor e Vogel (1986), os elementos que as compõem são constituídos por

uma estrutura entoacional particular: cada elemento enumerado tem curva entoacional característica e, portanto, constitui um *I*. Em (C), cada característica apontada por  $(*)_*_* \text{ g@T!Nh0 }_*_*$ , em acordo com Nespor e Vogel, compõe *Is* que englobam um *U*, conforme a representação a seguir:

(C):  $[[1,60]I [\text{cabelos pretos}]I [\text{olhos verdes}]I [\text{carinhoso}]I ]U$

Mas  $(*)_*_* \text{ g@T!Nh0 }_*_*$ , ao não empregar vírgulas em lugares em que elas poderiam ser utilizadas, não torna evidente, para o pesquisador, quais seriam os *Is* do enunciado. Ao não ser pontuada pelo uso de vírgulas, a mensagem (C) não delimita os *Is* que a compõem. Nesse enunciado, em específico, parece que a entoação não é tomada como base para a demarcação de pontuação. O leitor “fluente” em *chat*, frente a uma mensagem como (C), no Enunciado 11, retoma que se trata de uma enumeração e pode pressupor, com base em seus conhecimentos linguísticos, os contornos entoacionais possíveis de integrarem a mensagem. O enunciado (C) pode ser tomado como um dado que possibilita a observação da circulação de  $(*)_*_* \text{ g@T!Nh0 }_*_*$  pelo eixo da representação de um *código escrito institucionalizado*, ao assumir a escrita na internet, por meio de “pegadas” relacionadas à ausência de vírgulas, como independente de aspectos que se relacionam à dimensão fônica da linguagem: a entoação característica das enumerações.<sup>10</sup>

Nos enunciados (D) e (E), de *gatinh@!!!*, também há ausência total de vírgulas em lugares em que esse sinal de pontuação poderia

---

10 Ausências de vírgulas independentes de aspectos da dimensão fônica da linguagem também são observadas por Soncin (2009) e Araújo (2010) em textos escolares de alunos de 8ª e 5ª séries do ensino fundamental, respectivamente. A falta de vírgulas, nesses textos, parece se relacionar, segundo essas autoras, à aquisição do sistema de pontuação. Sem desprezar que os *chats* são direcionados a crianças e adolescentes em fase de escolarização – o que pode motivar certos usos/ausências desse sinal de pontuação –, consideramos que as ausências de vírgulas em nosso material de estudos estão mais atreladas ao gênero discursivo bate-papo virtual em aberto, sendo um traço desse gênero, do que à fase de aquisição de escrita dos internautas.

ser utilizado pelo escrevente, com base em regras gramaticais. A partir da teoria da fonologia prosódica, (D) e (E) são constituídos por características sintáticas e semânticas – presença de coordenação e vocativo, simultaneamente – que possibilitam que o leitor agregue mais de um *I* a cada uma dessas mensagens.

(D): [[branco]*I* [ou moreno?]*I* ]*U*

(E): [[meu]*I* [naum quer falar cm?????]*I* ]*U*

Ao contrário de (C), em que cada enumeração apresenta contorno entoacional próprio, as mensagens (D) e (E) poderiam ser reestruturadas em um único *I* cada uma, a depender da agilidade, do ritmo e, claro, dos contornos entoacionais que o interlocutor a elas impusesse.

(D)’: [[branco ou moreno?]*I* ]*U*

(E)’: [[meu naum quer falar cm?????]*I* ]*U*

Em (D) e (E), a ausência total de vírgulas pode ser apreendida pelo analista tanto como evidência da circulação de *gatinh@!!!* pelo segundo eixo do imaginário da escrita, o da *representação do código escrito institucionalizado* – também observado em (C) –, quanto pelo primeiro eixo, o da *representação da gênese da escrita*. Se for considerado o segundo eixo, pode-se dizer que *gatinh@!!!* representa o que considera institucional para a (sua) escrita na internet: a não sinalização de aspectos relacionados à prosódia. Se se considerar o primeiro eixo, a escrevente tende a relacionar a “origem” de sua escrita à prosódia, sobretudo no que se refere à falta de vírgulas na pontuação, à prosódia das práticas linguísticas e sociais da fala/oralidade. Nesse último caso, de circulação pela representação da gênese da escrita e de um diálogo mais íntimo entre oralidade e letramento, a ausência total de vírgulas nos enunciados (D) e (E) aponta para uma leitura supostamente mais veloz e informal, o que resultaria em maior probabilidade da presença de um único contorno entoacional, como exposto em (D)’ e em (E)’.

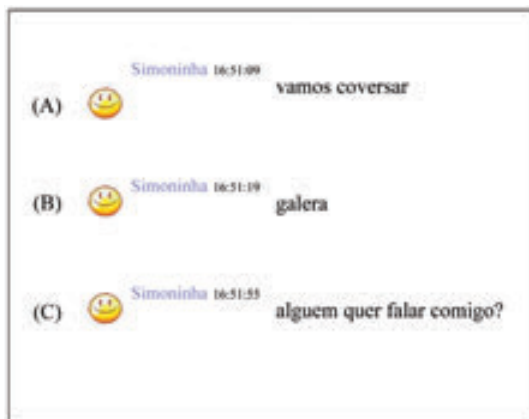
Ao analisar a ausência de vírgulas em textos de vestibulandos, Corrêa (2004) considera que, ao não colocar vírgulas em lugares em que elas poderiam ser empregadas, o escrevente deixa pistas de sua circulação pelo eixo da *representação da gênese da escrita*. Na correlação que pode ser estabelecida entre prosódia e escrita, nossa análise, mais uma vez, encontra-se ancorada em Corrêa (ibidem, p.123), quando esse autor afirma que

[...] provavelmente também por reproduzir a prosódia enraizada mentalmente, o escrevente deixa de empregar a pontuação convencionalmente prevista. [...] na escrita, não só a presença, mas também a ausência (a falta) da pontuação pode marcar blocos prosódicos que reproduzem o percurso representado como genético pelo escrevente.

A depender do olhar do analista, as mensagens (C) e (D) de gatinh@!!! podem ser indícios da circulação da escrevente pelo primeiro ou pelo segundo dos três eixos de apreensão da *heterogeneidade da escrita*. Nossas escolhas teóricas possibilitam que o pesquisador aprecie as duas, já que ambas são plausíveis nesse contexto de análise. Desse ponto de vista, analisar dados de escrita e fazer ciência em Estudos Linguísticos não se resumem na busca de uma única ou à melhor análise para um dado. Ao contrário, acreditamos que uma análise torna-se mais produtiva na medida em que surge a possibilidade de fazer perguntas a partir de diferentes ângulos, tendo como ênfase a ação do sujeito sobre o texto e a linguagem.

Após nos determos com um pouco mais atenção em dados de ausência total de vírgulas, retomamos a questão das “quebras de linhas” em lugares nos quais vírgulas poderiam ser inseridas (cf. Luft, 2001; Cunha; Cintra, 2001; Dahlet, 2006).

## Enunciado 12



Simoninha procura alguém para papear *on-line* e, nas três mensagens que compõem o Enunciado 12, a escrevente toma todos os participantes “presentes” na sala como interlocutores. Nessas mensagens genéricas, há duas “quebras de linhas”: a primeira entre as mensagens (A) e (B) e a segunda, entre (B) e (C). Apenas uma dessas quebras estará relacionada à vírgula, a depender da sentença a que o vocativo “galera” se relacionar. No que tange ao uso de vírgulas, teríamos duas possibilidades de pontuar as mensagens:

- Vamos conversar, galera! Alguém quer falar comigo?
- Vamos conversar! Galera, alguém quer falar comigo?<sup>11</sup>

Frente à metodologia adotada para definir o que vem a ser “quebras”, encontra-se o tempo cronometrado pelo sistema que dá suporte

11 Os enunciados no Enunciado 12 podem ser pontuados de outras maneiras, como: “Vamos conversar! Galera! Alguém quer falar comigo?”, “Vamos conversar! Galera? Alguém quer falar comigo?”, “Vamos conversar? Galera! Alguém quer falar comigo?”. “Vamos conversar? Galera? Alguém quer falar comigo?” Não iremos nos aprofundar nesta questão, visto que o presente trabalho objetiva refletir sobre usos não convencionais de vírgulas. Cabe destacar, no entanto, que há outras possibilidades de realização, levando-se em consideração as práticas letradas/escritas e a heterogeneidade da linguagem.

à “sala” virtual. Se observarmos o tempo entre as mensagens de Simoninha, verifica-se menor tempo entre (A) e (B) – dez segundos – do que entre (B) e (C) – 36 segundos. Ao considerar que o menor tempo de digitação entre os enunciados se relaciona ao uso de vírgulas e à percepção dos escreventes acerca de fronteiras de frases entoacionais, teríamos, em uma escrita mais próxima ao que se tem como convencional, algo como “Vamos conversar, galera! Alguém quer falar comigo?”, em que as expressões “Vamos conversar” e “galera” seriam *Is* de um *U* e a sentença “Alguém quer falar comigo?” seria um único *I*, relacionado a outro *U*. Esquemáticamente, teríamos, segundo Nespor e Vogel (1986):

(A) (B): [[vamos conversar] *I* [galera] *I* ] *U*  
 (C): [[alguém quer falar comigo?] *I* ] *U*

Como o tempo entre (B) e (C) é relativamente curto, também pode haver a possibilidade de Simoninha ter correlacionado essa “quebra” apenas ao contorno entoacional que caracteriza o domínio de *I*, e não à pausa que caracteriza o término de *U*. Assim, as três sentenças, com pouco espaço de tempo entre cada uma, podem englobar um único *U*, como representado a seguir:

(A)′(B)′(C)′: [[vamos conversar] *I* [galera] *I* [alguém quer falar comigo?] *I* ] *U*

A “quebra de linhas” entre as três sentenças no Enunciado 12, dessa outra perspectiva, pode ter sido recurso não convencional de pontuação de que a escrevente se utiliza para enfatizar o vocativo “galera” e evocar a atenção dos interlocutores “presentes” na sala virtual. Em função do curto espaço de tempo entre as mensagens (A) e (B), ambas poderiam englobar um único *I*. Com isso, *U* passaria a ser composto por dois *Is*, em vez dos três *Is* anteriores.

(A)″(B)″(C)″: [[vamos conversar galera] *I* [alguém quer falar comigo?] *I* ] *U*



Cada um desses dois *Is*, por sua vez, também poderia constituir *Us* distintos – em que o fim do primeiro *U* e o início do segundo corresponderiam a um maior tempo cronometrado pelo sistema, o que corrobora a hipótese de uma fronteira mais próxima ao domínio de *U* do que apenas a fronteira de um *I* interno a *U*.

(A)''(B)'': [[vamos conversar galera]*I* ]*U*

(C)'': [[alguém quer falar comigo?]*I* ]*U*

As quatro possibilidades de representação prosódica para as mensagens no Enunciado 12 parecem admissíveis. No entanto, não há como saber a qual delas Simoninha se referia exatamente no momento de produção da (sua) escrita. Inexiste, pois, a possibilidade de voltar ao momento exato de elaboração do Enunciado 12 e perguntar o que a escrevente pensou para segmentar o (seu) enunciado em linhas diferentes.

Do ponto de vista do pesquisador, as “quebras de linhas” e o tempo cronometrado pelo sistema entre (A), (B) e (C) podem ser interpretados como “pegadas” deixadas pela escrevente, as quais sinalizam uma pontuação e, portanto, uma interpretação do Enunciado 12. A diferença de tempo entre cada uma das mensagens enviadas por Simoninha à “galera” “presente” na sala virtual faz que tomemos a primeira análise prosódica como mais pertinente: o menor tempo, observado entre (A) e (B), parece indicar a relação que a escrevente estabelece em seu enunciado com o segundo maior domínio da hierarquia prosódica, a frase entoacional; já o maior tempo, observado entre (B) e (C), parece referir-se ao maior domínio da hierarquia prosódica, o enunciado fonológico, o qual deve coincidir com uma fronteira de *I*, por meio dos princípios de hierarquia.<sup>12</sup>

---

12 De acordo com Nespor e Vogel (1986), os princípios da hierarquia preveem que uma unidade da hierarquia prosódica sempre será constituída por uma ou mais unidades das categorias menores, as quais devem estar contidas, de maneira exaustiva, “dentro” das categorias maiores. Logo, um ou mais *Is* sempre estarão contidos em um *U*, de maneira que *Is* nunca ultrapassarão a extensão do *U* a que integram.

Quanto à diferença de tempo entre as mensagens enviadas, há de se considerar a interferência de questões técnicas que cerceiam o envio dos enunciados em salas de bate-papos virtuais: o computador utilizado pelo escrevente para se comunicar pode “travar” (parar de funcionar por alguns instantes), a rede que o está conectando à internet pode ficar lenta e dificultar e/ou retardar o envio de mensagens. É impossível controlar tais aspectos do ponto de vista metodológico. Mesmo que tais “questões técnicas” interfiram no tempo cronometrado entre as “quebras” de um enunciado de *chat*, terminam por constituir um sentido na “conversação”. Junto à ausência de sinais de pontuação e a “quebras de linhas”, o tempo cronometrado – com ou sem interferências técnicas – passa a organizar o turno conversacional<sup>13</sup> de Simoninha em três mensagens distintas, em linhas diferentes, disponibilizadas em momentos diferentes aos participantes da sala, sob determinado ritmo de escrita.

A noção de ritmo de escrita a que fazemos referência, proposta por Chacon (1998), é própria da linguagem, que a integra e a significa, na medida em que a organiza. É um ritmo não métrico que emerge ao “observarmos, no texto, o movimento decorrente do jogo e da alternância entre os fragmentos verbais que o compõem” (ibidem, p.22). Há um paralelo entre ritmo e sentido, o qual, em *chats*, pode ser apreendido por meio de “quebras” e com o auxílio do tempo cronometrado pelo sistema. “[...] o sentido é gerador de ritmo, assim como o ritmo é gerador de sentido, os dois inseparáveis, uma vez que toda unidade rítmica é, ao mesmo tempo, um grupo sonoro e um grupo de sentido” (ibidem, p.21).

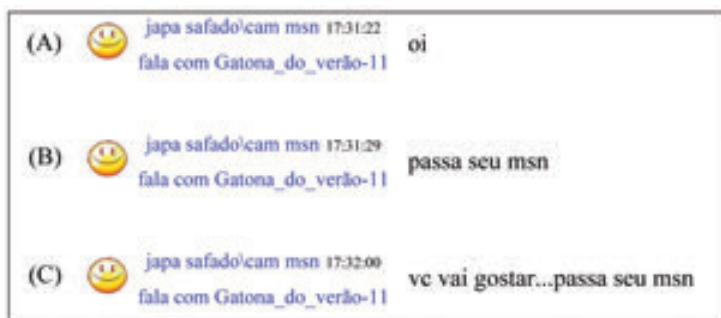
---

13 De acordo com Marcuschi (1991), em análise de dados de oralidade/fala, o turno conversacional é uma das unidades centrais da organização conversacional e, apesar de ser difícil defini-lo, “pode ser tido como aquilo que um falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade de silêncio” (ibidem, p.18). Essa definição parece pertinente aos dados letrados/escritos na internet: um turno, no *chat*, pode englobar mais de uma mensagem de um mesmo escrevente e pode incluir a possibilidade de silêncio entre essas mensagens. O silêncio, em enunciados do *chat* em estudo, pode ser entendido com base no horário de envio de cada mensagem, disponibilizado pelo sistema.

As “quebras” realizadas por Simoninha, no Enunciado 12 – assim como as realizadas por Ana Claudia, no Enunciado 9 –, são tratadas neste trabalho como “rastros” da relação que o escrevente parece empreender entre os enunciados letrados/escritos em bate-papos virtuais e as práticas orais/faladas, por meio do emprego no enunciado de uma pontuação não convencional coincidente com locais em que vírgulas poderiam ser utilizadas a partir da norma gramatical. Por meio de “quebras”, o escrevente organiza o enunciado em porções menores, orienta seus leitores na construção do sentido das mensagens e parecer colocar em evidência “marcas” do constante e infindável diálogo entre oralidade e letramento; afirmamos, junto a Chacon (ibidem, p.54), com base nos dados expostos, “que o ritmo está na própria gênese das relações entre a escrita e a oralidade”. Mesmo em dados em que a pontuação pode ser considerada “errada”, de um ponto de vista prescritivo, o ritmo da escrita dialoga com o ritmo da fala e reflete que o ritmo é próprio da linguagem – conforme procuramos mostrar, de maneira mais pontual, ao correlacionar dados escritos com a teoria da fonologia prosódica desenvolvida por Nespor e Vogel (1986).

Vejam, ainda, outro exemplo retirado do *corpus* e que trata, de forma específica, de “quebras de linhas”.

### Enunciado 13



Nas mensagens do Enunciado 13, nas quais japa safado\cam msn se dirige a Gatona\_do\_verão-11, a primeira e a segunda “quebras” poderiam ser coordenadas na mesma linha pelo uso do sinal da vírgula,

obtendo-se algo como: “Oi, passa seu MSN, você vai gostar... Passa seu MSN!”. Não ignoramos o fato de que outros sinais poderiam ser utilizados pelo escrevente, a depender do ritmo que ele quisesse atribuir a sua escrita. As “quebras de linhas” e a presença de reticências parecem indicar a presença de quatro *Is* e um único *U* no Enunciado 13.

(A) (B) (C): [[oi]*I* [passa seu msn]*I* [vc vai gostar...]*I* [passa seu msn]*I* ]*U*

Ao determo-nos no tempo cronometrado pelo sistema, observamos que, entre as duas primeiras mensagens, há apenas sete segundos de diferença, enquanto entre a segunda e a terceira mensagem, há 31 segundos. Ao considerar que tempo e “quebras” se somam para compreenderem um ritmo à escrita, temos que o maior tempo entre (B) e (C) pode indicar a possibilidade de uma fronteira prosódica coincidente com o domínio de *U*: quando (A) é somado a (B), assim como as sentenças em (C), as mensagens coincidem com o início e o fim dos constituintes sintáticos que os integram – conforme Nespor e Vogel (1986) apontam como característica de *U*. Com base nessa análise, o Enunciado 13 pode ser representado da seguinte maneira:

(A)' (B)': [[oi]*I* [passa seu msn]*I* ]*U*

(C)': [[vc vai gostar...]*I* [passa seu msn]*I* ]*U*

Essa outra possibilidade de análise permite a observação de outra característica de *U*, apontada por Nespor e Vogel: o último *I* desse constituinte tende a ser forte e a coincidir com entoação própria de sentença final que indica o fim de *U*. Nesse caso, o enunciado “passa seu msn” é observado nos dois *Us* que parecem constituir o Enunciado 13 e pode ser tomado como evidência de maior ênfase que o escrevente busca assinalar na relação com a interlocutora. Dito de outro modo, a expressão “passa seu msn” torna-se mais saliente ao ser disposta ao final de *U* e confere maior intensidade ao pedido de japa safado\cam msn a Gatona\_do\_verão-11. A reestruturação do Enunciado 13, de um *U* em dois *Us*, torna-se possível por meio da natureza da relação que

é estabelecida entre as sentenças, nesse caso, tamanho relativamente curto de sentenças e falta de conectores lógico-semânticos.

A reestruturação de um único *U* em dois *Us* – “[oi passa seu msn vc vai gostar...passa seu msn]*U*” versus “[oi passa seu msn]*U* [vc vai gostar...passa seu msn]*U*” – estaria ligada ao contexto pragmático de enunciação. Só poderíamos afirmar qual dessas duas possibilidades é mais viável se voltássemos ao momento de produção e retomássemos as intenções do escrevente. Dada a impossibilidade da tarefa, interessamos o fato de que “quebras de linhas”, entendidas como pontuação não convencional na escrita de bate-papos virtuais, é uma maneira de o usuário imprimir uma interpretação possível a seu enunciado e de demarcar certa leitura a (sua) escrita.

No tocante ao suporte tecnológico, em uma interação em *chat* em aberto, várias mensagens de diferentes escreventes e interlocutores aparecem simultaneamente na tela do computador. Essa é uma característica composicional desse tipo de *chat*: a aparição simultânea de diferentes e variados enunciados na “sala” virtual. As “quebras”, nesse contexto, podem ser tomadas como recurso utilizado pelo escrevente para agilizar a diálogo e assegurar o turno, a atenção do interlocutor e a “conversa” *on-line*.

É possível observar, nos exemplos anteriores, que todos os contextos de “quebras” não são aleatórios. Não há, por exemplo, “quebras” entre um verbo e seu complemento ou entre o sujeito e o predicado de uma oração. Ligadas aos constituintes mais altos da hierarquia prosódica, as “quebras” parecem estar relacionadas, de fato, aos domínios mais altos da hierarquia proposta por Nespor e Vogel (*ibidem*), frase entoacional (*I*) e enunciado fonológico (*U*), os quais se relacionam à sintaxe, à fonologia, à semântica e a contextos pragmáticos.

Por hora, procuramos desenvolver uma análise qualitativa fundamentada em diálogo que pode ser estabelecido entre dados de ausências de vírgulas e a teoria da fonologia prosódica. Acreditamos que tanto o estudo de pontuação (vírgulas) quanto o de prosódia proporcionam ao pesquisador a oportunidade de investigar o modo heterogêneo de constituição da escrita na internet. Recorrendo às palavras de Tenani (2003, p.242), salientamos que “a análise em domínios prosódicos dos

dados selecionados torna evidente a natureza não homogênea constitutiva da língua, quer na modalidade oral, quer na modalidade escrita”.

A ausência total de vírgulas e a “quebra de linhas” (em locais nos quais vírgulas poderiam ser inseridas) são consideradas neste trabalho como forma de pontuação não convencional própria dos enunciados do *chat* aberto pesquisado e como maneira de a heterogeneidade (da linguagem, da língua e da escrita) se mostrar de modo particular nesse gênero discursivo. No próximo tópico, buscamos caracterizar as ausências de vírgulas junto às ocorrências das expressões “oi” e “olá” *no corpus*. Pretendemos, com esse enfoque, discutir critérios que ajudem na definição do bate-papo virtual em aberto como gênero do discurso.

## Ausências de vírgulas após as expressões “oi” e “olá”

No chat pesquisado, é frequente a presença de enunciados como “oi tudo bem?”, “oi quer tc?” e “oi tem msn?”. Esses enunciados colocam em evidência a *comunhão fática* que se instaura entre os participantes dessas “conversas”. A expressão “comunhão fática”, cunhada por Malinowski em 1923, é discutida por Benveniste (1989) no interior de um quadro figurativo da enunciação. “[A comunhão fática] é um processo em que o discurso, sob a forma de um diálogo, estabelece uma colaboração com os indivíduos” (ibidem, p.88-9). Segundo Malinowski, na leitura de Benveniste, a comunhão fática é o modo de ação que preenche determinada função social. Assim, enunciados de cortesia não têm a finalidade de “expressar qualquer pensamento”, mas a de *sociabilizar* as pessoas.

No bate-papo virtual em aberto, há “conversa” com muitas pessoas desconhecidas, em curto espaço de tempo e de maneira superficial. Um “papo” mais reservado e longo geralmente ocorre no domínio virtual do MSN Messenger. Observamos uma constante presença de enunciados estereotipados no *chat* aberto. Tal estereotipagem caracteriza os enunciados escritos nos bate-papos virtuais de certa previsibilidade, o que, talvez, favoreça a adoção de pontuação não convencional na interação

*responsiva* entre os usuários de *chat* ao tornar esses enunciados mais informais e possibilitar uma interação mais ágil, previsível e superficial.

Há forte presença dos elementos extraoracionais “oi” e “olá” no *corpus*. Ao todo, observamos que 40% das ocorrências de ausências de vírgulas se relacionam ao uso dessas expressões: 654 ocorrências de ausências de vírgulas, de um total de 1.654 usos das expressões citadas. Expomos o exemplo a seguir:

#### Enunciado 14



Os enunciados no Enunciado 14 ilustram a interação síncrona entre mais de um participante no bate-papo pesquisado – característica que permeia a constituição desse gênero discursivo. Em uma escrita mais próxima ao que se considera convencional (e correta), os enunciados no Enunciado 14 poderiam ser grafados da seguinte forma:

- (A) (B): Olá, tudo bem?
- (C): Oi, tudo. E com você?
- (D): Oi, Amanda! Quantos anos você tem?
- (E): Oi, eu tenho 12 [anos].

Chama-nos atenção, no que se refere ao uso de vírgulas, a flutuação na maneira de pontuar no *chat*. Se nos detivermos apenas na expressão “oi”, que aparece quatro vezes no excerto selecionado, fica evidente certa singularidade – tomada, muitas vezes, no senso comum como “caos” – no que se refere ao emprego (não convencional) da vírgula como recurso de pontuação. Como elementos extraoracionais, as palavras “oi” e “olá” deveriam vir segmentadas pelo uso de vírgulas, conforme o faz Amanda Magrelinha nas mensagens (C) e (E). Pedro\_9anos\_msn\_cam9 não se utiliza de nenhum sinal de pontuação nesse contexto – o que denominamos ausência total de vírgulas. Já GatO\_\*M\_s\_N\_\_\_\_\_ pontua a expressão “oi” em relação ao restante do enunciado por meio da “quebra de linhas”. Esse último escrevente parece estar mais próximo da chamada *gênese da escrita* (Corrêa, 2004), já que a “quebra de linhas” presente entre as expressões (A), “Olá”, e (B), “tudo bem?”, pode sinalizar a percepção de fronteiras do domínio de *I* pelo escrevente.<sup>14</sup>

A cor que se destaca na composição dos *nicknames* também integra a comunicação entre os usuários; a mudança de cor dos apelidos dos escreventes ajuda o leitor/interlocutor a identificar de qual escrevente é a mensagem recebida. Em outras palavras, as cores não são acessórios que, aleatoriamente, “enfeitam” o ambiente digital. No bate-papo virtual em aberto, ajudam na localização pontual dos enunciados. As cores dialogam com o material verbal presente na “conversa” virtual, possibilitando leituras e emergência de sentidos na interação *on-line* – conforme afirmam os estudos desenvolvidos no âmbito da Semiótica Social (Kress; Van Leeuwen, 2001).

Podemos verificar no Enunciado 14, assim como nos demais dados expostos no trabalho, que há certa previsibilidade na composição dos enunciados: a abordagem entre os usuários envolve, geralmente, saudação e perguntas que versam sobre a identidade do interlocutor, como

---

14 Com base nos constituintes prosódicos (Nespor; Vogel, 1986) e no tempo cronometrado pelo sistema do bate-papo virtual, as mensagens de GatO\_\*M\_s\_N\_\_\_\_\_ podem ser analisadas da seguinte forma:

(A) (B): [[ola]I [td bem?]I ]U



idade, cidade, endereço de MSN – observado em (D), “Oi Amanda! Quantos anos vc tem?”.<sup>15</sup> Com base nas reflexões desenvolvidas por Bakhtin (1979, 1997), a respeito da constituição dos enunciados, os tipos estereotipados de mensagem em *chats* abertos podem ser considerados tipos previsíveis de enunciado, os quais, ao se moldarem ao estilo do bate-papo virtual, refletem a ideologia, as necessidades e os objetivos desse gênero do discurso. Nas palavras de Bakhtin (1979. P.111-2),

[...] a fórmula estereotipada adapta-se, em qualquer lugar, ao canal de interação social que lhe é reservado, refletindo ideologicamente o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição social do grupo. As fórmulas da vida corrente fazem parte do meio social, são elementos da festa, dos lazeres, das relações que se travam no litoral, nas fábricas, etc.

De nossa perspectiva, a ausência de vírgulas indica certa estabilidade no uso não convencional desse sinal de pontuação. O escrevente já familiarizado com *chat* pode prever que, em grande parte dos enunciados desse gênero discursivo, o emprego de vírgulas estará fora do que preveem as regras normativas – previsibilidade esta também observada no uso das expressões “oi” e “olá” e de sua pontuação.

As ausências de vírgulas, somadas às expressões fáticas, parecem ser evidências de que há, no *chat* pesquisado, “formas relativamente estáveis de enunciados” que integram e caracterizam o *chat* aberto enquanto gênero do discurso: “oi”/“olá” são expressões bastante comuns no *chat* pesquisado e, somadas às ausências de vírgulas, parecem constituir características linguísticas e textuais dos enunciados pesquisados, ao mesmo tempo que indicam a existência de certas

---

15 De perspectiva próxima a nossa, Fusca (2007, p.9), em artigo sobre abreviaturas em *chats*, também aponta para a ocorrência de enunciados mais previsíveis em salas virtuais: “O propósito [dos escreventes de *chat*] não é o de entabular uma conversa complexa, formal, sobre tema de interesse social. Busca-se, simplesmente, a construção de uma atmosfera de sociabilidade e de comunhão – tanto que os enunciados mais (re)produzidos em salas de bate-papo são os que tencionam a troca de informações básicas (nome, cidade, idade, interesses etc.) entre os usuários”.

seqüências sintáticas e expressões lexicais típicas daquela interação, as quais comumente compõem os enunciados analisados.

Essas formas dos enunciados de *chat*, relativamente estáveis e previsíveis, estão relacionadas, por sua vez, às interações sociais que se desenvolvem na *web*. Em outros termos, os enunciados de *chats* podem ser considerados réplicas do diálogo social empreendido nesse ambiente. No Enunciado 14, por exemplo, as mensagens trocadas pelos escreventes parecem evidenciar certa fugacidade nas relações pessoais e sociais na internet, as quais, muitas vezes, parecem ser descartáveis e superficiais: o modo de abordagem entre os escreventes parece pouco consistente; o diálogo, fugaz; as trocas verbais, anônimas.

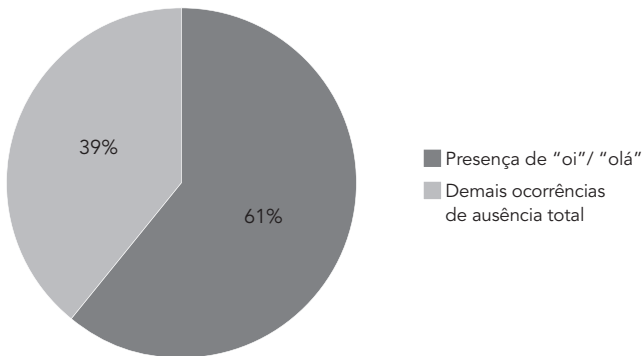
A ausência de vírgulas, a estereotipia dos enunciados e o contato que, muitas vezes, pode não ultrapassar o fático refletem a fragmentação e a superficialidade com que as relações sociais passam a ser estabelecidas na modernidade *líquida* – nas palavras de Bauman (2000) sobre a pós-modernidade. A análise de aspectos linguísticos que compõem esses enunciados – dos quais destacamos as ausências de vírgulas somadas aos usos de expressões “oi” e “olá” –, coloca em destaque a necessidade de problematizar a relação dialética que pode ser estabelecida entre significado/discurso (fragmentação, fugacidade) e recursos gráfico-visuais (ausência total de vírgulas e “quebras de linhas”).

Ainda no que se refere às ocorrências das expressões extraoracionais “oi” e “olá” e à ausência de uso de vírgulas, observa-se certa recorrência no emprego dessas duas expressões nas mensagens que compõem o *corpus* do trabalho. Há como relacionar as quantidades de ocorrências desses elementos com as regularidades observadas em ausência total de vírgulas e “quebras de linhas”.

Em uma abordagem mais quantitativa, na busca por expor contornos mais gerais para os enunciados de *chats*, as regularidades citadas – ausência total de vírgulas e “quebras de linhas” –, somadas às expressões extraoracionais, serão apresentadas a seguir por meio de gráficos e tabelas. Primeiramente, faremos uma análise das ocorrências de “oi”/“olá” nas ausências totais de vírgulas e, posteriormente, nas “quebras de linhas”. Por fim, buscaremos caracterizar as regularidades encontradas como traços constitutivos de enunciados do gênero digital bate-papo aberto.

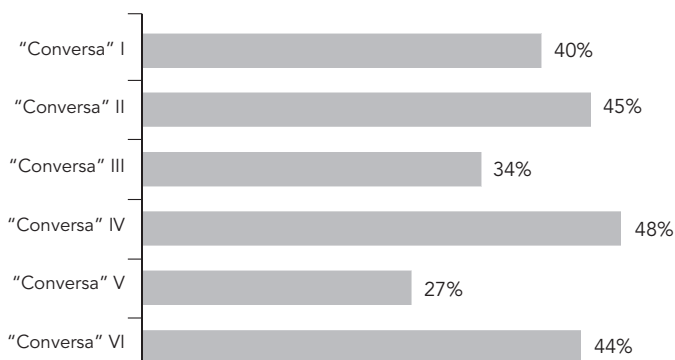
Conforme explicitado no início deste capítulo por meio da Tabela 2, no *corpus* do trabalho houve, ao todo, 1.471 ocorrências categorizadas como “ausência total de vírgulas” em lugares em que o uso desse sinal de pontuação é previsto, seja por manuais, seja por gramáticas normativas. Desse montante, uma parte considerável (580 ocorrências, ou 39%) refere-se a ausências localizadas entre a expressão extraoracional “oi” ou “olá” e o restante da sentença, como em “Oi Amanda! [...]” (mensagem (E) no Enunciado 14) e “OLA GATA MIAL” (no Enunciado 10). Vejamos o Gráfico 4.

Gráfico 4 – Relação entre ausência total de vírgulas e presença de “oi”/“olá” como expressões extraoracionais



A seguir, no Gráfico 5, procuramos demonstrar que a porcentagem das ocorrências de “oi”/“olá” nas seis “conversas” analisadas é próxima ao número de ausências (totais) analisadas na Tabela 2. Em nenhuma das seis “conversas” a presença das expressões “oi”/“olá” representa muito mais que 45%, ou muito menos que 30%, da quantidade de ausências totais de vírgulas, mantendo certa regularidade e coerência com o Gráfico 4.

Gráfico 5 – Porcentagem de “oi”/“olá” em relação às ausências totais de vírgulas nas diferentes “conversas” analisadas



No entanto, as expressões “oi” e “olá” ocorrem em porcentagem bastante distinta: a presença de “oi”, em ocorrências de ausência total de vírgulas, é bastante superior à de “olá”, conforme exposto na Tabela 3.

Tabela 3 – “Oi”/“olá” como elementos extraordinários em ausências totais de vírgulas

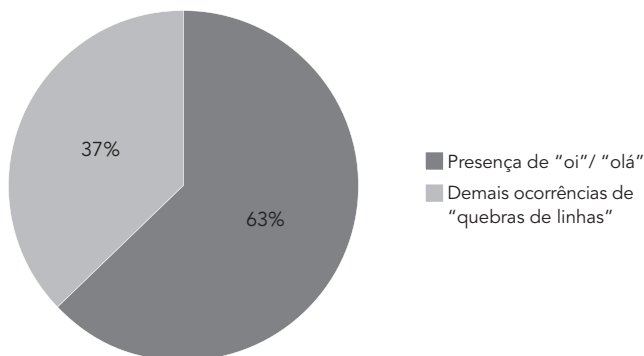
	“Oi”/ausência total	“Olá”/ausência total	Total
“Conversa” I	140 (99%)	2 (01%)	142 (100%)
“Conversa” II	56 (95%)	3 (05%)	59 (100%)
“Conversa” III	115 (95%)	6 (05%)	121 (100%)
“Conversa” IV	64 (90%)	7 (10%)	71 (100%)
“Conversa” V	39 (100%)	0 (00%)	39 (100%)
“Conversa” VI	123 (83%)	25 (17%)	148 (100%)
Total	537 (93%)	43 (07%)	580 (100%)

Na “Conversa” V, por exemplo, o número de ocorrências de “oi” chega a representar 100% das ocorrências de expressões extraordinárias com ausência total de vírgulas. Antes de ser um dado acessório, consideramos que essa informação deixa transparecer “marcas” do gênero bate-papo virtual aberto: há informalidade na maneira de as pessoas se comunicarem nesse tipo de bate-papo, a qual pode ser apreendida por meio da relação entre a pontuação e a preferência pelo emprego

de “oi” na comunhão fática. O uso de “olá”, por sua vez, parece caracterizar maior grau de formalidade na relação entre os usuários do sistema; conseqüentemente, é bem menos frequente em enunciados de *chats* abertos.<sup>16</sup>

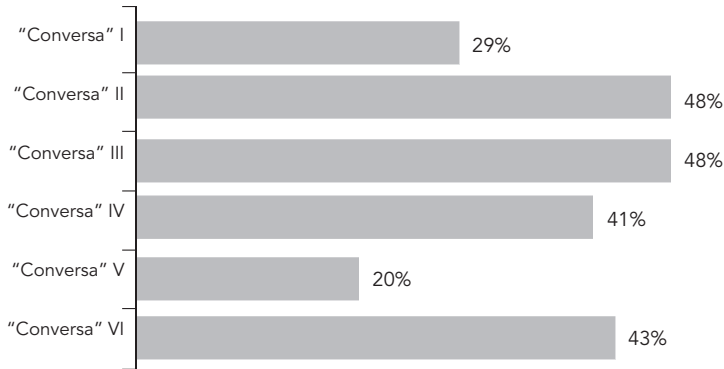
Por meio dos gráficos e das tabelas apresentados, pode-se enfatizar a ideia de que a maneira de escrever e, em específico, de pontuar, não é aleatória (ou caótica) na escrita na internet. Observamos, por análise de cunho mais quantitativo, certa regularidade nos usos não convencionais de vírgulas; a relação entre “quebras de linhas” e as expressões “oi”/“olá” reafirma essa hipótese. Vejamos os gráficos 6 e 7.

Gráfico 6 – Relação entre “quebras de linhas” e presença de “oi”/“olá” como expressões extraoracionais



16 Essa hipótese explicativa (da maior informalidade da expressão “oi” do que da “olá”) está fundada em práticas orais/faladas reconhecidas na região Sudeste do Brasil e também na hipótese de que a “conversa” se dá em tom informal na comunhão fática. O professor Júlio César Araújo observou, durante o exame de qualificação deste trabalho, a realidade não é essa na região Nordeste do Brasil, onde “olá” é considerada mais informal.

Gráfico 7 – Porcentagem de “oi”/“olá” em relação às “quebras de linhas” nas diferentes “conversas” analisadas



O Gráfico 6 expõe que, das 183 “quebras de linhas” observadas no *corpus*, 37% (68 ocorrências) referem-se a “quebras” coincidentes com as expressões “oi”/“olá”. É como se os escreventes, ao grafarem essas expressões, marcassem, por meio da mudança de linha, o contorno entoacional próprio desses vocábulos – correlacionando, de maneira íntima, aspectos orais/falados e letrados/escritos por meio de pontuação não convencional. Por meio do Gráfico 7 é possível observar como essas porcentagens são semelhantes nas diferentes “conversas” analisadas. Na maioria delas, a relação entre “oi”/“olá” varia entre 40% e 48% das ocorrências de “quebras de linhas” relacionadas a lugares em que vírgulas poderiam ser inseridas. Apenas duas “conversas” “escapam” a esse percentual, as “conversas” I e V; a primeira com porcentagem próxima a 30%, a segunda com porcentagem inferior.

Assim como analisado nas “ausências totais” de vírgulas, nas “quebras” a expressão “oi” aparece em quantidade significativamente maior que a expressão “olá”.

Tabela 4 – “Oi”/“olá” como elementos extraoracionais em “quebras de linhas”

	“Oi”/“quebras”	“Olá”/“quebras”	Total
“Conversa” I	11 (92%)	1 (08%)	12 (100%)
“Conversa” II	11 (79%)	3 (21%)	14 (100%)
“Conversa” III	11 (92%)	1 (08%)	12 (100%)
“Conversa” IV	10 (83%)	2 (17%)	12 (100%)
“Conversa” V	5 (83%)	1 (17%)	6 (100%)
“Conversa” VI	11 (92%)	1 (08%)	12 (100%)
Total	59 (87%)	9 (13%)	68 (100%)

A ênfase nas expressões extraoracionais, com base em dados de ausência de vírgulas, ajuda a explicitar que a escrita na internet em gêneros informais – como os bate-papos em aberto – distancia-se de uma escrita “falada” e/ou de uma fala-escrita, para constituir-se como dado pródigo em evidenciar a heterogeneidade da escrita (da linguagem) e a circulação dos escreventes pelo *imaginário da escrita* – em acordo com o que propõe Corrêa (2004). Além disso, a análise do uso não convencional de vírgulas pelos escreventes de bate-papos virtuais (em aberto) permite a observação de traços típicos (do estilo, do conteúdo temático e da construção composicional) de enunciados do gênero discursivo em estudo.

- *Estilo*: no *chat* aberto há a escolha de certos vocábulos e itens gramaticais (como “oi” e outras expressões que denotam informalidade) com base na imagem de um interlocutor habituado a (competente para) interagir em bate-papos virtuais. O escrevente presume, pois, uma *compreensão responsiva ativa* do outro em relação a enunciados caracterizados por emprego de ortografia e pontuação não convencionais, que visam a reafirmar essa informalidade e a aproximar os interlocutores.

- *Conteúdo temático*: bate-papo, “conversação” informal entre desconhecidos, com o objetivo de fazer novas amizades, estabelecer contatos etc.

- *Construção composicional*: o sistema de suporte à “sala” virtual determina que se pode interagir em grupos e em duplas, adotar *nicknames*, escolher cores para a identificação de textos escritos e empregar

*emoticons* na redação das mensagens, entre outros recursos que organizam e estruturam o aparecimento de mensagens na tela dos escreventes.

\* \* \*

Neste capítulo, procuramos destacar que as ausências de vírgulas – sejam ausências totais de vírgulas, sejam “quebras de linhas” – geram informações gráfico-visuais e, junto às cores e aos *emoticons* característicos de bate-papos virtuais abertos, expressam um ritmo na escrita na internet ao demarcarem ou ao omitirem possíveis fronteiras prosódicas, como o contorno entoacional que caracteriza o domínio de *I*. Nesse contexto, o tempo cronometrado pelo sistema no envio de mensagens – esteja ele motivado pelo escrevente ou por fatores técnicos – imprime uma supressão do e/ou sucessão no turno iniciado pelo usuário de *chat* e constrói sentidos (estabelece ritmo) ao enunciado escrito.

A análise das expressões extraoracionais “oi” e “olá” seguidas de ausência de vírgula – e de qualquer outro sinal de pontuação – indica que não apenas o uso não convencional de vírgulas é previsível em enunciados de *chats*; certos tipos de sentença também são esperadas nessa interação verbal e indiciam a constante busca por parceiros para uma “conversa” rápida e, aparentemente, superficial.

Os dados de ausência de vírgula e a noção de heterogeneidade da escrita permitem a observação de que, na escrita de gêneros virtuais informais, como o em estudo, não há “interferência” da fala na escrita; há “pistas” do constante diálogo entre enunciados escritos e enunciados falados e, nos casos em que os enunciados se aproximam do código escrito institucionalizado, há uma aproximação entre a escrita e o “mais” escrito. As ausências de vírgulas servem, pois, como “pistas” que refletem a heterogeneidade da escrita e a relação que o sujeito estabelece com a linguagem na internet. A recorrência e a estabilidade (quantitativa) de ausência total de vírgulas, de “quebras de linhas” e de marcadores conversacionais apontam para a existência de semelhanças que podem ser categorizadas, pelo pesquisador, nessas “conversas” *on-line*. Apontam também para a possibilidade de definição do *chat* aberto como gênero do discurso.



Alguns autores, no âmbito dos estudos sobre linguagem e tecnologia (Braga, 1999; Xavier; Santos, 2000; Marcuschi, 2005; Araújo, 2005, 2006a, 2006b), propõem, com base nos estudos bakhtinianos sobre gêneros, a reflexão de que o bate-papo virtual em aberto constitui, de fato, gênero discursivo próprio da internet, o qual é influenciado pelo suporte tecnológico que o subsidia, sem ser por ele definido. Marcuschi (2005), Crystal (2006) e Araújo (2006a) esclarecem que há diversos tipos de bate-papo – haveria, pois, uma constelação de gêneros *chats*, na terminologia usada por Araújo (*ibidem*) –, cada um composto por características mais ou menos específicas.

Na tarefa a que nos propusemos, procuramos, frente à diversidade linguística dos diferentes *chats*, sistematicidades que apontassem para a existência de regularidades nos enunciados escritos de um tipo de bate-papo virtual bastante popular, o *chat* aberto. Como contribuição aos estudos linguísticos, e às reflexões sobre linguagem e tecnologia, ressaltamos a pertinência da adoção do conceito de gênero discursivo para o tratamento dos enunciados em *chat* aberto. A comunhão fática estabelecida entre os indivíduos que frequentam esse ambiente virtual também parece ser característica do gênero em estudo. Destacamos, por fim, que o uso não convencional de vírgulas pode ser entendido, como “rastros” dessa relação fugaz e superficial que os sujeitos estabelecem entre si, por meio da linguagem, na chamada era da tecnologia digital.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste livro, procuramos investigar como a ausência de vírgulas em enunciados de bate-papos virtuais em aberto pode ser apreendida pelos estudiosos em linguagem como “pegadas” gráficas, deixadas pelos escreventes no exercício de uma atividade verbal dinâmica da/na linguagem. A partir da metodologia indiciária (Ginzburh, 1983, 1989), as “pegadas” gráficas na escrita de usuários de *chats* são interpretadas, neste estudo, como indícios da história de um texto/enunciado e das representações e hipóteses que os escreventes parecem realizar sobre a (sua) escrita na internet. Olhamos para as “ocorrências particulares não como fugas a um padrão único, mas como o processo incessante de (re-)produção de padrões [regularidades], ligados aos diferentes gêneros, específicos ou não da escrita” (Corrêa, 2004, p.21-2).

No que tange ao uso não convencional de vírgulas no bate-papo virtual pesquisado, por exemplo, eventuais “erros” podem ser agrupados em regularidades mais gerais: ausência total de vírgulas e “quebras de linhas” em locais em que vírgulas poderiam ser utilizadas pelos escreventes. O paradigma indiciário permite-nos, como analistas, observar os “rastros” (particulares e gerais) por meio dos quais os escreventes colocam em evidência a *heterogeneidade constitutiva da escrita*.

*O modo heterogêneo de constituição da escrita*, conforme proposto por Corrêa (ibidem), opõe-se à ideia de “pureza” e/ou homogeneidade

da escrita, a qual termina por conduzir muitos leitores à concepção de “caos” na escrita na internet. Para Corrêa, a língua e as práticas sociais (da oralidade e do letramento) coexistem – o que aponta para sua heterogeneidade. A ausência de vírgulas (em lugares em que o uso desse sinal é previsto por gramáticas) marca o diálogo e a dialogia tanto entre oralidade e letramento quanto entre escrevente e leitor que projeta, entre escrevente e a (sua) escrita. A ausência desse sinal de pontuação também sinaliza sentido(s) possível(is) para um enunciado e constitui-se como objeto de pesquisa profícuo para a observação do trabalho do sujeito com o texto/enunciado na história.

No *corpus*, a presença de “quebras de linhas” (em lugares em que vírgulas poderiam ser utilizadas), quando somadas ao espaço em branco e a um curto período de tempo cronometrado pelo sistema, permitiu a formulação de hipóteses de que tais “quebras” se referem à marcação de uma prosódia na escrita na internet. As “quebras” podem ser relacionadas com as fronteiras próprias dos constituintes da frase entoacional (*I*) e do enunciado fonológico (*U*), integrantes da hierarquia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986). Tenani (2002), junto à teoria de Nespor e Vogel, já havia descrito a pertinência desses constituintes nas práticas orais/faladas do português brasileiro. Chacon (1998) e Corrêa (2004), no âmbito dos estudos sobre oralidade/letramento, já salientavam que a prosódia é irrestrita aos enunciados falados, sendo os sinais de pontuação lugar privilegiado para a apreensão da prosódia na escrita; a pontuação – seja ela convencional, seja não convencional – é, pois, uma maneira de o escrevente projetar uma prosódia, uma leitura e um sentido a (seu) enunciado. A análise de ausências de vírgulas permitiu a observação de que a teoria da fonologia prosódica pode ser empregada em dados de *chats*, com a indicação de que a prosódia é da língua e se faz presente em todas as manifestações verbais, sejam elas faladas, sejam escritas.

Com relação às duas regularidades de ausências de vírgulas (ausência total e “quebras de linha”), os escreventes de *chats* parecem circular, principalmente, por dois eixos do imaginário da escrita: o da representação da gênese da escrita e o da representação do código escrito institucionalizado – ambos propostos em Corrêa (*ibidem*)

para a observação da heterogeneidade da escrita. A gênese da escrita parece estar presente nas “quebras”, momentos de mudança de linha em que o usuário do bate-papo virtual parece relacionar ritmo da fala (organizado pela prosódia do oral) e ritmo da escrita (organizado pelos sinais de pontuação das práticas letradas), assumindo aspectos da oralidade/fala como suposta *gênese* dos aspectos letrados/escritos da “quebra” de um enunciado escrito em duas mensagens, em curto período de tempo.

Por outro lado, os dados de ausência total de vírgulas, em momentos nos quais o uso desse sinal de pontuação é previsível no enunciado, parecem evidenciar que o usuário de bate-papo virtual distancia a (sua) escrita de aspectos que poderiam estar relacionados com a fala para concebê-la como autônoma, de acordo com o eixo de representação do código escrito institucionalizado. Ao omitir o sinal de vírgula e não se utilizar de “quebras” – restando apenas o espaço em branco que delimita a palavra morfológica no enunciado –, o escrevente parece representar o que, para ele, é institucionalizado para (sua) escrita na internet: a ausência de sinais de vírgulas que indicariam “suspensão”, portanto, pausa na respiração – índice de “interferência” da fala na escrita.

Na “ausência total de vírgulas”, o usuário de bate-papo virtual pode também circular, como nos casos de “quebras”, pela representação da *gênese* da escrita. Antes de distanciar-se de aspectos do oral, a ausência total pode indicar que o escrevente tenta imprimir a seu enunciado um ritmo mais próximo ao de uma situação de conversação face a face: informal, rápido, sem “pausas” e com um único contorno entoacional. Não há, pois, como afirmarmos em qual dos dois eixos o escrevente circula. Não é esse, tampouco, nosso objetivo, uma vez que assumimos a complexidade enunciativa de que os textos são (e) feitos. A análise sistemática dos dados permitiu visualizar certa regularidade na recorrência da ausência de vírgulas nas seis diferentes “conversas” analisadas<sup>1</sup> – mais de quatrocentas páginas de dados –, o que, por um lado, aponta para certa semelhança e estabilidade entre

---

1 Ver Tabela 2

os enunciados de bate-papo virtual e, por outro, embasa a adoção do conceito de *gênero do discurso* para o estudo do bate-papo virtual em aberto. Alguns autores já adotam o conceito bakhtiniano de gêneros para o estudo de bate-papo virtual (cf. Braga, 1999; Xavier; Santos, 2000; Marcuschi, 2005; Araújo, 2004, 2005, 2006a, 2006b). Araújo (2006a) salienta, de maneira pertinente, que o termo *chat* não se refere a um determinado gênero, mas recobre uma variedade de gêneros discursivos, cada um com propósitos comunicativos diferentes e com a função comum de “conversar”/“papear” na rede. Há, de acordo com esse autor, uma *constelação de chats* na internet, na qual o *chat* aberto constitui a busca de parceiros “para outros gêneros de bate-papo que permitam uma conversa mais tranquila” (ibidem, p.143).

Historicamente, a pontuação foi concebida como atrelada a aspectos orais/letrados. O estudo de ausência de vírgulas em *chat* aberto torna apreensível que o emprego de sinais de pontuação se distancia da oralidade, embora, algumas vezes, esteja relacionado a ela – conforme Chacon (1998), Corrêa (2004) e Esvael (2005) já defendem em seus trabalhos. Do mesmo modo, os sinais de pontuação não marcam a prosódia do oral na escrita; se relacionam, por outro lado, à prosódia ao ritmo da linguagem, presentes tanto nas práticas faladas/orais quanto nas práticas escritas/letradas.

A pontuação, de maneira geral, e a vírgula, de maneira específica, são objeto de estudo que propiciam a apreensão de características formais dos diferentes gêneros discursivos. Retomamos, de Tenani e Soncin (2009, p.5), que uma pesquisa que coloca em foco o emprego do sinal de vírgula “não pode ignorar o gênero textual/discursivo, pois ele condiciona a seleção e a organização de certas estruturas, as quais, por sua vez, configuram a composição do texto como pertencendo a um dado gênero”. Os usos não convencionais de vírgulas, dessa perspectiva, foram por nós adotados como indícios de que o *chat* aberto é composto por certas construções composicionais semelhantes, o que constitui certa regularidade na maneira de os escreventes, familiarizados com esse gênero, utilizarem (ou melhor, não utilizarem) a vírgula como recurso de pontuação nos enunciados. Esta pesquisa também contribui com os estudos sobre linguagem e tecnologia ao propiciar

reflexões, a partir de dados linguísticos de comunicação “real” na *web*, que reafirmam o bate-papo virtual em aberto como gênero discursivo.

Além do aspecto linguístico, focado na análise desenvolvida ao longo do trabalho, os dados que compõem o *corpus* desta pesquisa tangenciam aspectos da esfera social, especialmente em como a fugacidade das relações humanas se materializa linguisticamente na sociedade líquida de que nos fala Bauman (2000). Essa fugacidade chega a atingir crianças e adolescentes que, ao serem produtores/usuários de um gênero como o *chat* aberto, já imergem em um universo que os erotiza precocemente.

Em oposição aos estudos na área das ciências da linguagem que buscam conceber a escrita na internet como fenômeno instigante, lugar privilegiado da observação da relação entre fala e escrita, parte da sociedade considera a escrita na rede prejudicial ao aprendizado e ao desenvolvimento de crianças e adolescentes. Ravaneda (2010, p.1), por exemplo, no texto *Linguagem da internet, quem perde somos nós*,<sup>2</sup> publicado no site Artigonal, diz que a escrita “desregrada” da internet:

Iniciou-se como um movimento com objetivo de acelerar a digitação, num mundo cada vez mais tecnológico onde a fala é substituída pelo texto. A partir daí o idioma foi dando espaço ao que alguns chamam de “linguagem informal da internet”, prático inicialmente, mas com efeitos devastadores a curto e médio prazo. Nossas crianças e jovens incorporaram essa “moda” e o idioma quem paga a conta. No início eram abreviaturas, em seguida, com os teclados de computador baseados no padrão internacional (sem o “ç”) e com a “preguiça” de acentuar as palavras foram surgindo as palavras bizarras que hoje permeiam o “idioma” praticado digitalmente.

[...] Temos que nos conscientizar, como pais, professores e também alunos, que o idioma é o principal recurso [de] que dispomos para nos comunicar. Por óbvio a maneira de se falar interfere drasticamente, mas não podemos tomar a fala como regra.

Assim como Ravaneda, várias pessoas, inclusive profissionais de língua portuguesa, concebem a língua na internet de forma depre-

---

2 Disponível em: <<http://www.artigonal.com/>>. Acesso em: 3 mai. 2010.

ciativa, a qual, supostamente, seria prejudicial à sociedade, já que, ao modificar o idioma,<sup>3</sup> interferiria na maneira de os indivíduos se comunicarem.

Em vez de ser tomada como preocupação por parte de pais, educadores e a sociedade em geral, ou ser considerada “deturpação” do idioma, deve-se problematizar a escrita em *chats* enquanto prática social na *web*, de forte prestígio entre crianças e adolescentes. Snyder (2009, p.43), ao refletir sobre língua, tecnologia e ensino, defende que não basta que crianças e adolescentes saibam “as habilidades e o conhecimento do letramento impresso”, é preciso prepará-los para uma “sociedade de informação e rede”. Com a crescente popularidade das tecnologias digitais e o acesso à internet, não há como pais e professores simplesmente vetarem a contato de crianças e adolescentes com a *web* e com os diferentes textos e dizeres que nela circulam.

Do nosso ponto de vista, não se trata de os professores defenderem ou “atacarem” o chamado “internetês”. O bate-papo virtual é uma prática letrada/escrita compartilhada por uma parcela jovem da sociedade que frequenta os bancos escolares. Antes de os profissionais do ensino de língua portuguesa se oporem à escrita na internet, seria mais prudente observá-la como conhecimento sobre a escrita/o letramento que muitos alunos trazem à escola. Desprezar esse conhecimento é dizer, mais uma vez, que a língua utilizada fora dos parâmetros de manuais escolares e de gramáticas normativas não é língua/linguagem, mas, sim, *erro* e ignorância.

Com este estudo esperamos contribuir, no âmbito dos estudos acadêmicos e do ensino de língua portuguesa, para a observação do bate-papo virtual como objeto de análise linguística e de apreensão da relação entre sujeito e linguagem. Com base, pois, em uma concepção heterogênea de linguagem, de língua e de escrita, os usos não convencionais de vírgulas nos enunciados de *chat* aberto foram por nós analisados como característica de gênero discursivo em emergência, como maneira de o escrevente imprimir ritmo e sentido à (sua) prática escrita.

---

3 O *idioma* parece ser entendido pelo autor um como semióforo, um símbolo da noção (Conceição, 2009), e é tomado como sinônimo de uma escrita “homogênea”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. M. et al. Considerações sobre a utilização de um paradigma indiciário na análise de episódios de refacção textual. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas: IEL/Unicamp, n.25, p.5-23, 1995.
- \_\_\_\_\_.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas: Mercado das Letras, 1997.
- ARAÚJO, A. C. *Os usos de vírgulas em textos de alunos de quinta série do ensino fundamental*. Relatório de iniciação científica, Unesp, campus de São José Rio Preto, 2010. (mimeografado)
- ARAÚJO, J. C. A organização constelar do gênero *chat*. In: XX Jornada Nacional de Estudos Linguísticos, 2004, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Ideia, 2004, p.1279-92.
- \_\_\_\_\_. A conversa na *web*: o estudo da transmutação de um gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.91-109.
- \_\_\_\_\_. *Os chats: uma constelação de gêneros na internet*. Fortaleza. 2006a, 341f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará.
- \_\_\_\_\_. Mecanismos hipertextuais do chat: marcas de um novo gênero. In: XIX Jornada Nacional dos Estudos Linguísticos do Nordeste, 2002, Fortaleza. *Pesquisas em Linguística e Literatura: descrição, aplicação e ensino*. Fortaleza: Edições UFC, 2006b, p.161-3.



- \_\_\_\_\_. “Kd a roupinha do nick?”: brincando de vestir identidades no chat aberto. In: COSTA, M. de F. V.; COLAÇO, V. de F. R.; COSTA, N. B. da (Orgs.). *Modos de brincar, lembrar e dizer*: discursividade e subjetivação. Fortaleza: Edições UFC, 2007, p.189-204, v.48, 2007. Disponível em: <<http://www.julioaraujo.com/download/artigo14.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2010.
- BAKHTIN, M. M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979.
- \_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 2.ed. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.277-326.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: \_\_\_\_\_. *Problemas da linguística geral II*. Trad. de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989, p.81-90.
- BRAGA, D. B. A constituição híbrida da escrita nas salas de bate-papo e na construção dos hipertextos. *Leitura: teoria e prática*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil (ALB), Mercado de Letras, ano 18, n.34, p.23-9, dez. 1999.
- CAPRISTANO, C. C. *Aspectos de segmentação na escrita infantil*. São José do Rio Preto, 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (Unesp).
- CHACON, L. *Ritmo da escrita*: uma organização do heterogêneo da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CHAFE, W. L. Integration and involvement in speaking, writing and oral literature. In: TANNEN, D. (org.). *Spoken and Written Language*: exploring orality and literacy. Norwood: Ablex, 1982, p.35-53.
- \_\_\_\_\_. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R. et al. (Orgs.). *Literacy, Language and Learning*: the nature and consequences of reading and writing. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p.105-23.
- CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. Trad. de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.
- CONCEIÇÃO, R. I. S. *O professor de Língua Portuguesa na visão de formandos em Letras*. São Paulo, 2008, 299f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

- CORRÊA, M. L. G. Pontuação: sobre seu ensino e concepção. *Leitura: teoria & prática*. Campinas: ABL/Mercado Aberto, n.24, ano 13, p.52-65, 1994.
- \_\_\_\_\_. A heterogeneidade na constituição da escrita: complexidade enunciativa e paradigma indiciário. In: POSSENT, S.; CHACON, L. (Orgs.). *Cadernos da F.F.C.: análise do discurso*, Marília, v.6, n.2, p.165-86, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CRYSTAL, D. *Language and the Internet*. 2.ed. UK: Cambridge University Press, 2006.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DAHLET, V. *As (man)obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- DE PAULA, I. F. V. *Movimentos na escrita inicial de crianças: um estudo longitudinal de Hipersegmentações*. São José do Rio Preto, 2007, 152f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (Unesp).
- ESVAEL, E. V. S. *Pontuação na escrita de universitários: a função enunciativa da vírgula*. São Paulo, 2005, 124f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP).
- FERNANDES, F. R. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. Campinas, 2007. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
- FREIRE, F. M. P. Formas de materialidade linguística, gêneros de discurso e interfaces. In: SILVA, E. T. (org.). *A leitura nos oceanos da internet*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008, p.65-88.
- FUSCA, C. J. A relação fala/escrita em abreviaturas na internet. *XIX Congresso de Iniciação Científica*, CD-ROM, 2007.
- GINZBURG, C. Chaves do mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. In: ECO, U.; SEBEOK, T. (Orgs.). *O signo de três – Dupin, Holmes, Pierce*. São Paulo: Perspectiva, 1983, p.89-129.
- \_\_\_\_\_. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.143-79.
- GRANTHAM, M. R. *Da releitura à escritura: um estudo pelo viés da pontuação*. Campinas: Editora RG, 2009.
- INKELAS, S.; ZEC, D. Syntax-Phonology Interface. In: GOLDSMITH, J. (ed.). *The handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Mass.: Blackwell Publishers, 1995, p.535-49.

- KOCH, I. V. *O texto e a construção do sentido*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- KOMESU, F. A modalidade escrita nas páginas eletrônicas pessoais da internet: o uso de emoticons e de “risadinhas”. *Sínteses*, Campinas, v.7, p.167-80, 2002.
- \_\_\_\_\_. Visões da língua(gem) em comentários sobre internetês não é língua portuguesa. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, Universidade de São Paulo, n.8, p.425-37, 2006.
- \_\_\_\_\_. O bom português na internet. *Vida e educação*, ano 4, n.13, p.29, mar. -abr. 2007.
- KOMESU, F.; TENANI, L. Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem. *Linguagem em (dis)curso*, Palhoça, v.9, n.3, p.621-43, set.-dez. 2009. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0903/00.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2009.
- \_\_\_\_\_. A relação fala/escrita em dados produzidos em contexto digital. *Scripta*, Belo Horizonte: PUC-Minas. Disponível em: <[http://www.ich.pucminas.br/posletras/Scripta\\_24\\_I\\_semestre\\_2009.pdf](http://www.ich.pucminas.br/posletras/Scripta_24_I_semestre_2009.pdf)>.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.
- LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa: curso médio*. 9.ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1963.
- LUFT, C. P. A *vírgula*. 1.ed. São Paulo: Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A vírgula*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2001.
- LUIZ SOBRINHO, V. V. *A heterogeneidade da escrita no estudo da vírgula em bate-papos virtuais na internet*. São José do Rio Preto, 2007, 104f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (Unesp).
- \_\_\_\_\_. A escrita infantil na internet: regularidades nos usos da vírgula em um bate-papo virtual. In: SIMELP, I, 2008, São Paulo. In: LIMA-HERNANDES, M. C.; MARÇALO, M. J. (Orgs.). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH/USP, 2008. CD-ROM.
- \_\_\_\_\_. Representações sobre a gênese da escrita em bate-papos virtuais. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, n.38, v.1, p.103-14, jan. -abr. 2009a. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/index.php>>. Acesso em: 10 set. 2009.
- \_\_\_\_\_. Ausência total de vírgulas em enunciados de bate-papo virtual: critérios para a categorização de um gênero do discurso. In: VI Congresso Internacional da Abralin, VI, 2009, João Pessoa. *Anais...* v.1, 2009b. CD-ROM.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2000.

- \_\_\_\_\_. *Análise da conversação*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1991.
- \_\_\_\_\_. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: \_\_\_\_\_; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.13-67.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. Prosodic Domains of External Sandhi Rules. In: HUST, H.; SMITH, N. (eds.). *The Structure of Phonological Representations 1*. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1982, p.225-55.
- \_\_\_\_\_. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.
- PACHECO, V. *Investigação fonético-acústico-perceptual dos sinais de pontuação enquanto marcadores prosódicos*. Campinas, 2003, 132f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
- PINHEIRO, M. B.; PINHEIRO, R. C. Pontuação no msn: razões para sua omissão. *Anais do I CHIP* (Colóquio sobre hipertexto). Fortaleza (CE), 2008. Disponível em: <<http://www.julioaraujo.com/chip/pontuacaomsn.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2010.
- POSSENTI, S. O dado dado e o dado *dado* (o dado em análise do discurso). In: \_\_\_\_\_. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba: Criar Edições, 2002, p.27-36.
- RAVANEDA, H. *Linguagem na internet, quem perde somos nós*. 2010. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/educacao-artigos/linguagem-da-internet-quem-perde-somos-nos-2140285.html>>. Acesso em: 3 mai. 2010.
- SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SELKIRK, E. O. On prosodic structure and its relation to syntactic structure. In: FRETHEIM, T. (ed.) *Nordic Prosody II*. Trondheim: Tapir, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Phonology and Syntax, the Relation Between Sound and Structure*. Cambridge: CUP, 1984.
- SNYDER, I. Ame-os ou deixe-os: navegando no panorama de letramentos em tempos digitais. In: ARAÚJO, J. C.; DIEB, M. *Letramentos na web: gêneros, interação e ensino*. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p.23-46.
- SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- \_\_\_\_\_. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educ. Soc.*, Campinas, v.23, n.81, p.143-60, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 20 abr. 2008.
- SONCIN, G. C. N. O gênero textual e o emprego de vírgulas. In: SIMELP, I, 2008, São Paulo. In: LIMA-HERNANDES, M. C.; MARÇALO, M. J. (Orgs.). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH/USP, 2008. CD-ROM.

- \_\_\_\_\_. *Os usos da vírgula em textos de alunos da última série do ensino fundamental*. Relatório parcial de pesquisa (Fapesp), 2009. (mimeografado)
- TANNEN, D. Oral and literate strategies in spoken and written narratives. *Language*, [s. l.], v.58, n.1, p.1-21, March 1982.
- TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Campinas, 2002, 317f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
- \_\_\_\_\_. Segmentações não convencionais e teorias fonológicas. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v.39, n.3, p.233-44, 2004.
- \_\_\_\_\_.; SONCIN, G. C. N. *O emprego de vírgulas: evidências de relações entre enunciados falados e escritos*. In: II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2009, Évora. Panorâmica de Linguística, Literatura e Cultura do II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. Évora: Universidade de Évora – Departamento de Linguística e Literaturas, 2009. (no prelo)
- VEYNE, P. M. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- XAVIER, A. C.; SANTOS, C. F. O texto eletrônico e os gêneros do discurso. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, v.4, p.51-7, 2000.

SOBRE O LIVRO

Formato: 14 x 21 cm  
Mancha: 23,7 x 42,5 paicas  
Tipologia: Horley Old Style 10,5/14  
Papel: Offset 75 g/m<sup>2</sup> (miolo)  
Cartão Supremo 250 g/m<sup>2</sup> (capa)  
1ª edição: 2012

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Coordenação Geral  
Marcos Keith Takahashi

Os sinais de pontuação têm sido um aspecto importante no currículo escolar, pois a escola se ressentia de que os alunos não sabem pontuar sua produção escrita. Se a pontuação em textos canônicos escolares ainda é um objeto árido, o que dizer sobre a pontuação na internet? Viviane Vomeiro Luiz Sobrinho traz este assunto à lume em seu livro sobre o fenômeno dos usos e ausências de vírgulas em *chats*. Raros são os estudos que se debruçam sobre o fenômeno da *pontuação na internet*, principalmente que mostrem o que pode nos revelar os *usos não convencionais de vírgulas em bate-papos virtuais* – um objeto de pesquisa muito bem construído pela autora, cuja contribuição é inegável para quem se interessa por Linguística, Ensino de Língua Materna, Comunicação, Educação e tantas outras áreas afins.

JÚLIO ARAÚJO

*Viviane Vomeiro Luiz Sobrinho* é pedagoga e mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), *campus* de São José do Rio Preto. Atualmente é aluna de doutorado em Estudos Linguísticos pela mesma instituição e atua como professora da rede municipal de ensino de São José do Rio Preto (SP).

